

Ferreira & Oliveira, Lt.^{da} — Livreiros Editores

LISBOA — Rua Aurea, 132, 138

D. João de Castro

JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras

de dois excursionistas meridionaes

INDICE:

Povoa do Varzim, Villa do Conde, Azurara - - Braga — Jornada de Braga aos Arcos — Arcos de Val-de-Vez, Ponte da Barca — Uma jornada romantica — Aventuras na Barca — Ponte de Lima — Vianna do Castello — Valença, Caminha — Barcellos — *Conclusão*.

1 vol. in-8.º br. 600 — Cart. 700 réis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Jornadas no Minho

Um bello dia dois amigos, antigos companheiros na escola e na esturdia, resolveram abandonar a civilisação da cidade e ir, por esse Minho fora, á cata de impressões, ar puro e natureza virgem. Percorreram todo o «jardim de Portugal», desde Braga a Barcellos, passando por Arcos, Ponte da Barca, Vianna, Valença e Caminha, e como sejam dois espiritos cultos e esthetas, vão annotando na sua derrota os encantos da paisagem, aqui e alem manchadas pelo Progresso ou pela phantasia profanadora de brasileiros de torna-viagem; os costumes dos povos, typicos e ingenuos, quasi infantis; os padrões de um passado heraldico e glorioso; os ridiculos da politica de campanario; tudo emfim, quanto constitue o relevo physico e a vida da pittoresca região minhota.

O relato d'essa encantadora excursão acaba de fazel-o D. João de Castro n'um volume intitulado *Jornadas no Minho*.

Summario

MAGAZINE

PAG.

PARA A CERA DE SANTO ANTONIO! (Quadro de MANUEL BORDALLO PINHEIRO 1876).....	FRONTISPICIO
A RAINHA SANTA (15 illustrações) por José LOBO D'AVILA LIMA.....	443
A TEIA D'ARANHA (3 illustrações) por João GOUVEIA.....	454
A TORRE DO TOMBO (10 illustrações) por D. José PESSANHA	458
OS DOIS EXTREMOS DA ESCALA— O FIDALGO — O BICHO DE COSINHA.....	469
ABANDONADA Poesia, por MANUEL DE MOURA.....	470
IMPRESSÕES DE PORTUGAL (12 illustrações) por LUISE EY.....	471
SINGULAR DESASTRE DE AUTOMOVEL (2 illustrações) por RANGEL DE LIMA.....	479
PROTECCÃO AOS DESVALIDOS—OS CEGOS II (23 illustrações) por VICTOR RIBEIRO.....	483
EFFECTOS DE LUZ —A ESPHINGE (cliché Affonso Lopes Vieira).....	496
BENITA, Romance Africano (3 illustrações) por H. RIDER HAGGARD	497
A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA (13 illustrações) por José DE FIGUEIREDO.....	508
UM QUADRO (1 illustração) por AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.....	513
CONCURSOS PHOTOGRAPHICOS DOS «SERÕES» (3 illustrações e 1 vinheta).....	515
OS SERÕES DOS BÉBÉS — A FLOR MAGICA (3 illustrações e 1 vinheta).....	519
XADREZ, por BALDAQUE DA SILVA (5 diagrammas)	524
ACTUALIDADES (16 illustrações).....	525
OS SEROES DAS SENHORAS (27 illustrações)	
CHRONICA GERAL DE MODAS..... pag. 201	EXPOSIÇÃO DE ARTES FEMININAS EM
OS NOSSOS FIGURINOS..... » 204	PARIS..... pag. 209
SABÃO QUE CRESCE..... » 205	LAVORES FEMININOS..... » 210
ELEGANTES CHAPEUS DE VERÃO.... » 206	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 212
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 207	JARDINAGEM EXTRAVAGANTE
PELO CABELO..... » 208	NOTAS DA DONA DE CASA..... » 214
CHUVA UMA VEZ EM DOIS ANNOS.... » 208	

Uma folha solta de moldes

A MUSICA DOS SERÕES

VALSA

PARA PIANO —Musica de HEDWIGES CARDOSO BENSABAT... 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro	
Anno.....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)	
Semestre.....	1\$200	Moeda fraca.....	12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre.....	600			

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos «SERÕES»

AOS NOSSOS COLLEGAS DA IMPRENSA

Os *Serões* são em geral devedores de carinhoso acolhimento por parte dos seus collegas da imprensa, e temos o maior prazer em repetir os nossos protestos de gratidão. Contudo, por vezes, um ou outro jornal deixa de accusar a recepção dos nossos numeros. Conhecemos sufficientemente a faina do jornalismo diario para não attribuirmos taes omissões senão a lapsos de memoria, perfeitamente desculpaveis. Todavia, pedimos com a maxima instancia aos nossos collegas façam o possivel para supprir taes omissões, afim de que o publico seja informado do apparecimento dos nossos numeros. Ficar-lhes-hemos profundamente reconhecidos por este obsequio.

FRANQUIA DOS «SERÕES»

Como publicação periodica, tem a nossa revista direito a meio porte nos correios. Succede porem que alguns dos nossos correspondentes, ao devolver-nos um que outro numero, se esquecem d'essa vantagem e ficam sobrecarregados com a franquia inteira. Para gozar da vantagem alludida, basta collocar na cinta os dizeres: *Serões — Revista mensal*.

Ficam por esta forma avisados os nossos obsequiosos correspondentes, a quem desejamos evitar um prejuizo inutil.

MELHORAMENTOS NOS «SERÕES»

Um *quidam*, assignante dos «*Serões*», escreve-nos uma carta muito amavel, em que se contem, alem de elogios que nos penhoram, conselhos e indicações que igualmente agradecemos.

Pedimos licença para notar que algumas d'essas indicações já de ha muito teem tido realisção, como por exemplo a que se refere a artigos firmados por escriptores conhecidos.

A collaboração dos *Serões* afigura-se-nos que tem sido variada e selecta, e abstem-nos de citar os nomes illustres que já teem dado brilho á nossa collecção.

Aconselha-nos o nosso dedicado amigo que sigamos passo a passo o modelo do *Je sais tout* na nossa revista. Não negamos que é excellente o methodo adoptado pelo *Je sais tout*, que desde o 1.º numero temos tido ensejo de percorrer. Entretanto, cada revista tem a sua feição especial, e a nossa approxima-se de preferencia dos *magazines* inglezes e americanos, que são os primeiros modelos do genero. A methodisação das materias, tal como se adopta no *Je sais tout*, offerece graves difficuldades de ordem administrativa e material que seria longo explanar, e que só uma colossal empreza pode vencer. Repare o nosso amavel correspondente que nem os proprios jornaes diarios, de mais larga circulação em Portugal, conseguiram ainda systematisar a materia que preenche as suas numerosas columns.

A actualisação dos assumptos só na sua parte generica pode ser objectivo das revistas da indole da nossa, e nunca perdemos de vista esse objectivo.

Desejosos de conglobar, em todo o caso, n'uma unica publicação periodica, todos os elementos de justa curiosidade para as sociedades modernas, nós não desdenhamos até a parte concreta das actualidades, ás quaes em todos os numeros consagramos cerca de 8 paginas, porque de mais espaço não dispomos.

Eis o que sobre este ponto se nos offerece responder ao nosso obsequioso amigo. Quanto aos, outros alvitres apresentados pensaremos n'elles. A figurinos masculinos é que não é facil dar cabimento na nossa revista, a não se occasionalmente. Uma secção permanente estamos mesmo certos que não encontraria um numero muito extenso de leitores.

Outro estimavel correspondente do Porto nos aconselha tratemos de um assumpto *muito interessante e novo na nossa litteratura*. Simplesmente, indica-nos esse assumpto n'uma calligraphia que a todos os nossos esforços de interpretação tem rijamente resistido. Pedimos-lhe o especial favor de nol-o indicar de novo por forma que não envergonhe a nossa habilidade paleographica, que nem o proprio nome do signatario conseguiu desvendar.

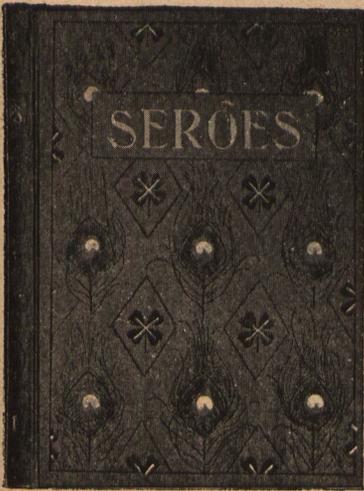
O ANNIVERSARIO DOS «SERÕES»

Com este numero 12 completa um anno de existencia a 2.^a serie dos *Serões*. E' occasião de renovar os nossos agradecimentos a todos aquelles que nos teem permittido entrar n'um caminho de prosperidade, pouco vulgar em publicações d'este genero no nosso paiz; aos nossos collaboradores, aos nossos agentes, aos

nossos assignantes, aos nossos leitores em geral, aos nossos collegas da imprensa, a todos enfim que nos teem dispensado auxilio e sympathia. Conscios já agora de que esta publicação, a mais barata que em Portugal se tem tentado, corresponde a uma necessidade e representa um elemento civilisador, continuaremos a envidar esforços para a manter á altura que lhe indica a nobreza da sua missão e a melhoral-a constantemente, como até aqui temos feito.

Completa-se com o presente numero o 2.^o volume da 2.^a serie, da parte magazine, e o 1.^o volume dos supplementos *Os Serões das Senhoras* e *Musica dos Serões*. Para estes ultimos se estão elaborando, como dissemos, umas capas especiaes em percalina, que em breve estarão ás ordens dos nossos estimaveis assignantes e leitores.

As capas e encadernação dos "SERÕES,.



Os 12 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.^o e 2.^o vol. da 2.^a série para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de 300 réis. «**Os Serões das Senhoras**» e a «**Musica dos Serões**» formam volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles estamos tambem elaborando pastas especiaes

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{DA}

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remetente.

O 1.^o e 2.^o semestre encadernado da 2.^a série dos «**SERÕES**» forma dois bellos volumes de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1.700; — e se já os numeros avulso dos «**SERÕES**» se evidenciam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço—os volumes completos mais mostram que os «**SERÕES**» são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumida n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

- 1.^a — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9×12 centimetros.
- 2.^a — As photographias premiadas serão publicadas nos «Serões» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «Serões» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.
- 3.^a — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «Serões»
- 4.^a — A direcção dos «Serões» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.
- 5.^a — A decisão do jury, escolhido pelos «Serões», será definitiva.
- 6.^a — As provas devem ser enviadas á direcção dos «Serões» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrião os sobrescriptos depois da decisão do jury.
- 7.^a — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réjs**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço da photographia :

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lda., Rua Aurea, 132 a 138
No verso do envelope a indicação: Terceiro concurso photographico.

Obtem-se MAIS GRACA,
MAIS BELLEZA,
bebendo somente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA, RAMOS & CIA
+
RIO
DE
JANEIRO.

The advertisement is framed by a decorative border of roses and other flowers. A woman in a patterned dress is visible on the left side of the frame, holding a large sign that contains the text. The overall style is characteristic of early 20th-century advertising.

markings



DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, sejam dirigidas á séde ou á filial.

PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

BECCO das Cancellas
N.º 2-1.º

BALANÇO DE 31 de Dezembro
DE 1904:

Capital emitido - 2.500:000.000

Capital realizado - 1.000:000.000

Reserva (saldo) ao exercício
seguinte ————— 573:452.430

APOLICES e inscrições de sua pro-
priedade, valor nominal - 1.600:000.000

Deposito no Tesouro 200:000.000

Rio de Janeiro



Pook

CASA
LAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho gr.

M. 1912

CAJAMBU

AGUA DE MESA



Pinheiro 9

Ottoni. Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

13 e 15
TELEPHONE 912.

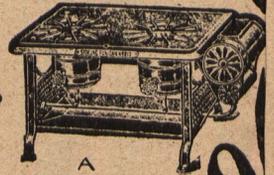
RIO DE JANEIRO



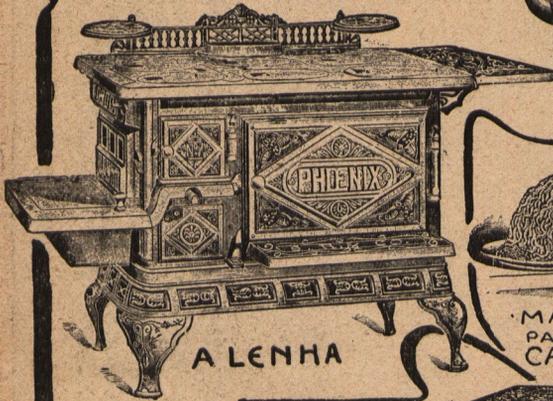
MOINHO
PARA CAFÉ



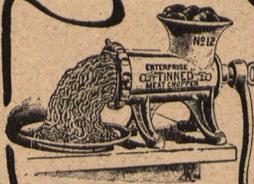
BOMBAS



A
PETROLEO.



A LENHA

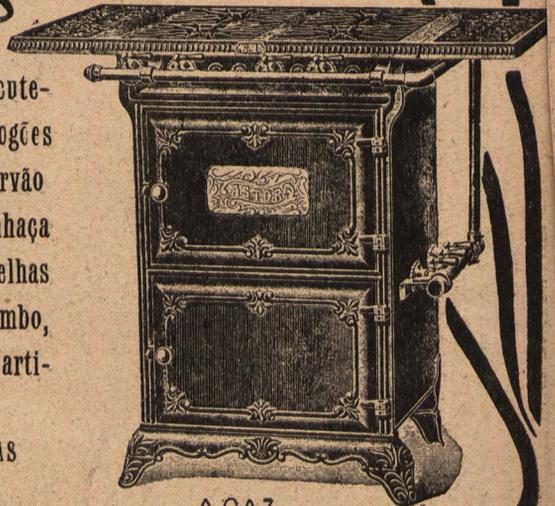


MACHINA
PARA
CARNE.



Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COSINHAS



AGAZ

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brasil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia,
BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço
postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos
A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

General Electric Co. Aparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagon.

The Chloride Electrical Storage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Drill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gasolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co. Mobilia de escriptorio.

Worthington Pumping Engine Co. Bomba a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83

LISBOA

B. gr.

**OFFICINA
PHOTOMECANICA**
S.^o AMARO & LISBOA
ESCRITORIO ✱
C.^o DO FERREGIAL 6-1.^o ✱
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.^o

Rua Garrett, n.º 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moído kilo 720]

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes, especialidade d'esta casa.



Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

FABRICANTES
AGREDITADA
ÁGUA INGLEZA DE GRANADO



GRANADO
& C.^A

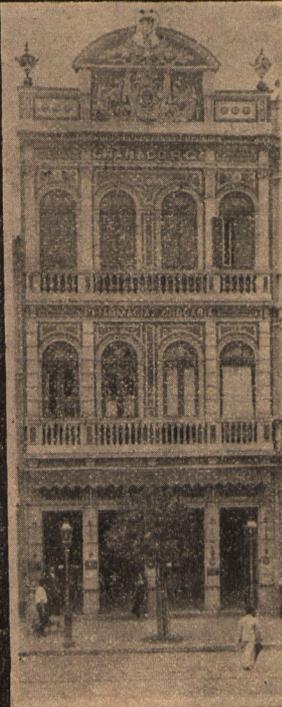
Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12
End. Teleg. «GRANADO»



Grande
Laboratorio
Chimico
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELL

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados.....	18\$000	».....	3\$000
Centro Commercial.....	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrasado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual.....	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

PHONOGRAPHS

CLINDROS

IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS

SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA

REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ

RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO

AGENCIAS NO PARA e RIO GRANDE DO SUL




Trate o seu Cabello com

JAVOL

O que ha de melhor
para o Cabello.



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE
— MOURA —

Refrigerá os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a

LISBOA

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELL

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrasado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

PHONOGRAPHS

CYLINDROS

IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS

SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA

REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ



RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO

AGENCIAS NO PARÁ e RIO GRANDE DO SUL



Trate o seu Cabello com

JAVOL

O que ha de melhor
para o Cabello.



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE
— MOURA —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Silhouettes — *Amelia de Freitas Bevilacqua* — Editor, Manuel Nogueira de Sousa — Livraria Economica — 17, Rua Barão da Victoria Recife — 1906 — Pernambuco — Indice: — Algumas palavras antes de abrir o livro — Silhouettes — O amor perfeito — Paiz dos sonhos — Jramento — No campo — Meu noivado — Razel — Jandrya — 1 vol, in 8.º com perto de 200 paginas impresso em bom papel de luxo.

Jornadas no Minho — D. João de Castro — 1 vol. in 8.º com perto de 400 pag. — Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes — Lisboa, Ferreira & Oliveira Limd Editores.

Bom Humor — João Chagas — 1 vol. in 8.º com perto de 400 pag. — Tres annos de camaradagem, e collaboração com Raphael Bordallo Pinheiro. — Lisboa, Ferreira & Oliveira Limd. Editores.

Manual do medico sanitario — 1 vol. in 8.º com perto de 400 pag. enc. — Acacio Guimarães e Cassiano Neves medicos pela Universidade — Adopção portugueza do *Prontuario dell Igienista* de E. Van Esmark e Francesco Abba — Lisboa, 1906 Ferreira & Oliveira Limd. Editores

Problema feminista — Olga Moraes Sarmiento da Silveira — Conferencia realisada na «Sala Portugal» da Sociedade de Geographia de Lisboa na noite de 18 de maio de 1906, anniversario das convenções de Haya.

Angela Pinto — 1 vol. in 8.º com perto de 200 pag. — Esboços, homenagens e apreciações criticas de varios escriptores, muito illustrado com diversos retratos da actriz — Lisboa, 1906 — Livraria Editora Tavares Cardoso.

Renascença — *Revista mensal illustrada* — Anno III — n.º 26 — Abril de 1906 — Summario — Mortos illustres. Vieira Fazenda — Imagens, (soneto) Luiz Guimarães — A noiva do Golfinho, Xavier Marques — A Egreja de S. Pedro, Araujo Vianna — Os teus cabellos, C. Tavares Basto — Cruz e Sousa, Hemeterio dos Santos — O Brazil Social, Sylvio Romero — Escola de Bellas Artes, Victor Vianna — Cantiga ao genio de meus lares, Alberto Torres — A alvorada de hoje, Dr. Pires de Almeida — Chronica musical, Iwan a'Hunae — Jornalistas argentinios, Alcibiades Furtado — Historia de uma cruz, J. C. Vidal — Aristo, Rodrigo Octavio — A actual Directoria do Instituto Historico, Dr. A. Cunha Barbosa.

Revista de minas — Commercio, Industria e Lavoura — n.º 2 — Abril — 1906 — Distribuição gratuita.

Revista Portugueza, Colonial e Maritima — n.º 103 — 9.º anno — 18.º vol. — 20 de abril de 1906 — Summario. — Alumiamiento e balisagem da bahia de Lourenço Marques — (Concusão) por Hugo de Lacerda. — Reorganisação dos hospitaes em Inglaterra, por A. Apra — Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer, (Continua) por Carlos Ramos Machado — Dados genealogicos e biographicos d'algumas familias fayalenses, Continua) por Antonio Ferreira de Serpa — Notas navaes, por E. de V. — Revista Ultramarina, por Augusto Ribeiro. — Livros e publicações periodicas recebidas — Informaçoes commerciaes — Generos viudos d'África para o mercado de Lisboa.

Vera-Cruz — Quinzenario Politico, Litterario e Humanistico — Anno III — n.º 11 — 6 de maio de 1906.

No seu artigo de fundo explicando a suspensão do *Vera-Cruz*, começa assim

O *Vera-Cruz* não morreu.

Dormia sobre os trophéus colhidas durante a sua honrosa missão. Hoje, porém, elle se apparece armado e equipado, e prompto para a lucta, é que assim o exigem as necessidades da terra que o viu nascer. . .

A Construção Moderna — Revista Illustrada — Anno VI — n.º 32 = 20 de maio de 1906 — n.º 189 — Summario — Casa do Sr. Ernesto Empis, em construção na Avenida Duque de Loulé tornejando para a rua Luciano Cordeiro. Architecto Sr. Antonio Castro — Liquifação do ar — Novas minas de diamantes e outras pedras preciosas — Substancias explosivas — O Edificio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — Os affluentes occidentaes do caminho de ferro de Simplan — Uma casa no Porto — Serviços meteorologicos — Candeeiros com tres luzes — Theatros e Circos.

Illustração theatral — Serie I — 1-4-906 — Emilia d'Oliveira — De raspão — Os teus beijos — Novo barytono portuguez — Paga dobrada — Zig-Zags — Chronica lyrica — Descantes — Pagina Internacional — Qual é a actriz portugueza mais bonita? — A' imprensa.

Os annaes — Semanario de Litteratura, arte, sciencia e industria — Rio de Janeiro — Anno III — n.º 80, 81, 82, 10 de maio, 17 de maio e 24 de maio de 1906.

Boletim photographico — n. 73 — Janeiro de 1906 — Setimo anno — Summario, dos principaes artigos — Setimo anno — Impressões de negativos duros — Uma galeria de pannos brancos — Photographias de interiores — Tom azul — Productos e material novo — Formulario, etc.

Este numero veio muito atrazado pelo motivo do seguinte, que vem publicado como expediente :

Uma modificação importante a fazer no arranjo e aspecto do **Boletim**, e que ia constituir agradável surpresa para os seus leitores, fez com que demorassemos a publicação do primeiro numero d'este anno. Não podendo, á ultima hora, pô-la ainda em execução sem agravar o atrazo já grande do **Boletim**, decidimos adiá-la para o proximo anno, pedindo de tudo desculpa aos nossos leitores.

Echo Photographico — Jornal de Propaganda Photographica — Anno I — n.º 1 — Junho de 1906 — Grande numero de artigos sobre a photographia e uma estampa de uma photographia em fino papel, em photogravura a cores, sendo a vista d'um bello trecho d'uma quinta na Ilha da Madeira.

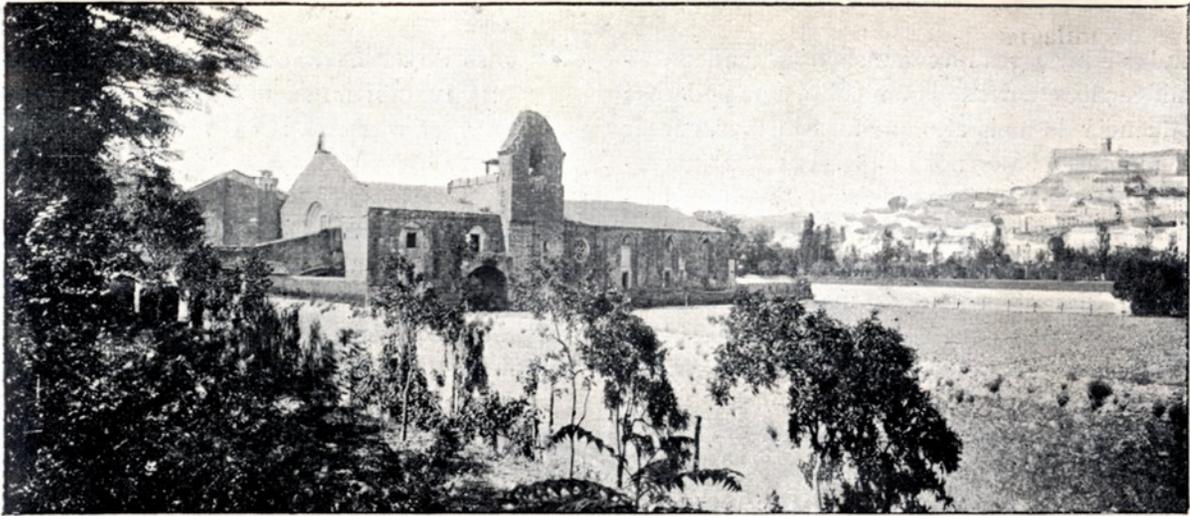
A vinha portugueza — *Revista mensal de Viticultura e agricultura geral* — Dedicada aos progressos agricolas, e principalmente viticolos, do paiz.

Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito antigo inspector geral dos serviços phylloxericos, depois chefe da repartição d'instrução agricola e matas e actual inspector dos epiphytios e Adolpho F. Fassio, com a collaboração dos mais distinctos agricultores, viticultores e agronomos portuguezes e estrangeiros. — Anno XXI — Maio de 1906 — n.º 5 — Summario. — Chronica e noticias — F. d'Almeida Brito. — Vinificação — A. L. U (Continuação) — O Pourridie — A. Fassio — O verão e o vinho — Z. — O trust dos vinhos do meio dia de França — Consultas 19 — Occasião da applicação 20 — Riparias & Rupetris 3306 e 3309 — Trabalhos no mez de Junho.



PARA A CERA DE SANTO ANTONIO!

Quadro de Manuel Maria Bordallo Pinheiro
(1876)



ANTIGO MOSTEIRO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

A Rainha Santa

O culto de Izabel de Aragão — A biographia virtuosa d'uma Santa — O antigo mosteiro de Santa Clara — Suas recordações historicas — Uma bella peça de architectura que se submerge. . . — O novo mosteiro — Trasladação dos restos da Esposa de D. Diniz — O seu tumulo — A crença popular: milagres e superstições — Como se tem representado a figura sacra de Santa Izabel — A obra de Teixeira Lopes.



Já bem perto, nos primeiros dias de julho, quando as varzeas e os campos parecem dolentemente adormecidos na placida ardençia, que lhes trazem primeiros calôres do estio, e

toda a vegetação risonha das mil cambiantes da faustosa e terna paizagem das margens do Mondego patentêa, em multipla reverberação metallica, a prodiga exuberancia de sua seiva, a esposa do rei *lavradôr*, a gloriosa Rainha Santa, como já se dizia em tempos recuados de Affonso V, tem a sua festa, cheia de unção popular e tocante aparato de crença.

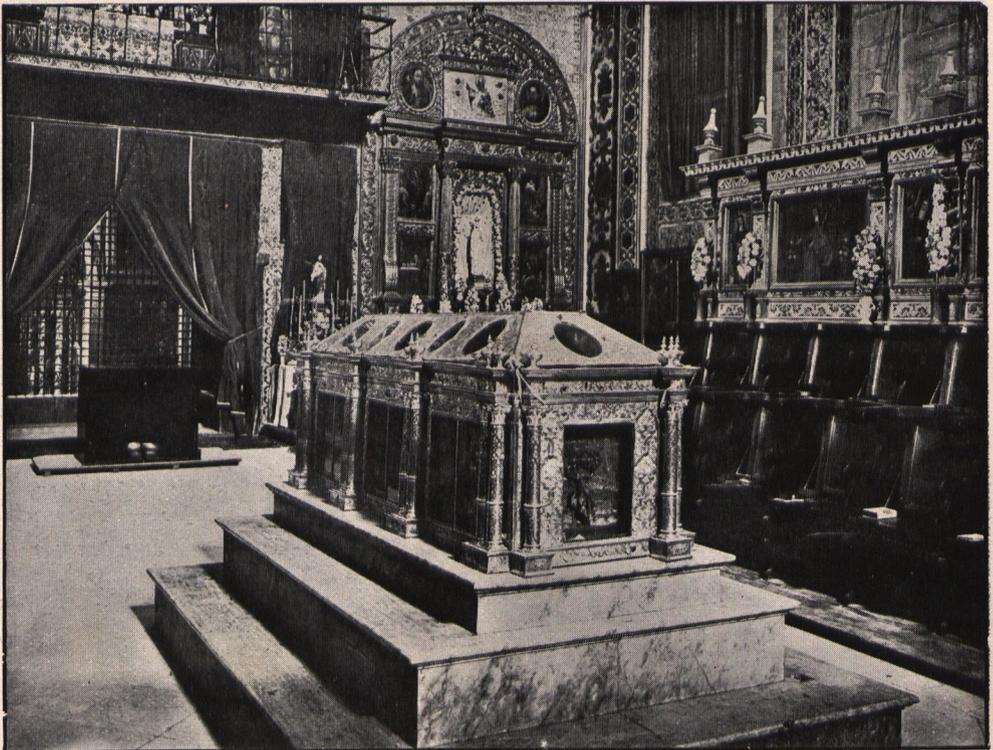
É por certo um dos cultos mais sinceramente abraçados pela alma singela do povo e,

em terras de Portugal, uma das tradições mais fervorosamente votadas, mais intimamente radicadas e mais suavemente tecidas de terna e mystica essencia, o de Izabel de Aragão. Assim devia ser. O espontaneo, brusco e vivo sentimentalismo da alma dos simples é como barro virgem em mãos de artista caprichoso; submisso, n'uma receptividade quasi irresistente, obedece aos contornos e feições primeiras, ás novas circumvoluções e delineamentos variados e multiplos que lhe transmitem as mãos nervosas do artifice. A forte impressão do sobrenatural, o facto que alarma a consciencia e faz crepitar viva a chamma da imaginação cava semelhantemente sua mais profunda senda, toma vulto, logo predomina na inspiração e pratica, n'uma mais intensa remodelação, recolhe tradições,

lendas e milagres na sua mais transcendente significação, e é desde já um culto, uma poderosa influencia de mais alto que faz ajoelhar, curvar as mentes e bater nos peitos. Às vezes uma túnica esfarrapada, uma vida solitária e precariamente vegetariana, um repto de eloquencia illuminada ou um gesto mais persuasivo e caloroso, fizeram um apóstolo, um martyr, um santo, tanto bastando para conquistar adeptos, invadir reverentemente o espirito suggestinonado

A ESPOSA DO REI LAVRADOR — SUA EXISTENCIA —
 UMA IMAGEM DO SEculo XVI — UMA BIOGRA-
 PHIA AUTHENTICA : «A LENDA DA RAINHA
 SANTA».

Ha algumas bem contadas centenas de annos, por entre a clamorosa rudeza medieval, n'uma idade de espontaneo e fecundo sentimentalismo e de grandes e profundas excitações, quando a imaginação abrazada dos povos



TUMULO DE PRATA DA RAINHA SANTA

das turbas. E como quer que todos estes effeitos, como radicalmente filhos que são da natureza humana, têm muito de externamente patenteado e convincente, atrahindo o olhar e por igual alliciando o sentimento — o idealismo, as formulas ardentes da crença revestem tanto maior e mais vitalizado symbolismo, se apraz além no passado ir chumbar seus primeiros élos na ampla lapide d'um acontecimento historico, no tumulo e memoria d'uma grande e poderosa figura, acaso o perfil modesto d'um romeiro ou a irradiante e excelsa magnanimidade d'uma nobre, d'uma virtuosa testa unvida... A Rainha Santa pertence legitimamente a esta ultima categoria.

mergulhava bem intensamente na plena necessidade do *sobrenatural*, uma mulher de alma candida e generosas intenções creou a sua obra de suggestivo e elevado mysticismo. Viveu uma vida inteira de Bondade, Luz e Amôr, esmolando, enxugando lagrimas, curando males e dôres, n'uma pratica incansavel de sãos exemplos e superiores ensinamentos, despertando affectos puros por élos de concordia, semeando o Bem, a Harmonia e a Fraternidade. Realisou em si e no mundo aquelle ideal de existencia, pura e fertil, de sobrelevada essencia e excelsas normas, distribuindo o perdão e o óbulo, n'uma tarefa immensa de dedicacão, trilhando com humildade aquella senda tortuosa e anor-

mal da vida, que os homens interpretam olhando o firmamento e chamam santidade. É singularmente verdadeira e justa,

d'entre as varias versões de que sobre a pessoa da Rainha Santa dá testemunho a iconographia liturgica, uma illuminura do seculo xiv, em que a esposa de D. Diniz nos apparece, revestida d'um pobre habito de estamenha, em vez das vestes reaes, cingido pelo cordão de esparto franciscano, na cabeça um véu de freira e corôa de es-

pinhos, e na mão um crucifixo, com a divisa ao

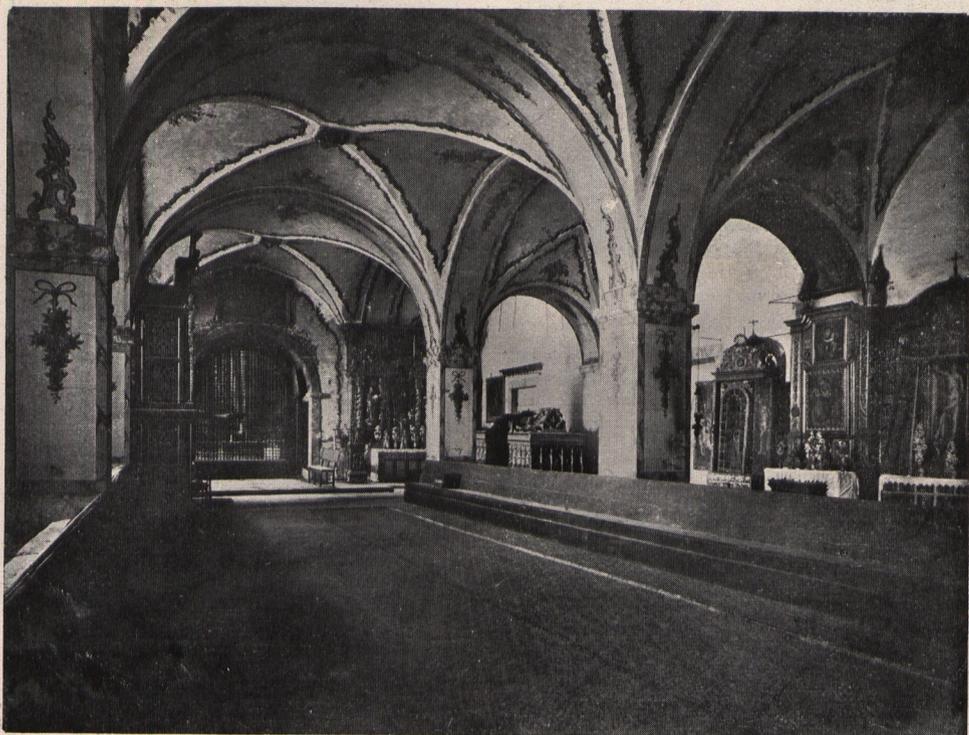
fundo: «Cruce et spinea Domini mei sceptrum et corona mea».



COLLAR DA RAINHA SANTA
De ouro com algumas pedras e perolas

Existe um livro simples, sinceramente recolhido da bocca do povo, que é a mais pathetica, curiosa e primeira reseña e biographia da esposa do Rey D. Diniz: a «Lenda da Rainha Santa» que frei Brandão não esqueceu inserir na «Monarchia lusitana». Alli, bem pormenorizada e intima, familiarmente

narrada, a existencia evangelica de Izabel de Aragão decorre ante o leitôr, do nascimento



CORO DE BAIXO E TUMULO DE PEDRA DA RAINHA SANTA, NA EGREJA DE SANTA CLARA



IMAGEM DA VIRGEM DO PILAR
QUE SE DIZ TER PERTENCIDO A RAINHA SANTA

Em prata artisticamente burilada, tendo os escudos de Portugal e de Aragão, alternados por toda a correia que a cinge, e cuja extremidade pende adeante. Assenta sobre duas cabeças de leão. No peito da imagem ha um relicario.

á morte, reproduzindo alegrias e tristezas, trabalhos e desgostos, dando testemunho franco de suas devoções, praticas de caridade e até virtudes domesticas, em linguagem chã e desprerenciosa, com o sabôr reverente de paginas amarellecidas e archaicas. As virtudes excelsas da soberana, a sua dedicação, dotando donas e donzellas, provocando com lagrimas uma reconciliação, vestindo e alimentando a indigência, e até simulando ignorar culpas, criando e dando abrigo aos filhos naturaes de D.

Diniz, n'uma esplendorosa e recolhida magnanimidade de coração, resaltam e commovem a cada pagina da «Lenda» e das narrações lavradas pela ingenuidade monastica em suas chronicas, biographias, agiologios e devocionarios.

Morto el-rey, a rainha renuncia mais terminantemente ao mundo, sem esquecer resalvar algumas de suas justas prerogativas. Veste o habito de lã e cinge-se com a corda nodosa das freiras de Santa Clara, vela sua cabeça com o pannó de linho das noviças e, um anno passado sobre o passamento de D. Diniz, foi fixar sua residencia nos Paços de Santa Clara. Tempos após, abalada já sua saude pelos trabalhos, cilicios e declinar dos annos, a virtuosa esposa de D. Diniz, victima do *carbunculo* conforme a opinião erudita do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz no seu notavel estudo «Izabel de Aragão», esmorecendo pouco a pouco e cerrando suavemente os olhos, balbuciando uma ultima prece, findou tranquillamente. a sua existencia terrena N'aquelle momento a Rainha Santa iniciava uma segunda vida, gloriosa, perenne, ternamente sobrehumana!



QUADRO QUE SE DIZ DO SEculo XIV

O original está em Colonia, sendo esta reprodução de outra que pertenceu a el-rei D. Luiz e já foi publicada na obra «Rainhas de Portugal» de Benevides. É desenho de Columbano e gravura de Alberto. Inserta na obra do Dr. Garcia de Vasconcelloz.

O VELHO MOSTEIRO DE SANTA CLARA — UMA PRECIOSIDADE E UM PROBLEMA DE ARCHITECTURA GOTHICA — O CLAUSTRO AMENO DAS FREIRAS CLARISTAS — AGUA DA FONTE DOS AMÓRES — RUINAS VENERANDAS.

Galgada a ponte que então ligava as duas margens do Mondego, á esquerda, poucos passos entrados no chamado burgo de Santa Clara, deparava-se com o antigo e bello monumento da mesma invocação, a instituição de D. Mór

Dias, que a Rainha Santa escolhera para manso recolhimento de sua viuvez.

Na planicie fertil é bem regada, dentro dos limites d'uma ampla cêrca rasgada ao poente pela portaria encimada por uma grande e florida *rosacea*, e por isso denominada *porta da rosa*, erguia-se o velho mosteiro, sumptuoso, severo mas elegante e bem destacado, rasgando os ares com a sua bem delineada contextura gothica, n'um perfeito acabamento de estylo e geraes delineamentos.



ILLUMINURA DO SECULO XVI, REPRESENTANDO A RAINHA SANTA
Copia de uma gravura inserta na obra do Dr. Garcia de Vasconcellos

As naves da igreja offerciam uma extranha particularidade, como observa um erudito; a central era mais larga ao fundo do côro do que junto da entrada da capella-mór, e as naves lateraes ao contrario são mais estreitas no tópo occidental do que no d'oriente: o caso

tico magestoso, tendo fronteiro um alpendre hoje quasi completamente destruido, dava entrada aos fieis. Cruzes rematam a construcção, a do oriente tendo gravado um escudo com as quinas em uma e outra face, e a do lado occidental com quatro escudos, dois com as quinas



ANTIGA IMAGEM DA RAINHA SANTA

constitue um verdadeiro problema architectonico.

As naves vinham terminar em ábside, sendo as duas lateraes bem mais pequenas que a central, e em cada uma dellas, segundo a erudita referencia de Philippe Simões, «os capiteis das columnas são mais perfeitos que os outros da igreja. A abobada é muito elegante, á maneira de cupula e artozoada». Do lado norte um por-

de Portugal e dois com as barras de Aragão.

O templo, a que acabamos de fazer rapidas referencias, offerece ainda a curiosidade architectonica de haver dentro d'elle *outra igreja*, pequena e inteiramente distincta da principal. Ao fundo, sobre a abobada e no corêto ficava o tumulo da Rainha. O claustro principal do antigo mosteiro era de vasta e sumptuosa architectura, segundo o descreve a chronica de

Esperança, transcripta no notavel estudo do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz. As arcadas que o cingiam, de primoroso lavôr e rêde de pedra, sustentavam abobadas, sobre as quaes havia amplos terraços em toda a volta.

Ao centro espelhava o céu e a luz um grande e aprazivel tanque, alimentado pelas aguas de muitas fontes, e entre ellas a *dos Amôres*, da quinta do Pombal, hoje quinta das Lagrimas, e jorrando pela bocca de variadas figuras, sendo a maior uma serpe mansamente enroscada no braço d'uma nympha. Ainda para além ficava o refeitório e junto a elle uma casa formosissima sobre columnas e arcos, onde as freiras vinham lavar suas mãos n'um curioso chariz.

De toda esta sumptuosidade hoje apenas restam as paredes e abobadas do côro e egreja, tendo já desaparecido a propria ábside central. O abandono a que se tem votado esta gloriosa peça architectonica constitue por certo uma das paginas menos honrosas da historia da arte portugueza.

Na sua constante obra de demolição, o Mondego soterrará um dia a ultima pedra do venerando edificio, e ter-se-ha assim inteira e ingloriamente sepultado um dos mais curiosos e bellos specimens da architectura gothica em Portugal!

A OBRA CARITATIVA DA RAINHA SANTA — HOSPICIO E PAÇO — UM POUCO DE HISTORIA — O NOVO CONVENTO E D. JOÃO IV — A TRASLADAÇÃO SOLEMNE — O SAQUE DA GENTE FRANCEZA — VISITAS REAES AOS RESTOS INCORRUPTOS DA RAINHA SANTA.

Junto ao mosteiro mandara a Rainha Santa construir, além de seu Paço, um hospicio para

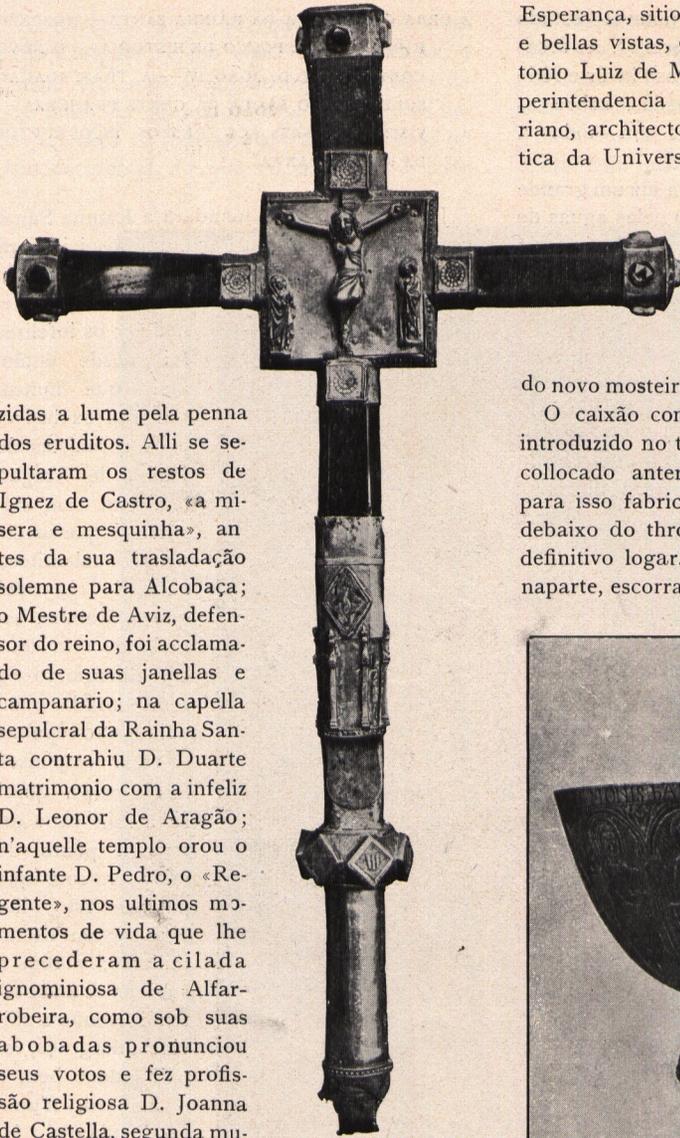
pobres e mais outros edificios. Beneficiar os infelizes foi desde então, mais que nunca, seu fim exclusivo, e os chronistas de Izabel de Aragão lembram com singeleza o que succedeu no calamitoso anno de 1333, em que a Rainha, esmolando sem conto, albergando os sem pousada, e até mandando sepultar e rezar responsos aos mortos, quasi se arruinava e esteve a ponto de não ter com que passar. Isto lhe observavam os familiares; porém a soberana a nada attendia senão a alliviar a desgraça, espalhando o bem e o amparo, n'uma prodigalidade fecunda e celestial de virtude e radio-so contentamento.

Mas todos aquellos logares de suave recordação historica foram ruindo, sorvidos pelas aguas do rio. Testemunhas da bon-

dosa existencia da Rainha Santa, aquelle templo e paredes, que têm vinculadas datas memoraveis da historia portugueza, vivem hoje de recordações abstractas, reminiscencias tra-



IMAGEM MODERNA DA RAINHA SANTA
Esculptura de Teixeira Lopes



zidas a lume pela penna dos eruditos. Alli se sepultaram os restos de Ignez de Castro, «a misera e mesquinha», antes da sua trasladação solemne para Alcobaça; o Mestre de Aviz, defensor do reino, foi aclamado de suas janellas e campanario; na capella sepulcral da Rainha Santa contrahiu D. Duarte matrimonio com a infeliz D. Leonor de Aragão; n'aquelle templo orou o infante D. Pedro, o «Regente», nos ultimos momentos de vida que lhe precederam a cilada ignominiosa de Alfarrobeira, como sob suas abobadas pronunciou seus votos e fez profissão religiosa D. Joanna de Castella, segunda mulher de Affonso V,

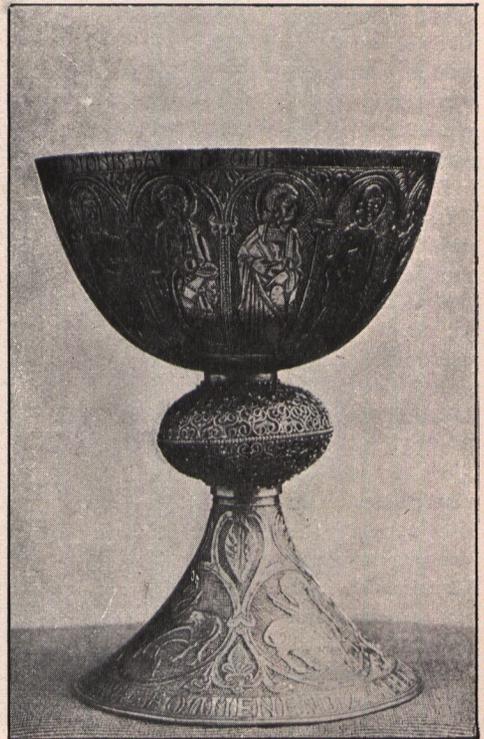
a excellente senhora; e foi tambem do pulpito da veneranda egreja do antigo convento de Santa Clara, que a austera e virtuosa figura de D. Frei Bartholomeu dos Martyres pronunciou, perante a leviana côrte de D. Sebastião, uma das suas mais clamorosas e sãs prédicas de evangelica e desassombrada eloquencia.

Em fins do seculo xvii o templo ameaçava franca ruina. Então D. João iv ordenou a mudança do convento para o vizinho monte da

Esperança, sitio devéras pittoresco e de largas e bellas vistas, o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes foi encarregado da superintendencia das obras, e a frei João Turriano, architecto notavel e lente de mathematica da Universidade, foi incumbida a planta do edificio (1).

Finalmente, em julho de 1696 realisou-se com grande e faustosa solemnidade a trasladação, que era a terceira, do corpo da Rainha Santa para a ampla egreja do novo mosteiro de Santa Clara.

O caixão com o corpo de Santa Izabel foi introduzido no tumulo de prata, que tinha sido collocado anteriormente na tribuna especial para isso fabricada, acima do altar-mór e por debaixo do throno. Não seria, porém, ainda o definitivo logar. O saque dos exercitos de Bonaparte, escorraçados do Bussaco, apavorou as



CALIX DO SEculo XIII

(1) Snr. Dr. *Garcia de Vasconcellos* — Izabel de Aragão — pag. 498 e seguintes. D'esta obra temos extrahido grande somma de apontamentos historicos.



CRUZ PROCESSIONAL DE CRISTAL E PRATA DOURADA

Diz a tradição do convento ter pertencido á Rainha Santa, mas na opinião do Sr. Dr. Garcia Vasconcellos, mais parece obra do século xv

freiras; encerraram o corpo da Rainha Santa n'uma cella, d'onde foi tirado annos depois e conduzido para o côro do mosteiro, para estar mais commodamente disposto para ser venerado pelas pessoas reaes que o têm visitado. Estiveram allí D. Miguel, D. Maria II, D. Pedro IV e seus irmãos; e já tambem se patenteou

o corpo incorrupto de Santa Izabel ante a presença do fallecido rei Humberto, do rei D. Luiz e da Rainha D. Maria Pia, do infante D. Augusto, do imperador do Brazil D. Pedro II e dos actuaes monarchas portuguezes.

D'uma das vezes que se realisou o acto da abertura do tumulo da Rainha Santa e foram



RAMO DE CORAL SOBRE DOIS LEÕES DE PRATA

Serve de sustentaculo a um relicario do mesmo metal contendo um fragmento do Santo Lenho. Tambem tem as armas da Rainha Santa.

patenteados seus restos, existem curiosos documentos transcriptos na obra do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz.

O acto solemne, a que nos referimos, foi em principios do seculo xvii, em 1612. N'uma carta particular, o licenciado Manuel Martins, secretario do Bispo-Conde D. Affonso de Castello Branco, dá testemunho simples do que viu e observou. Contemplou o rosto senhoril (mui alvo e formoso, accrescenta n'um escripto ou-

tra testemunha presencial, o Dr. Balthazar d'Azeredo, ao tempo lente de prima jubilado de medicina na Universidade, physico mór de Sua Magestade e um dos peritos que assistiram á abertura do tumulo), os cabellos louros e toda a incorrupta figura muito semelhante á que repousa na lapide tumular. O corpo estava envolto n'um tecido encerado, n'uma ampla colcha de seda branca e em pannos como lençoes. O tecido encerado de duas dobras era tão forte, escreve ainda n'uma carta tambem transcripta o mestre Sebastião Coutinho de Sousa, que se não poude abrir senão com um escopro de carpinteiro. Em cima d'este tecido estava um bentinho, porventura a bolsa de esmolar da Rainha, e um bordão como muleta, com as pontas engastadas em ouro ou prata dourada e cravejado de muitas conchinhas. A Rainha Santa, dissera o physico-mór, parecia ter morrido na vespera!

O tumulo onde se encerram os restos da Rainha Santa é obra notavel. Em fórma de arca monumental, tem quatro faces amplas de bello e alto relêvo, n'uma variedade bem estylisada de motivos e decorações, bem cavados nichos bem talhadas figuras, elevando-se magnificente até ao alto, a larga pedra e cobertura sepulcral, sobre a qual descança a estatua da Rainha, cuja frente se abriga na sombra d'um baldaquino de boa altura. A attitude e expressão são humildes e significativas: a soberana sobraça o bordão de peregrina, o livro de orações e a bolsa bem recheada de moedas, cujas fórmias redondas se salientam na pedra. A tradição, trazida singelamente pela crença ingenua do povo, refere que, quando nos momentos de crise da patria portugueza, se espalha sempre pelo templo suave aroma exhalado do tumulo; e é lenda que do rosto da estatua da Rainha Santa, jacente em seu tumulo, deslizaram copiosas gottas de suor n'aquelle dia nefasto da infeliz jornada de Al-cacer-Kibir!

▲ OBRA DA CRENÇA POPULAR — CURAS E MANIFESTAÇÕES SOBRENATURAES — A RAINHA SANTA E A ARTE

O culto da Rainha Santa Izabel, ainda hoje profundamente enraizado na alma e crença do povo portuguez, tem amplas e veneraveis tradições historicas. As chronicas, biographias e devocionarios que se referem á Rainha Santa nserem longas resenhas, ferteis divagações, relações de milagres, o producto sincero da pratica religiosa popular coada atravez do mysticismo monastico dos seculos passados. Curas de surdos, e cegos; ulceras sanadas; paralyticos recuperando perdidos movimentos, e a tradição que nenhum chronista esquece do liquido aromatico que escorre sobrenaturalmente do ataúde da Santa... A representação material da imagem venerada tem surgido sob diversa e multipla fórma na imaginação dos artistas; a arte acompanhando racionalmente a inspiração do vulgo, que sempre e necessariamente concretisou os objectos de adoração, n'uma synthese material, visivel e palpavel que vae desde a philosophica concepção pantheista até aos rudes e reduzidos delineamentos da estatueta, da imagem, ou da illuminura.

A primeira imagem da Rainha Santa, segundo dá nota Papiniano, apresentou-a trajando vestes reaes, coroada, tendo no regaço rosas brancas e vermelhas, symbolismo todo que resurge na concepção ultima de Teixeira Lopes. A imagem é do seculo xvi, como ao mesmo seculo se attribue o typo iconico da Rainha Santa, a que já nos referimos, de estamenha, véu de freira e coroa de espinhos.

Tem-se representado ainda sob outra forma, imitação da estatua sepulcral: vestida de freira clarista, coroa real cingindo o véu, que lhe cobre a cabeça e na mão o bordão de peregrina. Em Braga, diz ainda o Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz, apparece outro typo: D. Izabel vestida de Rainha, com toda a opulencia e magestade da realza; a fimbria do vestido, um pouco levantada, deixa vêr a estamenha do habito franciscano, que está por baixo.

Das representações referidas, a mais vulgar é a primeira, tendo-se-lhe adicionado um pobre que, de joelhos junto da Rainha, recebe a esmola d'uma rosa, cujas petalas mal encobrem uma moeda de ouro.

A ultima concepção artistica da imagem da Rainha Santa é a do grande artista Teixeira Lopes. Á luz da sua bella e alevantada imagi-

nação, natural e simples, escutando a inspiração do povo e acalentando bem no amago da sua profunda alma toda aquella singela intuição que dá vida ao bloco frio e significação ao marmore mudo, o escultor firmou e consagrou elevadamente uma das suas mais tocantes, perfeitas e immortaes producções. Por certo Teixeira Lopes não *creou*, arrancando, n'um esforço espontaneo e repentino, n'um clarão



CALIX QUE SE SUPPÔE OFFERECIDO
POR EL-REI D. MANUEL AO MOSTEIRO CLARISTA

Para servir ao culto da Rainha Santa, quando veiu de Roma o privilegio da Beatificação — Photographia de J. Sertorio e phototypia de E. Biel.

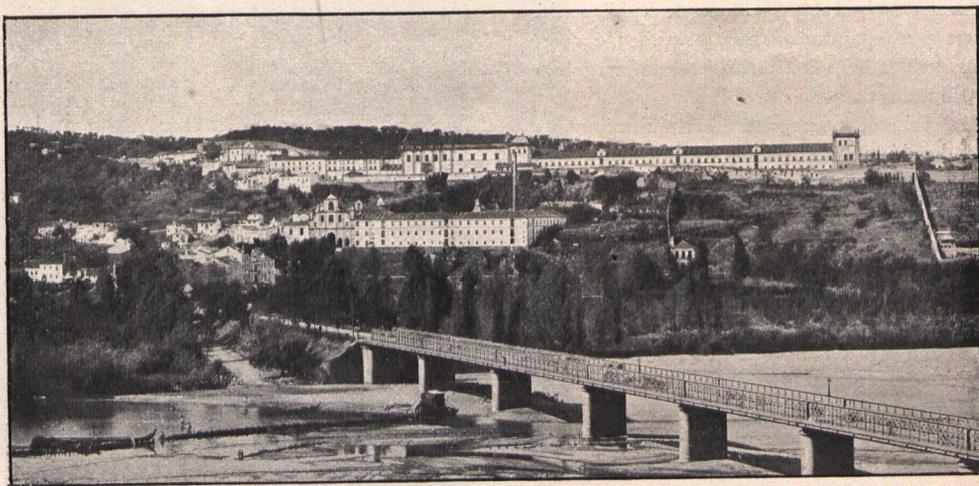
scintillante de imaginação, uma figura incognita (não querendo nós dizer que a imaginação e mente do grande artista não sejam capazes de *motivar* n'uma poderosa *originalidade conceptiva*), do que era *nada*, tosco uniforme e inexpressivo, e agora é bello, sublime, olympico e divinal. . . .

Soube, porém, com extraordinaria e inexcidível correcção de escopro, resuscitar Izabel de Aragão, dar-lhe luminosa e soberana vida na plana d'um pedestal, com suas vestes cheias de humana e natural compostura, suas mãos delicadas e em suave intenção, e principalmente na bondosa e humilde expressão do rosto, que tem vida e sentimento humano e não apavora nem intimida extranhamente como as faces de

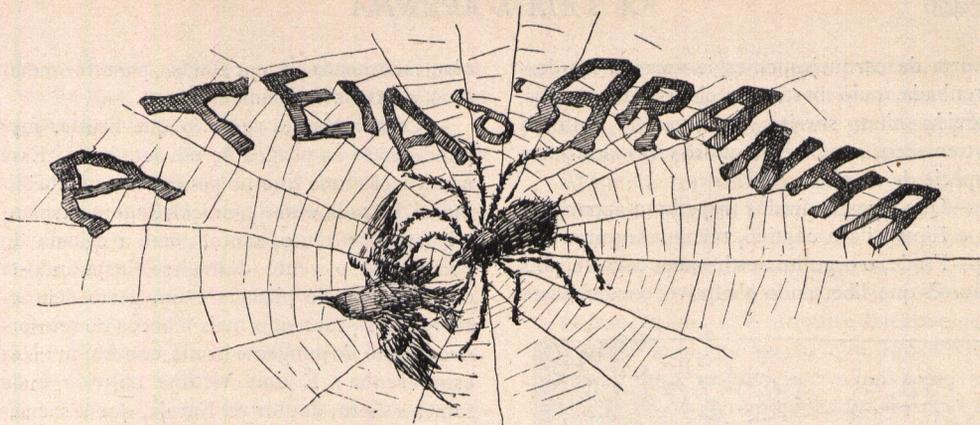
alguns santos, mas que tem por igual mystica e ciliciada transcendencia, porque é de Izabel de Aragão, da Rainha Santa Izabel.

É por isso que o povo na sua eterna e acreditada suggestão, ao passar o andor da Rainha Santa, olhando as faces subtís da soberana, parece ter uma indecisão, aquelle olhar e attitude attrahem-no; e elle como que caminha, reverente e humilde, a solicitar auxilio, abrigo para a sua desdita, e esmola para a sua acrisolada indigencia. E das mãos delicadas da Santa, capellas frescas, rosas brancas e vermelhas, rolam sempre, transmutadas e lendarias, perfumadas e viçosas para os pobres e humildes da terra de Portugal!

JOSÉ LOBO D'AVILA LIMA



VIS'Á GERAL DO NOVO CONVENTO E BURGO DE SANTA CLARA



oi n'uma tarde pelo estio.

Antonio, o sapiente e beato Antonio, que trocára de bom amor o seu lindo nome de Fernando e o luzido traje de sua casa illustre, um, por quatro syllabas anonyms e humildes, outro, pela samarra deselegante e austera da ordem, escolhera n'aquelle dia a hora vespertina e o campo, para no silencio d'esse instante deserto scismar e comprehender melhor os mysterios da vida.

Não era aquelle moço que a phantasia dos namorados idealizou, de linda bocca sensual e annelados d'ouro sobre a fronte; era um homemsinhô vulgar, obêso, ligeiramente curvado, humilde como um mendigo, cujo rosto adiposo e inexpressivo mal deixava adivinhar as torrentes de bondade e sapiencia em que jazia mergulhada a sua alma grave e formosissima.

Nada mais simples que o seu vulto entre as coisas simples da campina... Não era mais pacifico um ramo d'oliveira sobre um muro, nem mais amovel e tranquillo o aroma dos vallados.

Scismava no mysterio da morte e na justiça divina, e escurecia-lhe a vasta frente aquella nuvem singular que accusa o pensamento que trabalha, perscrutador e attento.

Eis que ali perto, á beira do atalho florido de espinhosas, uma pequenina carriça, implume quasi, cahida n'uma teia, a piar, n'um afflictivo bater d'azas, veiu perturbar o transcendente curso em que n'esse momento gravitava a ideia ousada do franciscano Antonio.

A pequenina ave, cada vez mais preza na teia espessa de uma enorme carangueja, debatia-se angustiada clamando por soccorro, chamando

os paes talvez, que andavam longe. E Antonio, curvando-se mais, de braços estendidos, precipitou-se, como se um vento de piedade o impelisse, para a innocente vida ameaçada, completamente esquecido do seu thema transcendente e todo entregue ao goso de libertar um captivo.

A aranha, como uma pythoniza fascinadora, esperava immovel que as malhas da sua rêde acabassem de paralyzar a ave: — o seu jantar.

Antonio, ao vel-a de perto, não poude conter um movimento de repulsão.

Era na realidade horrendo o phantastico animal, com o seu enorme papo listrado de negro e ouro, lembrando uma armadura, com os seus olhos ovaes de uma fixidez insupportavel e as suas longas pernas, como estyletes curvados, em forma de garra.

«Se o seu tamanho fosse proporcional á sua fealdade, «pensou Antonio», seria esta vivente creatura a Bêsta do Apocalypse. Seria o monstro dos monstros, que, ao vel-a, iriam occultar-se tremendo no mais profundo das cavernas».

Ergueu por fim a vista para a ave, agora quieta, preza de todo pela teia, e comparou aquellas duas formas de *ser*: uma, pareceu-lhe adoravel, meiga, harmoniosa; a outra, apenas repellente... e, n'um gesto lento, grave, que parecia derramar justiça, ergueu o braço e libertou a aza.

Descia já a pequena escarpa esboroante, quando d'entre as moitas ouviu uma voz ironica dizer-lhe:

— Que fizeste, frade?

Antonio, surprehendido, voltou-se lentamente, sempre com a ave aconchegada ao peito, e ergueu os olhos. Ao alto, por entre uma

aberta de carquejas, emergia uma cabeça desgrenhada, cujo rosto parecia vir de seculos, torcido n'um sorriso de escarneo. Antonio estremeceu, como se houvesse visto uma outra especie de aranha.

— Que fizeste, frade? repetiu a aparição.

— Libertei um captivo, tornou Antonio.

— Frade, o orgulho dos homens cega-te, pois não vês que, libertando o captivo, condemnaste



DO ALTO... EMERGIA UMA CABEÇA DESGRENHADA

um innocente. Baixa os olhos, abre-os bem, perscruta bem... que vês a teus pés?...

Antonio, calado e humilde, fitou a terra com interrogações no olhar.

— Considera, continuou o desgrenhado, que formidavel destroço em tão exiguo espaço; e apontava a sombra do tojal, onde, suspensa d'um só fio que resistira á catastrophe, a ara-

nha, acorada e encolhida, parecia medir toda a extensão da sua desgraça.

— Comprehendes agora o que fizeste, suppondo estar na pratica de um acto justo? Essa admiravel renda que ha pouco viste, tão habilmente lançada entre canniços e agora desmantelada, valia tanto, tanto, como a cabana do pobre que o vento destruisse, inspirando-te uma lagrima de piedade e um gesto de socorro... E, torcendo mais a bocca no seu sorriso eterno de pungente ironia, continuou: Vês esta aranha? É uma victima da vida e da fome, e és tu, doutor da Igreja, que a sacrificas, tu, que não te lembraste que nunca te esqueces de jantar. Comprehendes? Foste injusto, leviano... Persistes em que praticaste um acto de justiça?

— Como todos os que Deus inspira á piedade humana, disse Antonio imperturbavel, fitando a pequenina ave assustada.

— Enganas-te frade; não foi a justiça que te inspirou, porque a justiça... não existe sobre a terra. Se existisse e tu a comprehendesses, nada tinhas que fazer entre essas duas creaturas; e apontava a aranha e a ave.

O unico *direito*, se assim lhe queres chamar, que se impõe aos teus olhos é o da força, e foi arrimado a elle que libertaste a ave, assim como a ave se tivesse força poderia fugir e, finalmente, como a aranha poderia devorar a preza se tu não apparecesses.

— A protecção de Deus não abandona os fracos, disse Antonio de olhos baixos.

— Assim, suppões ter sido para a ave a protecção de Deus, porque, como viste, sem ti, ella teria sido fatalmente devorada.

Mas quem protege a aranha? Não será o mesmo Deus? Não será ella tambem uma vivente creatura na qual reside o mesmo mysterio, o mesmo principio divino que a faz viver?

— A aranha é venenosa; a ave é inoffensiva, disse Antonio commovido e com voz apagada.

— Mais uma vez te enganas, frade. Na vida não ha venenos nem elixires, ha defezas. O veneno é a defeza da aranha como a aza é a defeza da ave. A aranha, atacada, fére; a ave levanta o vôo e foge. Qual é mais digna de piedade? — A aranha. Essa que ahi vês está moribunda de fome... e de desgosto. Veiu uma ave cahir-lhe na teia, rompendo-a; aniquilando o delicadissimo trabalho que mãos humanas não praticam e que com tanto cuidado foi construido. E essa ave voltava do pasto facil para o ninho com o estomago cheio.

Imprevidente, deixou-se cahir na rêde. Que havia de fazer a aranha, que esperava attenta que a piedade do acaso lhe enviasse o pão?

— Quem és tu? Balbuciou Antonio, cujos olhos exprimiam confusão e espanto.

— Um homem! Respondeu o desgrenhado.

— E que fazes?... Em que te occupas?

— No soffrimento.

— Que crime commetteste?

— Amar e crêr.

— E porque ris continuamente?

— Porque soffro.

— Vae-te! E que Deus te illumine, exclamou Antonio, escondendo o rosto, como a occultar uma luz que se fazia no seu espirito.

— Um momento ainda, disse o homem; não quero deixar o teu espirito confuso, é necessario que se faça n'elle a plena luz. Falta-me dizer-te a razão por que libertaste a ave...

Dize-me, se visses uma aranha no bico d'um passaro esforçavas-te por salva-la? Tu nunca mentiste! Responde...

— Não, respondeu Antonio simplesmente.

— Pois bem; a ave é linda, a aranha é horrenda; tu bem o notaste, e eis o que se passou: sacrificaste ao teu egoismo a forma horrenda da aranha pela forma harmoniosa da ave! Sacrificaste o fraco que rasteja para libertar o fraco que voa, porque tambem gostavas de voar. Não foste piedoso nem justo, foste egoista! E, dizendo isto, como se a indignação de todas as victimas, de todos os tristes desherdados lhe subisse aos olhos, rompeu n'um

pranto vesânico de soluços tragicos, e, morrendo a propria carne, d'ella arrancou um pedaço, que arremessou, n'um gesto espargidor de sangue, á pobre aranha moribunda.

Antonio, espavorido, recuou tapando os olhos. Quando os abriu, rodeava-o a mais silenciosa solidão; apenas pelo solo e nas folhas dos arbustos uns salpicos de sangue attestavam a verdade do sacrificio do Homem.

O franciscano, que, attonito, deixára escapar a carriça implume quasi, que, sacudindo as pennas, piava alegremente n'um ramo proximo, sentiu vergarem-se-lhe as pernas e quasi de chofre cahiu de joelhos exclamando:

— Senhor, se me querias illuminar, porque atribulaste e tanto confundiste a alma do teu servo? Porque me enviaste como mensageiro o espirito d'um rebellado com clarões divinos? O que é Justiça, Senhor meu?

Sobre estas palavras, como por encanto, caiu a noite pesadamente, confundindo os maus com os bons, os fortes com os fracos, as aranhas com as aves!

Então, até alta noite, no silencio, ali se ouviu Antonio soluçar baixinho, misturando e confundindo com o murmurio e aguas das fontes os seus soluços e lagrimas.

Mal a madrugada rompeu, Antonio viu um resplendor finissimo de prata sobre a cabeça; parecia a estrella da manhã! — Era a teia da aranha, — que só contava inimigos na terra por ser feia, por não agradar aos olhos, — que resplandecia beijada por um raio de sol.

JOÃO GOUVEIA



— O QUE É JUSTIÇA, SENHOR MEU?



TORRE DO TOMBO — SALA DE LEITURA

A Torre do Tombo



instabilidade da côrte portuguesa durante os primeiros reinados não permittiu que, logo no inicio da nossa existencia autonoma, se organisasse entre nós um archivo real permanente e unico. Os monarchas suppriam essa falta mandando lavrar numerosos exemplares dos actos mais importantes, e distribuindo-os por differentes dignitarios e auctoridades, como o reposteiro, o mordomo, o chanceller, o capellão, e pelos cartorios das corporações religiosas a que eram particularmente affeicoados.

O mosteiro de Sant' Iago da Costa, em Guimarães, o de Santa Cruz de Coimbra, o de S. Vicente de Fóra, o de Alcobaça eram amiude escolhidos para depositarios de documentos regios e officiaes.

O padre Antonio Carvalho da Costa, ao tratar de Guimarães, na sua *Corographia*, refere, é certo, que o conde D. Henrique edificou alli Casa de Relação, Casa dos Contos e *Torre do Tombo*, accrescentando que os documentos guardados no Archivo da antiga e ridente povoação minhota lá se conservaram até que D. Manuel, em pro-

visão de 13 de maio de 1511, ordenou a sua transferencia para o Archivo do castello de Lisboa. Mas, se assim foi, se o conde D. Henrique organizou, de facto, um cartorio em Guimarães, — o que, aliás, não custa crer, antes é naturalissimo, — os seus successores no governo de Portugal não consideraram esse cartorio como nucleo do Archivo

mano, que, desde D. Dinis, seu reformador, até os fins do seculo xv, constituiu o «verdadeiro e proprio aposento dos reis destes regnos», segundo a phrase de Damião de Goes, e em cujas memorias, esmaltadas de brilhantissimas tradições de festas sumptuosas, avulta o facto de haver alli nascido, digamos assim, o theatro portugês, com



GABINETE DO DIRECTOR

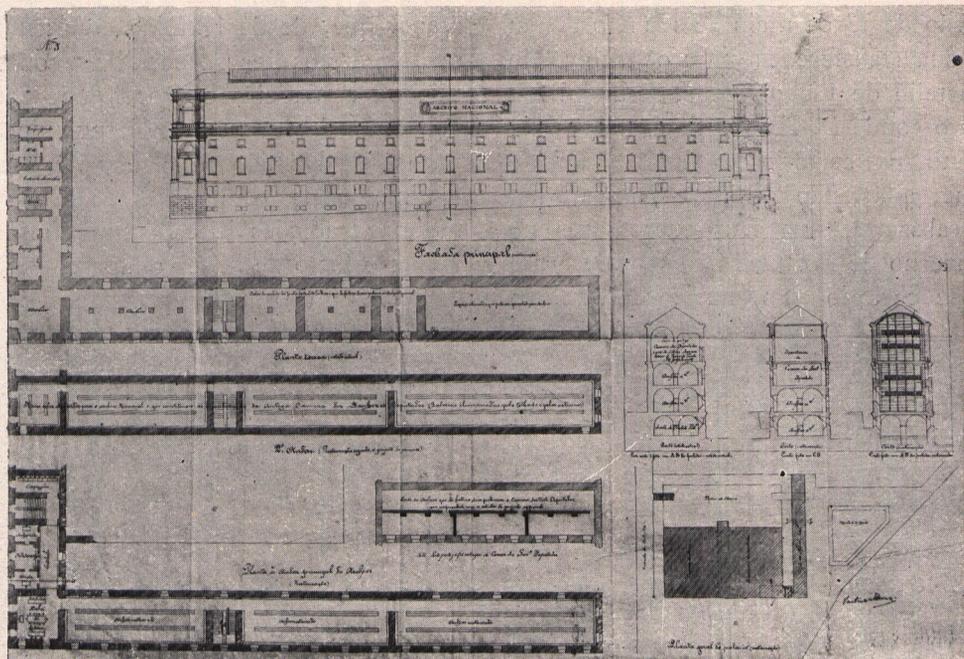
geral da monarchia, e não ordenaram que se lhe fossem successivamente reunindo os documentos officiaes — mantido elle na primitiva séde, ou transferido para Coimbra, para Lisboa, ou para qualquer das outras cidades do novo estado peninsular.

A fundação do Archivo real deve ser facto coevo da fixação da residencia dos nossos monarchas em Lisboa, no famoso paço roqueiro da Alcaçova, que já fôra acaso elegante habitação do alcaide ou governador em dias do dominio muçul-

a recitação do *monologo do vaqueiro*, de Gil Vicente, a 8 de junho de 1502, na camara onde, na ante-vespera, a rainha D. Maria dera á luz o seu primogenito.

E foi tambem na acropole que o Archivo real encontrou alojamento. O paço, ignoramos se ficava ou não dentro do castello propriamente dito, — do *castellejo*, segundo a designação do architecto João Nunes Tinoco, — que occupa o vertice noroeste do recinto fortificado.

Quanto ao Archivo, sabemos que lhe



ANTE-PROJECTO DE RESTAURAÇÃO DA TORRE DO TOMBO, PELO ARCHITECTO MIGUEL VENTURA TERRA

fôra destinada uma das dez fortissimas torres ou cubellos do castellejo.

Exceptuada a torre *da cisterna*, que se levanta no vertice nordeste do castello e na qual vem inserir-se a muralha da alcaçova — todas as torres são massiças até ao nível do adarve ou caminho de ronda, isto é, até á altura de dez metros.

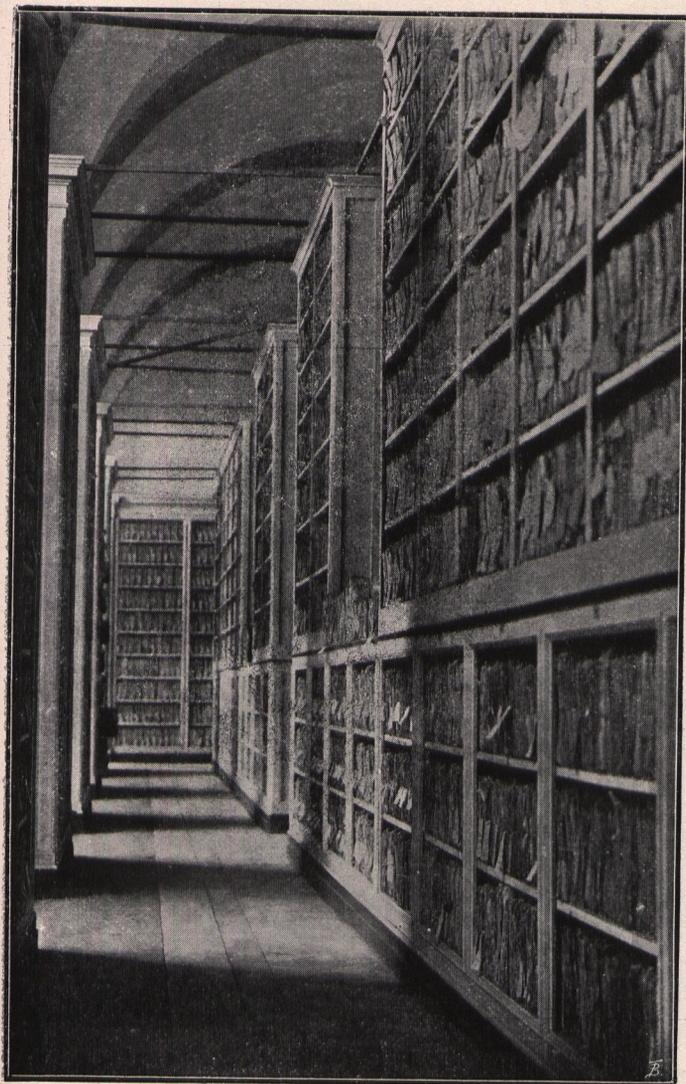
A escolhida para Archivo, a torre denominada *albarrã*, designativo de origem arabe applicado igualmente a outras torres de outros castellos de Portugal, e tambem *do haver*, porque nella se arrecadava todos os annos o saldo das rendas e imposições, essa, era talvez mais resistente ainda que as outras. Fernão Lopes, o admiravel chronista portuguez, tão antigo e tão moderno, em cuja narrativa, movimentada e pittoresca, palpita a *vida* dos tempos de que tratou, escreve que essa torre *era mui forte e nom foi porem* (por isso) *acabada*; e, como accrescenta que ella

estava em cima da porta do castello, ficamos sabendo que era a situada a meio da face sul, junto da entrada principal.

Na interessante monographia do sr. Augusto Vieira da Silva, *O Castello de S. Jorge*, encontramos-la minuciosamente descripta, no seu estado actual.

A cavalleiro da muralha, em relação á qual avança uns oito metros, mede em planta $13^m \times 9^m$. A alguns decimetros de distancia da face meridional, ergue-se, até á altura de um primeiro andar, um muro espesso, — da primitiva edificação, ao que parece, acaso parte da barbacã, — muro em que se esteia um terraço, segundo patamar da escada que contorna duas das faces do cubello. Desse terraço, parte uma communicação, que, primeiro fechada, na direcção sul norte, e depois a ceu descoberto e em escadas, no sentido oeste-leste, conduz até ao adarve.

A torre compunha-se de dois pavimentos



VISTA PARCIAL DE UMA DAS SALAS DO ARCHIVO, ANTIGO REFEITORIO DO CONVENTO

de haver sido desmornada, com as construcções que nella se apoiavam. Ainda assim, o espaço era insufficiente, e a prova é que, em 1569, segundo um documento publicado pelo meu erudito collega e amigo Sousa Viterbo, foi necessario depositar umas sessenta caixas com papeis na camara do rei D. Fernando, nos paços da Alcaçova.

Agora, uma pergunta: O cubello que descrevemos, a torre *albarrã* ou *do haver*, a torre escolhida para Archivo geral do reino, seria porventura a torre *de menagem* do castello de Lisboa? É muito de crer que o fosse, — embora Fernão Lopes affirme ter sido expressamente construida. A torre de menagem, o logar de honra e, ao mesmo passo, o logar forte por excellencia do castello, o ultimo reducto do alcaide e dos defensores, era sempre

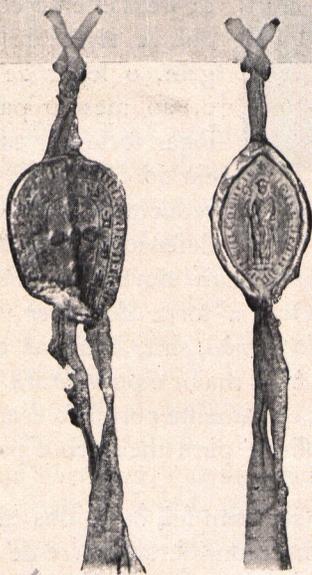
mentos, pelo menos, como de varias referencias se depreheende, e tinha, em planta, maiores dimensões do que as actuaes, sendo de crer que, anteriormente a 1755, se prolongasse por sobre o pateo de entrada. Um dos seus muros de fachada levantava-se talvez sobre a muralha que separa esse pateo do recinto oriental do castellejo (o recinto dos *quarteis velhos*) e em cujo coroa-mento se percebem ainda vestigios

de todas a mais elevada e mais resistente. Ora, a torre *do haver*, depois torre *do tombo*, era, entre as dez do castellejo, a maior e porventura a mais forte, e, certamente porque o era, é que foi escolhida para thesouro e para archivo.

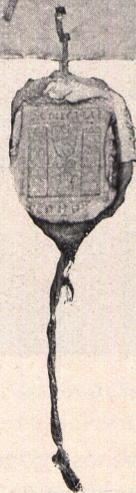
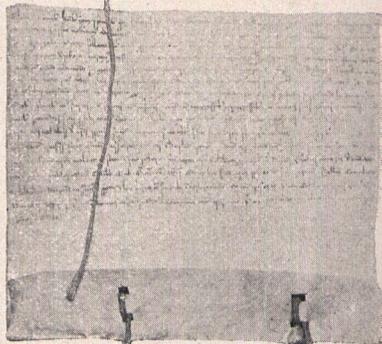
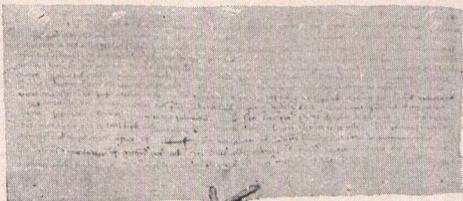
Mas, se assim foi, outro dos cubellos ficou sendo considerado torre de menagem, porque, no auto da aclamação de D. João II pela cidade de Lisboa, no 1.º

de setembro de 1481, declara-se que o logar-tenente alcaide, Gonçalo Annes (o alcaide-mór era o conde de Monsanto, D. João de Castro), *tomou ãa bandeira com as quinas e coroa de rei... e a foi logo primeiro poer na torre da menagem*, quando os vereadores e o corregedor de Lisboa se lhe dirigiram, para arvorarem a bandeira da cidade numa das torres do castello, o que fizeram na que estava *sobre a cassa dos leões, de contra o recio*. Ora, se a torre de menagem tivesse cumulativamente outro destino, é quasi certo que o auto, cuja minuciosidade o torna interessantissimo sob o ponto de vista da topographia da cidade e do castello, de algum modo o deixaria perceber.

Não obstante a sua valentia, a acção implacavel do tempo e os abalos de terra, mais ou menos intensos, que



DOCUMENTO DO SECULO XIV, EM PEGGAMINHO,
COM SELLOS PENDENTES



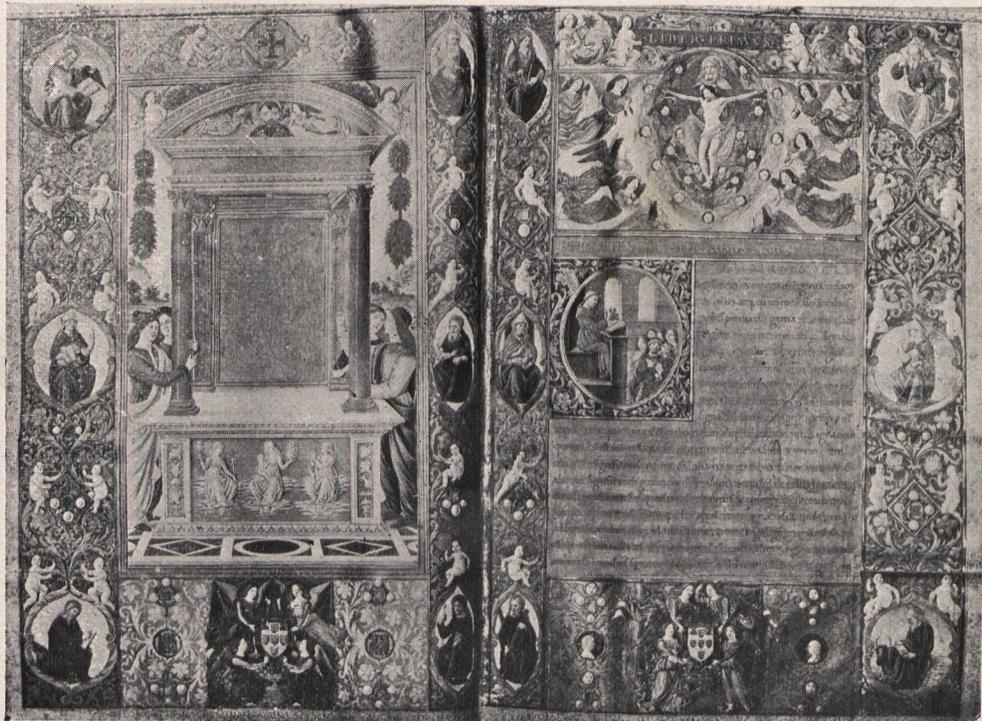
DOCUMENTOS DO SECULO XIII, EM PERGAMINHO,
COM SELLOS PENDENTES

em Lisboa por vezes se tinham feito sentir, especialmente, talvez, o de 1531, haviam ameaçado a tal ponto a torre *do tombo*, que, não muito antes de

1755, o illustre e dedicado guarda-mór Manuel da Maia solicitára do Conselho da Fazenda trabalhos de reparação, que não chegaram a ser executados. Não admira, pois, que o violentissimo terremoto do 1.º de novembro daquelle anno a derrocasse inteiramente. Pou-pou-a, no entanto, o incendio subsequente, que noutros pontos da cidade

rios consultados, se recommendava para tal fim pela resistencia das paredes e abobadas e pela distribuição interna, e que foi arrendada á communi-dade por 480.000 réis annuaes.

Cérca de um seculo se conservou o Archivo nessa parte da pesada construcção filippina. Em 1862, vieram desaloja-lo as obras da camara dos



FRONTISPICIO DO «LIVRO DAS SENTENÇAS» DE PEDRO LOMBARDO, TRABALHO ITALIANO DOS FINS DO SEculo XV

e até do proprio castello tantos estragos causou.

Retirados de sob os escombros, os livros do Archivo foram provisoriamente acondicionados numa barraca de madeira expressamente levantada na *praça de armas* do castello, até que, dois annos depois, foram transferidos para a ala sul do mosteiro de S. Bento, que, na opinião dos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel e de outros funciona-

pares, passando elle então para o lado opposto, onde ainda se encontra, — embora a actual installação não correspon-da exactamente á primitiva, por isso que, nos quarenta e tantos annos decorridos, tem o Archivo, por diferentes vezes e mercê de varias circumstancias (entre as quaes avulta a construcção da nova camara dos deputados), ora perdido, ora conquistado, espaço.

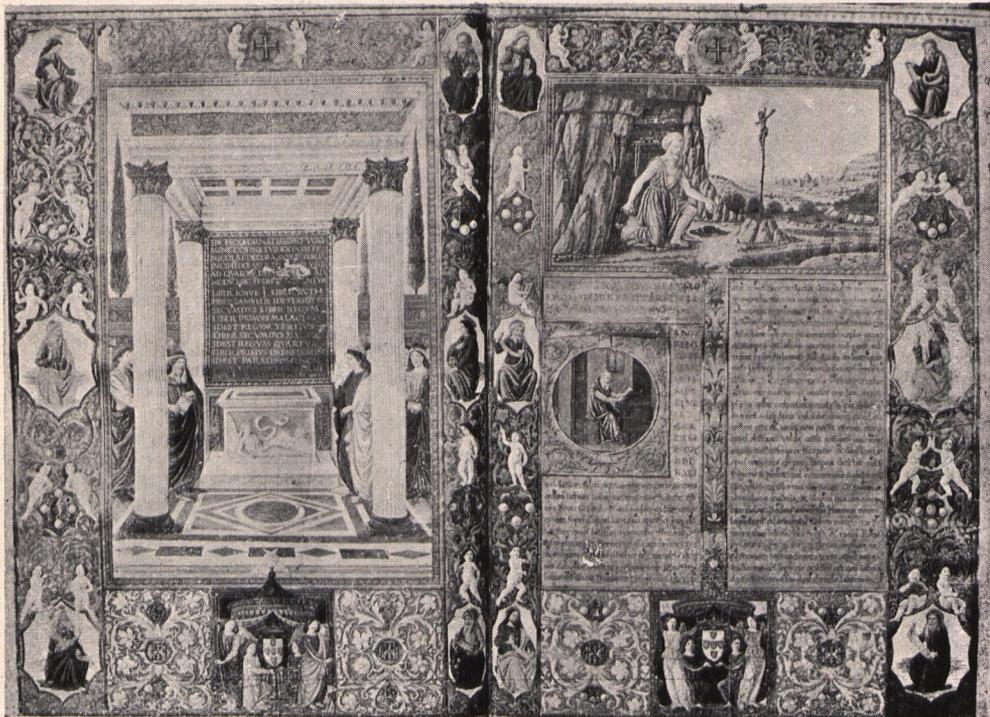
Alem de não possuir a amplitude

necessaria para a conveniente disposição da grande copia de livros e quasi innumeravel multidão de documentos que constituem as suas actuaes collecções ou series; sobre não permittir o integral cumprimento dos preceitos leaes que ordenam a encorporação, no Archivo, de muitos milhares de tomos, pergaminhos e papeis, de proveniencia

se conjugam para reduzir as collecções.

Este depoimento, a que dá singularrissimo valor a auctoridade especial dos depoentes, justificaria por si só, plenamente, a cruzada de esforços que, em prol do Archivo, está empenhada.

Immerso durante annos e annos em mysteriosa penumbra, ignorado de uns, esquecido de outros, comparado talvez



FRONTISPÍCIO DO TOMO II DA «BIBLIA» DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM, TRABALHO ITALIANO DOS FINS DO SÉCULO XV

ecclesiastica e civil, por ahí dispersos, não a bom recado, em virtude de intencional e sytematica descentralização, mas, no geral, em perigoso abandono, que não póde, não deve, protrahir-se, — a parte do edificio de S. Bento occupada pelo Archivo da Torre do Tombo é tão impropria para essa applicação, que dois dos seus conservadores não hesitaram em afirmar, num livro recente, que, afóra a chuva e o roubo, todos os meios de destruição alli

por alguém aos tenebrosos circulos infernaes que o Dante só ousou percorrer guiado pelo divino poeta mantuano, o velho Archivo da Torre do Tombo está agora em luminosa evidencia. Frisa eloquente e convictamente a sua importancia, na camara dos pares, o sr. conde de Sabugosa, reclamando para elle a solicidade do governo; discute a Academia Real das Sciencias os pontos essenciaes da representação que, a seu respeito, vai dirigir aos poderes publi-

cos; occupa-se delle com frequencia a imprensa; visita-o, cheia de interesse, a Academia de Estudos Livres, que préviamente edita, incluindo-o na serie dos seus *Annaes*, o livro a que já alludi, *O Archivo da Torre do Tombo*, escripto pelos conservadores Pedro A. de Azevedo e dr. Antonio Baião, e que é mais do que um simples guia do visitante, porque constitue uma completa e elucidativa monographia ácerca do Archivo nacional.

Todos, *una voce*, condemnam a actual installação e reconhecem que, entre as providencias com que é necessario acudir ao Archivo, a mais instante, a que não póde protelar-se, porque se tornaria inutil, é a que tenda a assegurar a integridade, tão sériamente comprometida, das suas preciosas, inestimaveis, collecções. E, de facto, a remodelação do curso de bibliothecarios e archivistas, o alargamento dos quadros, a consignação de verbas especiaes para a elaboração e impressão de catalogos e para a publicação de documentos, seriam medidas pouco menos do que inuteis, quando não fossem precedidas ou acompanhadas daquella.

Mas, como providenciar com acerto? Ha quem entenda que só num edificio construido expressamente, segundo as indicações da sciencia dos archivos, seria possivel encontrar a realização de todas as exigencias. Talvez; mas é necessario adoptar uma solução pratica, exequivel, que não exija avultadas sommas nem demande longos annos,—e só quem desconheça completamente a historia dos nossos modernos edificios publicos poderá pensar que o seja a construcção de um edificio proprio. . . A escolha tem evidentemente que fazer-se entre conceder, *de facto*, ao Archivo toda a ala norte do edificio de S. Bento, que, *de direito*,

lhe foi ha muito concedida, e proceder alli a obras que a transformem radicalmente, — ou apropriar outro edificio, que, menos distanciado do typo ideal, seja susceptivel de mais perfeita accommodação.

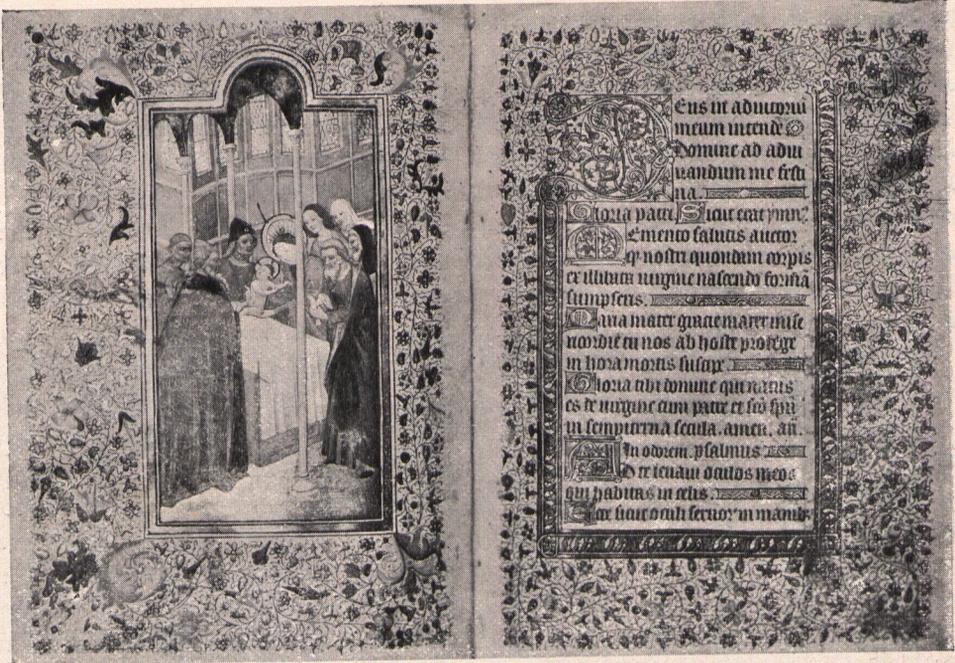
Não está na indole dos *Serões*, nem nos intuitos desta rapida noticia, debater esses dois alvitres. Lembrarei apenas que o distincto architecto Ventura Terra, quando, ha oito annos, dirigia a a construcção da camara dos deputados (projecto seu, como se sabe), estudou, de sua iniciativa e com o enthusiasmo que no seu espirito de artista e de bom portuguez despertaram as inapreciaveis riquezas historicas que o Archivo encerra, um plano de adaptação da parte do velho edificio monastico que lhe ficava destinada, — plano que, dada a indiscutivel competencia do auctor, constitue decerto elemento de estudo que não deve ser desprezado, quando porventura se haja de resolver em definitivo sobre o alojamento do Archivo nacional.

Ao Archivo seria destinada toda a ala do edificio que olha para a praça de S. Bento — de onde desapareceria o mercado.

Nessa ala, cuja extensão e altura são consideraveis, estabelecer-se-hiam — afóra o terreo — tres andares, divididos em igual numero de salas, a toda a largura do edificio, das quaes teriam duas galerias as do andar principal e as do segundo.

Estas ultimas, sem janellas, quer para o norte quer para o sul, receberiam ar de ventiladores abertos junto do pavimento, e luz de um grande lanternim. A continuidade das paredes permitiria aproveitar toda a sua consideravel superficie para a collocação de estantes.

Na face externa dessa verdadeira arca, para o lado da praça de S. Bento,



PAGINAS DAS «HORAS» DE EL-REI D. DUARTE. À ESQUERDA, A APRESENTAÇÃO DE JESUS CHRISTO NO TEMPLO

inscrever-se-hia, numa placa de fôrma e decoração característica, a designação official do Archivo.

Onde a substituição das actuaes abobadas fosse necessaria, empregar-se-hiam pavimentos de ferro e abobadilhas de tijolo, formando tecto na parte inferior.

Na fachada norte, as janellas seriam raras — mais raras, segundo as ideias actuaes do illustre architecto, do que se vê no ante-projecto.

Mais numerosas e de proporções espezias — altas e estreitas — seriam as da fachada sul, que, em parte, dá para a passagem que isola o Archivo do parlamento, e que mede de largura uns 8 metros, e, em parte, para a vasta *cour d'honneur* das camaras; e, como todas as divisorias longitudinaes desapareciam, o sol inundaria completamente as salas. Para que nem sequer o primeiro pavimento, cujo nivel é inferior, para o lado das camaras, ao do terreno,

deixasse de receber luz do sul, praticar se-hia ao longo de toda a fachada uma cava (*cour anglaise*) e para ella se abriam janellas.

No espaço que o Archivo hoje occupa sobre o largo das Côrtes, e no que se conquistaria, ou, antes, reconquistaria, á camara, estabelecer-se-hiam salas e gabinetes de trabalho e outras dependencias.

O Archivo poderia assim alojar o dobro, pelo menos, dos livros e documentos que actualmente possui, e teria em abundancia luz e ar, como importa.

*
* *
*

Corresponde ao tempo de D. Fernando, — esse desequilibrado mas sympathico principe, que Oliveira Martins definiu «um pobre homem de talento», — a mais antiga referencia até'gora encontrada a um archivo regio permanentemente, no castello de Lisboa. A 4 de



PRIMEIRA PAGINA DO «LIVRO 4.º DE ALEM-DOURO», UM DOS CODICES DA «LEITURA NOVE»
ORDENADA POR D. MANUEL

Na parte central da tarja inferior, dentro de uma coroa formada de folhas e frutos, uma armada composta de tres naus, para as quaes se dirigem muitos barcos cúeios de gente, e em que se vêem as cruzes de Christo e de Sant' Iago. Ha quem julgue que esta illuminura representa o embarque de Vasco da Gama, na sua primeira viagem á India.

novembro de 1378, era expedida pelo vedor da Chancellaria ao vedor da fazenda, João Annes, uma provisão, em que se lhe ordenava mandasse passar uma certidão da *torre do castello de Lisboa*, que, pelo reitor da Universidade, Martim Domingues, fôra requerida.

Essa provisão deixa logo entrever o caracter *fiscal*, digamos assim, que o Archivo por esses tempos tinha e só

quasi em nossos dias perdeu.

Era o vedor da fazenda quem nelle superintendia em 1378; e pôde affirmar-se que, até á extincção do antigo regime, os guarda-móres do Archivo, com rarissimas excepções, eram conselheiros da fazenda ou desembargadores dos diversos tribunaes. O proprio vocabulo *tombo* (do latim *tomus*), que, mesmo antes de se fixar definitivamente em *Torre do Tombo* a designação do Archivo real, nos apparece nos varios modos de dizer que serviam para o indicar, — *escripturas do «tombo»*, *«tombos» da torre, etc.*, — denuncia aquella feição: o *tombo* a que se alludia era o livro ou a serie dos livros de *Recabedo Regni*, isto é, dos Proprios da Corôa. A palavra *tombo* tem sempre designado os livros em que se consignam as demarcações das propriedades e se transcrevem

os respectivos titulos.

É certo, comtudo, que nem só documentos e livros relativos á fazenda real constituíam já nesse tempo o archivo.

A certidão que, em virtude da referida ordem de 1378, foi passada á Universidade em maio do anno immediato, reproduzia um documento de natureza diversa: — a carta, de 12 de novembro de 1288, em que alguns dos nossos prelados impetravam de Roma

a confirmação da cedencia que de parte das rendas de seus benefícios haviam feito a favor da Universidade ou *Estudo geral*, que, a esse tempo, funcionava já activamente em Lisboa. Dessa carta, ficára sem duvida archivado um exemplar no país, — talvez na Chancellaria, estação official que concentrava os serviços hoje distribuidos pelas secretarias de estado, e cuja séde (segundo vagamente conjecturam os auctores do livro já citado, *O Archivo da Torre do Tombo*) seria acaso na *torre da escrevaninha*, tantas vezes mencionada em documentos do seculo xiv, e de que o sr. Vieira da Silva se occupa em mais de uma passagem dos seus valiosos estudos sobre as antigas fortificações de Lisboa, localizando-a no ponto onde veiu a construir-se o edificio da Misericordia, actualmente igreja da Conceição Velha, — ponto banhado então pelo Tejo. Da estação official onde se guardava, esse exemplar havia passado, como se vê, para o Archivo.

Permitta-se-me um parenthese, para recordar que, junto á *torre da escrevaninha*, habitava o opulento mercador, de origem franceza ou flamenga, Bartholomeu Joannes, homem de rasgada e benefica iniciativa, que, em seu testamento, datado de 28 de novembro de 1324, ordenou fosse construida na Sé de Lisboa, para sua sepultura e de seus companheiros, uma capella dedicada a S. Bartholomeu, — a elegante capella ogival, agora restaurada, que muitos dos leitores decerto conhecem, e que se encosta á fachada norte da velha cathedral.

Outros factos apontados pelo erudito João Pedro Ribeiro, nas suas *Memorias para a historia do Real Archivo*, mostram igualmente que nem só livros

e documentos referentes aos Proprios da Corôa se archivavam na antiga *torre do haver*. Assim, por exemplo, do regimento dado á alfandega do Porto em 18 de agosto de 1410, e da carta de declaração da lei mental a favor do conde de Barcellos, datada de 12 de setembro de 1434, determinou-se que alli se archivasse um exemplar.

É de crer que os livros findos da Chancellaria tivessem sido igualmente encorporados, logo de comêço, no Archivo. De que as suas collecções se foram tornando cada vez mais opulentas e variadas no decurso dos seculos xv e xvi, dá testemunho indirecto um documento de 1621, em que se affirma faltarem, na Torre, livros de côrtes, de homenagens, de direitos reaes, de chancellaria, de capellas e de linhagens, cancioneiros, alvarás e instrucções para embaixadores, vice-reis da India e governadores dos outros estados ultramarinos, bullas e breves, papeis tocantes ás tres ordens militares, cartas de pontifices e cardeaes, de principes e potentados da Europa, Asia e Africa, de embaixadores e de governadores dos nossos dominios de além-mar, etc., explicando-se o facto não só por imprudencia dos officiaes do Archivo, que fiavam de seus creados as chaves, como tambem por haverem sido entregues a secretarios, a chronistas, e a guarda-móres e escrivães da Torre muitos livros e papeis de alta importancia, que, em vida, não haviam restituído e, depois, se não conseguira averiguar onde paravam, entendendo-se que seus parentes e creados os tinham vendido a «pessoas curiosas», cujos nomes se não sabiam...

Como nos é desconhecido o regulamento de 1526, — o mais antigo, — ignoramos quaes as categorias de livros e

documentos que, por esse tempo, deviam ser incorporados no Archivo. Que, na primeira metade do seculo de quinhentos, não era, porém, muito avultado o numero de tomos e cartas que o constituíam sabemo-lo pelos conhecimentos que Fernão de Pina assignou em 1532, quando, nomeado guarda-mór em substituição de seu pai, o chronista Ruy de Pina, recebeu do escriptão Thomé Lopes a livraria *nova e velha*, cadernos e cartas avulsas que lhe estavam confiadas.

Em 1569, a entrega de cêrca de sessenta caixas com documentos a Damião de Goes, então guarda-mór, pelo secretario de estado, Pero de Alcaçova Carneiro, veio enriquecer sensivelmente o Archivo.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.



Os dois extremos da escala



O fidalgo

Clichés de A. Castro



O bicho de cozinha



ABANDONADA

*Os olhos da outra gente hão de envolvêr-te
talvez, em magua pura...*

*Mas eu, pobre creança! não sei vêr-te
sem mágua e sem ternura...*

*Que braços te embalaram, ave implume
que chora, sem saber
(mas como que advinha e que presume...)
quanto custa naseer?*

*Quem é que a luz embala em seu delírio
e á vaga um berço deu?*

*Quem é que embala a nuvem? quem o lírio?
quem a estrella do céu?*

*Como tudo o que sae da mão divina
ao mysterio conduz!*

*Nascêste pobre e linda — triste sina!
A noite em tórno á luz...*

*É dos anjos o céu — pátria que encerra
um paraíso em flôr.*

*— Anjo! regressa á patria, porque a terra,
bem vês: é luto e dôr...*

*E heide eu olhar o azul que se recobre
de joias scintilantes,
e vêr-te a camisita que mal cobre
teus seios hesitantes!*

*Rodam sêges d'um brilho que se inflama
no fulgôr das librés...*

*Tu, mal pôdes andar... Calça-te a lama
os melindrosos pés.*

Em macios coxins dorme a Opulencia...

*E tu, se a noite esperas,
ai, tu nem sequer tens — triste indigencia!
um antro, como as fêras...*

*Desdobra as azas, sobe! Quem pudêsse
voar, voar, voar!*

*subir como o perfume, como a preece...
Partir e não voltar!*

*Porque andas desterrada? Quem te opprime?
Se é Deus que te condemna,
que monstruoso, incomparavel crime
para tamanha pêna!*

*Senhor! pôde o teu braço enfurecido
fulminar-nos até!*

*Mas a culpa do lírio ter nascido
é do lírio? não é...*

Manuel de Moura





Impressões de Portugal

O que pensam de nós estrangeiros illustres

A gentileza de uma illustre escriptora allemã, entusiasta por Portugal e pelos portuguezes, devemos o brilhante artigo que seguê. Duplamente brilhante, pois que, se pelo assumpto nos interessa e lisonjeia o nosso orgulho patriotico, a pureza da linguagem em que é escripto mostra o subido apreço que ao nosso idioma consagra a talentosa escriptora. Esse apreço pela nossa lingua e pela nossa litteratura tem sido aliás repetidas vezes manifestado por Madame Louise Ey, em primorosas traducções de obras de poetas e prosadores portuguezes.

Actualmente em Portugal, a insigne senhora prometeu-nos uma collaboração mais aturada, de que o presente artigo é o magnifico inicio. Por elle se vêem as agradaveis impressões que de Portugal levaram os congressistas medicos estrangeiros, com quem Madame Ey travou relações, sobretudo os do longiquo Japão, que lhe deixaram recordações amaveis.

Seria curioso cotejar os sentimentos dos civilisados japonezes, visitando a «occidental praia lusitana», com as impressões deixadas ha mais de tres seculos pelos primeiros portuguezes que pozeram pé no Japão, ainda barbaro. Taes impressões acham-se consignadas em varios livros preciosos, entre os quaes avulta essa formidavel «Perigrinação» de Fernão Mendes Pinto. O confronto marcaria sem duvida os gigantescos progressos da humanidade, mas não deixaria de marcar a viva e remota influencia que tiveram portuguezes para o recente ingresso do Imperio nipponico na civilização occidental. O artigo de Madame Ey é um precioso elemento para esse curioso confronto.

Em nome dos nossos leitores, effusivamente agradecemos á illustre senhora o seu bello artigo e as suas esperançosas promessas, entre as quaes temos desde já a indiscrição de revelar um proximo estudo sobre a evolução do feminismo, de que Madame Ey é uma das mais notaveis propagandistas.



EDE-ME V. para a sua interessante revista «Os Serões» algumas linhas que reflectam as impressões dos congressistas que tive occasião de conhecer e acom-

panhar durante a sua estada n'esta capital.

É-me este convite duplamente grato, por isso que escrever impressões de Portugal não é senão dar-me á minha occupação predilecta, ao meu quasi officio, pois, ha muitos annos para cá, não faço outra coisa.

Além d'isso, se de outras vezes as déra sob

a minha propria *trade-mark*, d'esta vez irão sob a responsabilidade d'outrem, de maneira que eu não ficaria mais responsavel do que um interprete ou um gramophone, caso aos doutos visitantes succedesse dizer e eu repetir disparates como o d'aquelle viajante que, passando por Paris e sendo n'um restaurante servido por um criado gago, vesgo e de cabello ruivo, lançou na sua carteira este apontamento como caracteristico da metropole: «Em Paris os criados são gagos, vesgos e têm cabello ruivo».

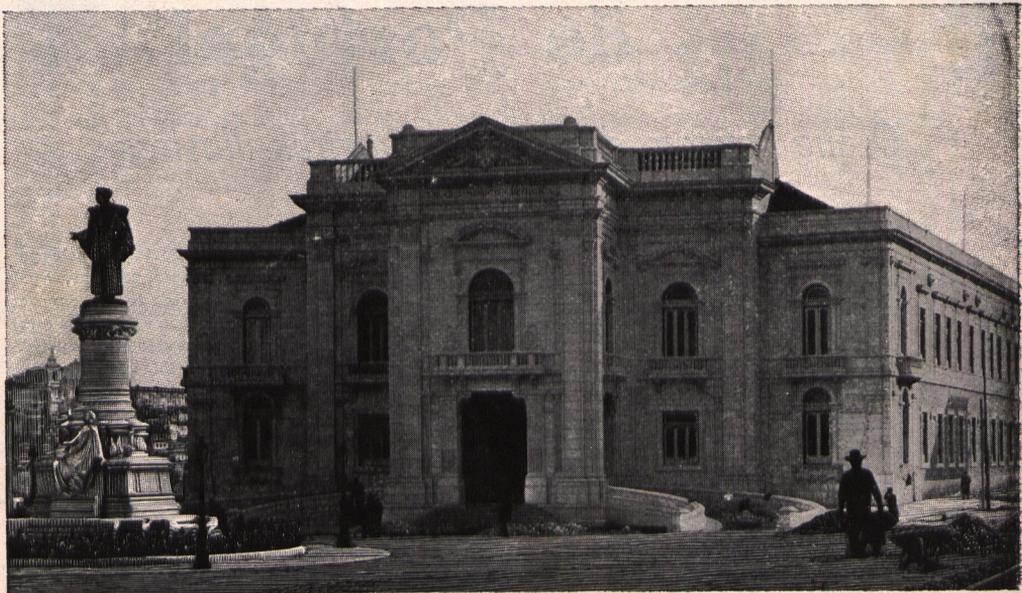
Se d'um lado não teria de assumir respon-

sabilidade de algum juízo, menos exacto por falta de conhecimento e de tempo, de outro lado não teria nenhum merito, mas tambem não seria suspeita d'adulação, se transmitisse exclamações declamatorias como as teve aquelle *touriste* francez que, temendo o conhecido melindre portuguez, exclama em cada pagina do seu «Livro de impressões»:

«Que vous êtes jolis, que vous me semblez beaux: Vous êtes tous fils d'Albuquerque!»

não acharam — apesar da sua muita illustração — termos que exprimissem a grata surpresa e admiração que lhes causára em primeiro logar a Escola Medica, que declaravam ser a mais bella do mundo, e a admiravel organização do Congresso, tanto na sua parte scientifica, como na parte recreativa.

Exultaram em palavras de maximo elogio aos organizadores e ao trabalho gigantesco por elles realisado, assim como á maneira fi-



ESCOLA MEDICA DE LISBOA

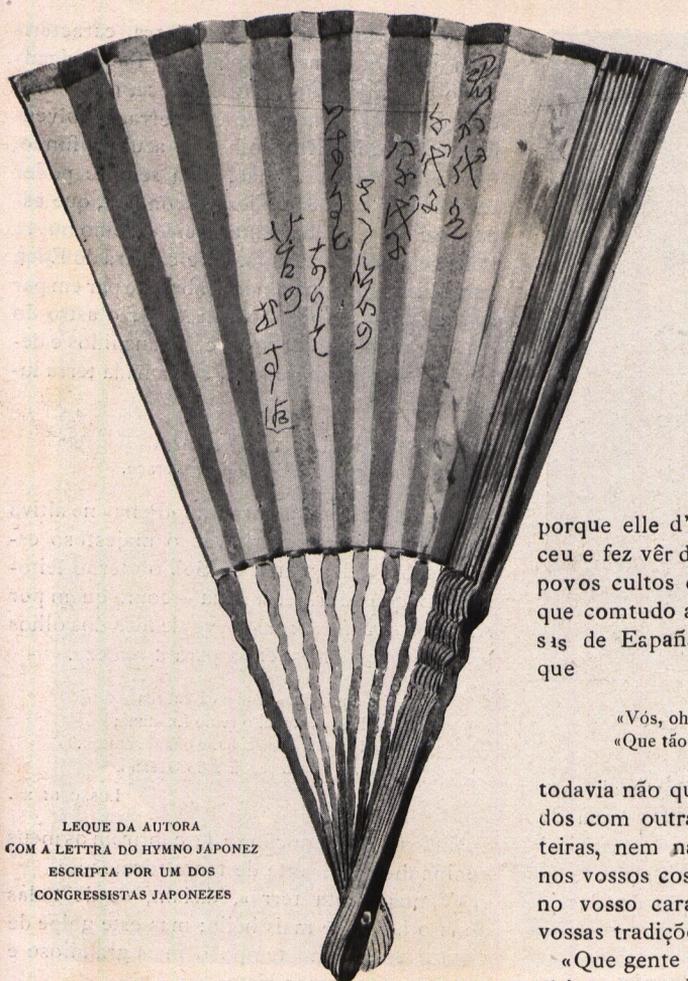
Pois, se disse que o convite de V. me é duplamente grato, é porque me dá a bem-vinda occasião, de ser echo, não de disparates, nem de adulações, mas sim de palavras tão sinceras, como agradaveis de dizer e agradaveis de ouvir. Nem V. me teria pedido estas linhas, se não conhecesse esse facto, como tambem que é uma fanatica por este seu bello paiz a pessoa a quem as pede e que, ainda que o culto por este nosso querido Portugal não a cega absolutamente, não seria capaz de falar em impressões de estrangeiros — se as houvesse — proprias a *impressionar* os nacionaes ou então só no intuito de chamar-lhes a attenção, para que, tomando-as em consideração, ficasse mais efficaz a nossa propaganda por este velho Luso, que menos annos precisou para descobrir o mundo, do que o mundo levou de seculos para o descobrir a elle.

Os doutores e as senhoras que acompanhei,

dalga e discreta, com que se houveram durante todo o decurso do Congresso, já recebendo os estrangeiros, já dirigindo os trabalhos scientificos ou as festas que tanto brilho deram a esses dias memoraveis.

Se comtudo houve tambem palavras de sentimento, significavam ellas mais uma lisonja para Lisboa e Portugal: lamentavam os medicos o facto de o Congresso de Lisboa ser precedido pelo de Madrid, o qual, ao que parece, não deixou gratas recordações aos congressistas, que em parte nem esperaram o fim d'elle para se retirarem. Concordaram todos que o Congresso de Lisboa ficou prejudicado por esta precedencia, que afugentára muitos medicos de participar n'elle, com receio de encontrar aqui uma segunda edição do da capital do paiz visinho.

Lamentemos este facto e o prejuizo resultante d'elle, mas congratulemo-nos tambem,



Handwritten signature of Professor Y. Teru-Uchio, consisting of several vertical columns of cursive Japanese characters.

ASSIGNATURA DO PROFESSOR Y. TERU-UCHIO, DE TOKIO

porque elle d'uma vez para sempre estabeleceu e fez vêr d'um modo positivo a todos esses povos cultos do velho e do novo mundo, — que comtudo apenas conheciam até hoje «coisas de Eapãña» e não coisas de Portugal —, que

«Vós, oh geração de Luso, digo,
«Que tão pequena parte sois do mundo»,

todavia não quereis, nem deveis ser confundidos com outras nações, nem nas vossas fronteiras, nem na vossa lingua rica e viril, nem nos vossos costumes pittorescos e suaves, nem no vosso character, na vossa illustração, nas vossas tradições!

«Que gente tão diferente dos hespanhoes!» diziam os medicos admirados. E que essa dif-

LEQUE DA AUTORA
COM A LETTRA DO HYMNO JAPONEZ
ESCRIPTA POR UM DOS
CONGRESSISTAS JAPONEZES

Vertical handwritten signature of Dr. K. Kamon in cursive Japanese.

ASSIGNATURA DO DR. K. KAMON,
DE KYOTO
SERÕES N.º 12

Vertical handwritten signature of Dr. Heijiro Nakayama in cursive Japanese.

ASSIGNATURA DO DR. HEIJIRO NAKAYAMA,
DE TOKIO

Vertical handwritten signature of Professor Kubo in cursive Japanese.

ASSIGNATURA DO PROFESSOR KUBO
FUKUOKA



GRUPO DE CONGRESSISTAS JAPONEZES

ferença foi toda em favor de Portugal («seu protegido»), diz a nossa amiga D. Anna de Castro Osorio com a sua fina graça satirica) foi para mim causa de intima satisfação.

Fica pois registada a realisação do desejo de Camões :

«Fazei, Sennor, que nunca os admirados
«Allemaes, Gallos, Italos e Ingleses
«Possam dizer, que são para mandados,
«Mais que para mandar, os Portuguezes».

Lus. c. x 152

Como não pode deixar de ser, causou tambem o mais sincero enthusiasmo a *garden-party* em Monserrate, o passeio por Cintra e as vistas que ali se desfructam.

O grupo que me deu as honras de *cicerone*, levei-o entre outros á propriedade do sr. Monteiro, em Cintra, vedada por um enorme portal fechado, que porém, como tudo n'este abençoado paiz, se abriu como por encanto deante d'um pedido ormulado em termos persuasivos da suave lingua de Garrett.

Subimos á torre-mirante, estendendo-se aos nossos pés o risonho valle com as suas alegres verduras, matisadas d'arvores em flôr; quadro encantador, emmoldurado por uma facha de «argenteas ondas Neptuninas». No primeiro

plano a pittoresca villa de Cintra, caracterizada pelas gemeas chaminés do Paço, gigantesco binoculo, que, ao que parece, o formoso céu, que está namorando esta terra, envolvendo-a no seu immenso olhar de azul profundo, depoz ali muito á mão, para sempre poder descobrir qualquer belleza escondida, que escapasse ao seu olhar enternecido d'olho nu... Paizagem fim-do-mundo, ante-camara do Eden paradisiaco, que justamente abria de par em par as suas portas d'ouro, para receber o astro do dia que recolhia, cobrindo com languidos e demorados beijos doirados a sua amada terra lusitana...

«E nas serras da Lua conhecidas
«Subjuga a fria Cintra o duro braço,

— a serra austera, a coroa da «Pena» na altiva testa, mirava imperturbavel o majestoso espectáculo, a despedida do Sol, o eterno leitomar em que adormecia o dia — como quem por *sæculum sæculorum* não teve deante dos olhos senão espectaculos feitos para a realeza.

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

Lus. c. III. xx.

Mudos de commoção se descobriram os meus companheiros deante de tanta formosura.

«Vimos muita terra», diziam, «e de todas quanto havia de mais bello; mas este golpe de vista é ao mesmo tempo o mais grandioso e gracioso que temos visto».

E eu, sentindo-me orgulhosa e como que natural d'este paiz de que tive o condão de poder fazer as honras aos meus patricios, agradei, como costumam fazer os amaveis nacionaes d'elle, quando nos mimoseam e ainda agradecem a nossa satisfação.

Continuando a falar das impressões, causadas directamente pelos arranjos do Congresso: despertou todo o interesse, deixando a mais grata impressão, a sympathica festa da Sociedade de Geographia, que proporcionou aos congressistas o conhecimento de musica e de danças populares, como o das colonias portuguezas.

Igualmente as festas no Tejo e em Villa Franca deixaram-os muito penhorados.

Interessante o parecer differente dos individuos das differentes nações sobre as touradas:

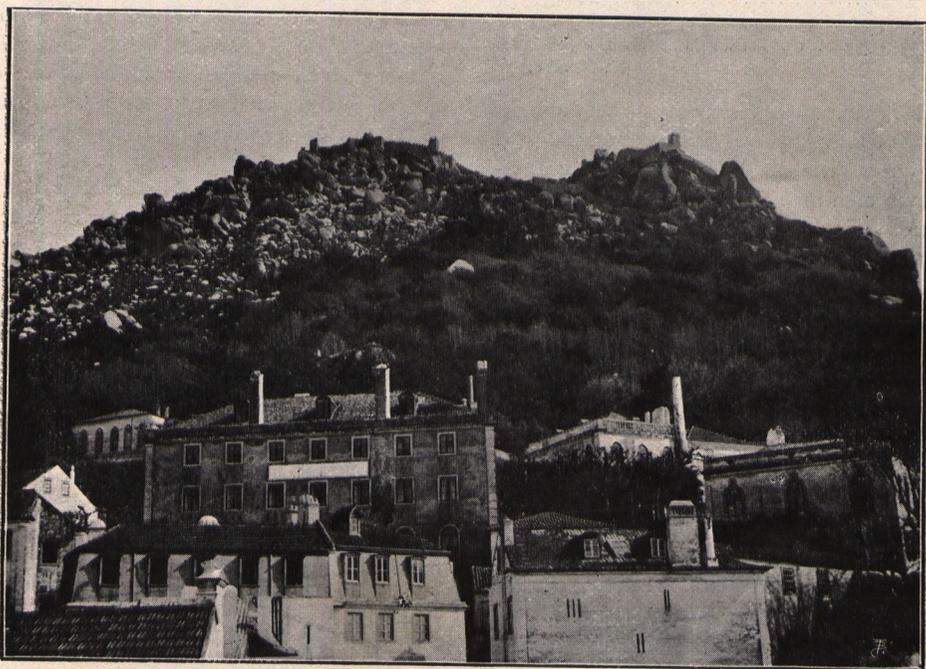
Os japonezes, que — dir-se-ia — estariam um tanto endurecidos com a vista de luctas e fe-

ridas, declinavam em absoluto o espectáculo d'uma tourada isto é: d'uma lide de toiros.

Os allemães, admittindo que seria algo brutal «enfeitar» o touro, concordaram em que não deixava de ser curioso vêr provocada e vencida a força brutal da féra pela intelligencia e dextreza do homem, executada com arrojo, elegancia e ligeireza. Comparada com a tourada hespanhola era um torneio.

ctamente o francez e inglez, se expressavam admiravelmente em allemão, chegámos quasi a sentirmo-nos como patricios no *pays de connaissance* d'esta lingua, conversando sem reserva.

Eram todos doutores e lentes de universidade. Alem de sabio, um d'elles poeta. Escreveu-me uma poesia japoneza no meu leque, promettendo enviar-me mais poesias d'elle



CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO NORTE

Um americano (ou foi uma americana?) antipoda dos japonezes, declarou sympathisar com as touradas theorica e praticamente.

E todos, entusiasmados pelas «cortezas», apparatus e elegante espectáculo, ficaram encantados com o *jogo da rosa*. Effectivamente não é facil vêr cousa mais graciosa: um torneio, cujo premio é a rainha... das flores; as armas um sorriso, o escudo uma elegante evolução d'um nobre cavallo. Mesmo os filhos do Japão, d'esse paiz de flores e de festas de flores, confessavam: «Não temos no nosso paiz jogo que possa rivalisar em graça e formosura com este».

Foi-me especialmente interessante conhecer as impressões que tiveram os japonezes d'um paiz distante do d'elles de toda a extensão d'um hemispherio. E como alem de falarem corre-

traduzida a letra para o allemão, para euas pôr em linguagem rythmica. Estudaram allemão tanto no Japão como na Allemanha, de que, diziam, importavam constantemente a cultura.

«Fizemos uma alliança politica com a Inglaterra; com a Allemanha estreitámos uma duradoura alliança intellectual e civilisadora».

Estranhavam que aqui a lingua allemã não estivesse mais propalada, e que, sendo uma das tres linguas adoptadas pelo Congresso, houvesse quem reparasse que elles tivessem discursado em allemão.

«Viemos cá com muito prazer», diziam-me, «pois foi de Portugal que recebemos a primeira civilisação e a primeira arma de fogo. Foi tanto por aquella como por esta, que ficámos vencedores da Russia, n'uma guerra premeditada e preparada ha 30 annos com conheci-

mento de todos os nacionaes do Japão e de cujo exito nunca se duvidou no nosso paiz».

... E assim vieram filhos do extremo Oriente, revestidos da toga de lentes d'universidade, para confirmar ás gentes do extremo Occidente, primeira fonte da sua cultura, o que o Poeta-Propheta prevê e conta :

«Mas não de.xes no mar as ilhas, onde

«A natureza quiz mais afamar-se :

.....

«É Japão, onde nasce a prata fina,

«Que illustrado será co'a Lei divina.»

(Lus. c. x. cxxx1)

E não desdoiram os discipulos os seus antigos mestres com respeito á cultura. Longe d'isso! Mas quem diria que o impávido japonéz, esganando com mão de ferro o gigantesco Urso branco, se incommodasse com umas bandari-lhas no pescoço d'um touro, com as cambadas de passarinhos na Praça da Figueira ou com uma chicotada nas costas d'uma cavalgadura macilenta que não póde com um carro calçada acima?!

Eu lhes disse que tanto os passaros como as bestas de carga já tinham encontrado o melhor advogado no poeta (1) de «O Ninho», e «O Burro e o Bebado», e no coração de muita da melhor gente portugueza.

(1) Affonso Lopes Vieira : *Ar livre*.

Depois d'isso já apenas me surpreendeu que confessassem encontrar pouco encanto na symphonia dos pregões de que tão harmoniosamente resoam as ruas.

Dir-se-ia que o japonéz, apesar de guerreiro e medico, é effeminado, confirmando esta suposição o seu semblante imberbe e de tacita observação, o seu andar lento e cauteloso, o seu sêr silencioso, que parece um protesto contra qualquer barulho que não seja indispensavel e euphonico como o trovão dos canhões.

E apesar de civilisador e poeta, talvez desconheça ainda esta poesia suprema, este cunho de summa civilisação dos nossos paizes cultos, que cá se apregoa em: «E' o numero setecentos e noventa e treeeeees!...»

Escutavam com amavel deferencia a minha zelosa defesa que nem todos os pregões eram numeros; havia tambem os pittorescos «melões de Coimbra tão bons!» os «cabazes de morangos», os «vintem cada momómómómómólho», as «tezouras e navalhas», as «ré-nda» o «azeite doce» e sobretudo as mil especies de peixe... sorriam resignados: «Sim, e amanhã anda a roda! E' o *Dia!* Já cá está o *Mundo!*...» Desistí.

N'um ponto que, a par de sabão, cautelas e luz electrica é considerado medidor do gráo da civilisação d'um paiz, todos os congressistas confirmaram um notavel atraso de Portu-



CINTRA — VILLA ESTEPHANIA



Cliché Benoliel

TOURADA EM VILLA FRANCA — AS CORTEZIAS

gal: nenhum d'elles tinha dado pela falta da sua carteira ou bolsa, e esta levavam-na menos vazia que calcularam... Ainda bem!

Apenas o director d'um grande instituto medico em Colonia se queixava entre riso e pranto da carestia dos caminhos de ferro na Hespanha e em Portugal.

Tinha-se resolvido tarde a assistir ao Congresso, de maneira que já não houve tempo de se utilizar das regalias para a viagem.

Em compensação, como viesse pela linha do Douro, ficára extatico deante das serras imponentes, o rio pittoresco, os ridentes campos das provincias do norte, que tanto mais alegam os olhos do *touriste* quanto mais aridas, desertas e faltas de interesse se mostram as vastas planicies da Hespanha, percorridas pela via ferrea.

Se tivesse, como eu, estacionado algum tempo no paiz visinho, teria tambem notado a consideravel differença no asseio que ha entre os dois paizes.

Applaudiram o grande asseio das cervejarias de Lisboa, não deixando de admirar o afan com que se varriam a toda a hora as ruas de mais movimento, sem até dar descanso á vassoira nas tardes do domingo.

E então os carros electricos?! Como os de cá não os havia em todo o mundo. Não se andava, voava-se. Rivalisavam com os automoveis, sendo porém muito mais agradaveis no seu deslizar.

E que bellos passeios promettiam o Campo Grande e o passeio maritimo á beira do Tejo, já tão bem principiados! E havendo, como seria natural que houvesse um dia, carros electricos de Cascaes para Cintra e para Collares, explorando-se tambem a formosa estrada, tão bellamente delineada e tão deserta, de Alcabi-déche e Collares, como um ponto culminante de formosura paizagista, e povoando-se o rio Tejo com barcos de passeio... oh, senhores, com que rastos d'ouro todos estes passeios seriam depressa dourados, d'ouro que não emanasse unicamente d'esses bellos raios do sol de Portugal!

«E tu, nobre Lisboa, que no mundo
«Facilmente das outras és princeza,
«Tu, a quem obedece o mar profundo...

Tu caes da Europa! Abençoada lembrança!

E o clima?! Este tão afamado clima, que tem sempre as honras do primeiro lugar, quando se fala nas bellezas de Portugal e es-

pecialmente de Lisboa?! Ai, eu não lhes digo nada... Aqui vae em ultimo logar, pois se elle se houve segundo a maxima popular: «Ganha fama e deita-te a dormir!»

Durante os dias do Congresso o clima esteve «desperto» apenas para assistir á *garden-party* em Monserrate e á tourada em Villa Franca.

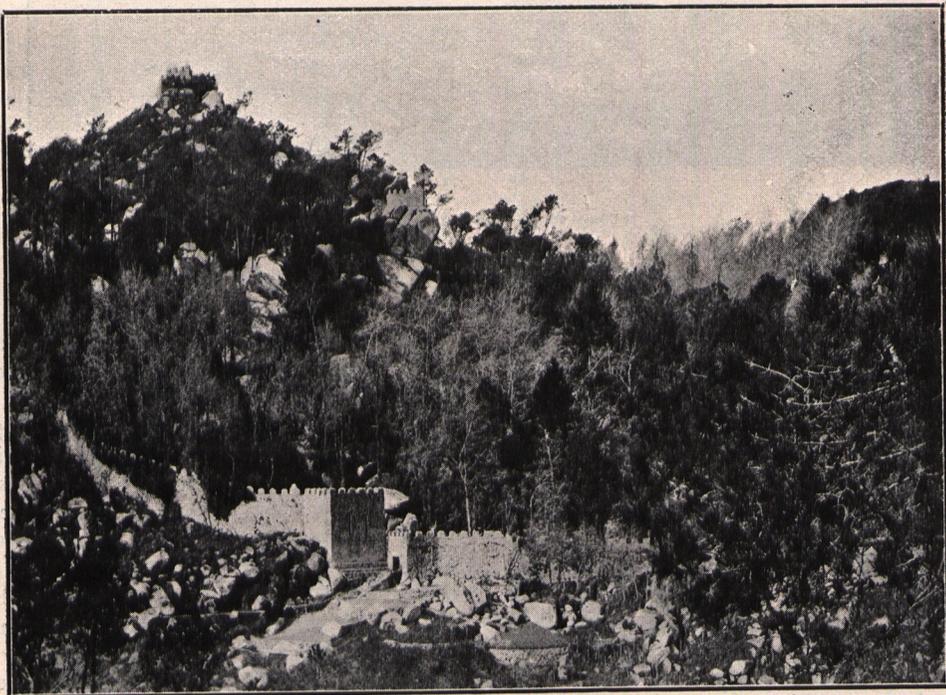
Nos mais dias esteve «adormecido», substituindo-o um vento aspero e glacial, que como quê tinha empenho em desmentir as minhas apaixonadas asserções, que era anormal este frio, que no inverno tinha estado mais calor do que então. As minhas patricias tiritavam,

lastimando não ter trazido a roupa de inverno, já posta de parte e. . perderam d'uma vez para sempre o medo dos calores de Lisboa. «À quelque chose malheur est bon!»

Todos levaram saudades, fazendo tenção de cá voltar, para mata-las n'este

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
«de louros e de acacias olorosas;
«de fontes e de arroios serpeado,
«rasgado por torrentes alterosas,
«onde n'um cêrro erguido e requeimado
«se casam em festões jasmíns e rosas;
«balsa virente de eternal magia
«onde as aves gorgeiam noite e dia.»

LOUISE EY.



CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO SUL



EGREJA DE MOREIRA DA MAIA

Singular desastre de automovel

O PASSEIO

O meu amigo C *** convidou-me ha dias para ir jantar com elle e a familia, a Leça da Palmeira. E accrescentou: — Espere-me ámanhã no Carmo, ás 4 1/2. Vou buscál-o no automovel com os rapazes. Qualquer d'elles, creia, é um *chauffeur* de uma canna. Verá; vae dar um passeio lindissimo.

No dia seguinte, á hora aprazada, mettia-me no automovel com o meu amigo. Occupavam os logares da frente os seus dois filhos, um dos quaes, pondo os monstruosos oculos, começou de guiar a moderna machina.

Sahimos da cidade tomando pela rua Oliveira Monteiro, que vae desembocar á nova e ampla estrada da circumvallação, onde ha trechos de caminho extensissimos, em linha recta, que parecem traçados de proposito para um automovel desenvolver toda a sua velocidade.

O sitio é dos mais pittorescos dos arrabaldes

do Porto. Verdes pinhaes bordam a estrada de ambos os lados, impregnando o ambiente de aromas saudaveis.

A tarde estava formosissima, luminosa; não corria uma aragem.

Como que animando a paizagem, embora em monotona e dura fila, viam-se os guardas fiscaes, preservativos não raro falliveis contra a reles candonga, em pé, junto das guaritas, entreendo a ociosidade a pensar, eu sei .. na morte da bezerra.

No momento em que passavamos, levantando nuvens de pó envolvidas n'outras de fumo, fixaram-nos elles com olhos espavoridos, julgando-se de certo felizes por, na sua quietude obrigatoria, não correrem o perigo em que nos suppunham, vendo o automovel despejar caminho de um fórma vertiginosa.

Quando chegámos ás proximidades de Leça, mudámos de rumo; isto é, o *chauffeur*, em vez de nos conduzir para casa, metteu a machina pelo caminho que leva a Santa Cruz do Bispo.

Durante esse transito, o nosso homem moderou o andamento; o estado lamentavel da

estrada não permittia caminhar tão rapidamente, sob pena de, n'alguma cova, o vehiculo tombar ou dar qualquer solavanco que nos ficasse de memoria.

Chegámos á igreja de Santa Cruz do Bispo e de lá seguimos para Moreira da Maia, onde tambem ha outra igreja com o seu bello cruzeiro, assombrado de virente arvoredos. Não pude apreciar a architectura de qualquer dos templos, mas afigurou-se-me o da Moreira um tanto original, embora talvez não deva muito á formosura esthetica.

— Aquelle portão, disse-me o meu amigo apontando para o lado direito, dá ingresso á bella propriedade de Luiz de Magalhães, filho...

— Bem sei, do grande tribuno que eu ainda conheci, José Estevão Coelho de Magalhães.

— Proximo da igreja de Santa Cruz do Bispo, continuou o meu amigo, ha outro portão pelo qual se entra para a quinta que foi dos frades, magnifica propriedade tambem. Só em buxo tinha, e não sei se continua a ter, uma riqueza.

— Como o Ramalhão...

— Ainda lá deve existir um tronco de arvore colossal, medindo não sei quantos metros de circumferencia...

— Ha de ser curioso.

— Muito curioso. Conta-se que, ha annos, o pai do abastado e illustrado proprietario portuense Christiano Van Zeller entrou, por acaso, na quinta e viu um homem do campo, um rustico, de machado em punho, preparando-se para derrubar o secular tronco. Indagando com que direito o fazia, soube que o homemzinho o comprara, na vespera, por uma libra, para fazer lenha. — «Quer você duas por elle?» pergunta Van Zeller — «Quero, sim senhor. Ellas que venham» — «Então o tronco é meu». E assim se salvou o venerando madeiro.

Fomos ainda até Barreiros e ahi, retrocedendo por se começar a fazer tarde, tomámos, em parte, pelo mesmo caminho para nos dirigirmos a Leça da Palmeira.

EPISODIO

Para cá de Santa Cruz do Bispo, n'uma estrada tambem contornada por extensos pinhaes como a da circumvallação, divisámos, ao longe, um cavalleiro muito atrapalhado da sua vida porque o garrano que montava se espantara ao ouvir a corneta de aviso do nosso *teuf-teuf*.

O cavalleiro parecia homem de meia idade, segurava na mão direita um grande chapéo de sol aberto e agarrava-se, com a esquerda, ás crinas do desinquietao cavallicoque de modo tal, que chegava a dar vontade de rir. O animal, ao sentir approximar-se o automovel, partira á desfilada, quasi sem governo, pelo pinhal fóra. Viu-se então quasi perdido o cavalleiro. O guarda-sol, embaraçando-se nos ramos mais baixos dos pinheiros, voltou-se. O chapéo fugiu-lhe da cabeça, e, na lucta com o garrano para lhe abrandar o passo e com os obstaculos que a todo o momento se lhe deparavam, o pobre homem tomava posições tão grotescas, que nós quatro, apesar da pena que a infeliz victima do progresso nos inspirava, soltámos uma unisona gargalhada.

Perdemos de vista cavallo e cavalleiro, e ainda riamos a bandeiras desprezadas do episodio. Chegava a ser uma deshumanidade, mas não estava mais na nossa mão.

Chegados a Leça, á meza do jantar, o comico incidente foi o mote principal da conversação, e com elle ainda riu a bom rir a familia do meu amigo.

O DESASTRE

Quando nos levantámos da meza, já o automovel, desempoeirado e reluzente, descansava, na cocheira, dos seus 30 a 40 kilometros, que fizera em cerca de hora e meia.

Eu tinha de regressar ao Porto, mas, como ainda era cedo, lembrou-se o meu amabilissimo amigo de irmos passar um bocado da noite ao Passeio Alegre, onde, no verão, costumam reunir-se as familias mais gradas da cidade invicta.

Assim fizemos. Tomámos um electrico, do qual nos apéamos, o meu amigo, os dois filhos e eu, no formoso jardim da Foz. A temperatura baixara, e tinha-se levantado vento; por isso, poucas pessoas se viam n'aquelle tão aprazivel passeio em noites amenas, quanto desagradavel e até perigoso nas agrestes.

Resolvemos, portanto, para fugir ao frio, abrigarmo-nos no café do Casino da Foz, estabelecimento elegante, onde um regular sextetto fazia as delicias dos frequentadores.

Entrámos. Todas as mezas estavam tomadas; porém, de uma d'ellas, levantavam-se tres sujeitos despedindo-se dos dois que ficavam.

Approximámo-nos, e quando nos iamos a sentar, o meu amigo, vendo que estes ultimos eram seus conhecidos, immediatamente me apresen-

tou e aos filhos, a ambos. Eram, segundo a apresentação que também me foi feita de suas pessoas, o mais velho, que devia orçar pelos sessenta annos, o administrador do concelho de ***, chefe do partido progressista da localidade; o outro, que não teria mais de quarenta e cinco, o medico do sitio, grande influente regenerador.

Aquelles dois rivaes partidarios, abancados á mesma meza, conversando como bons amigos, symbolisavam os nossos costumes politicos d'estes abençoados tempos de agora.

— O que ha de novo? perguntou-lhes o meu amigo.

— Nada, que eu saiba, respondeu com uma certa rudeza na voz e nos modos o mais velho. Tagarelavamos a respeito d'estas novas endrominas do progresso—bicycletas, automoveis, o diabo que os carregue...

— Coisas que eu aliás muito admiro e tenho na maior consideração, obtemperou o mais novo, o medico.

— Parece impossivel, depois de... e dando um forte murro na pedra da meza, em risco de a partir, o velho administrador, verdadeiro typo do homem chão mas grosso, muito grosso, continuou:

— Pois eu não, eu abomino essas choldras francezas—os dirigiveis, os velocipedes, os automoveis, que só servem para quebrar as costellas á gente quando não nos dão cabo do canastro, como também detesto os comes e bebes da estranja, mixordias que se mettem no estomago para dar que fazer aos medicos, como você...

Eu, para o ouvir, disse:

— A proposito de automoveis, estes amigos levaram-me hoje a um passeio lindissimo, no seu automovel...

Mas o nosso *chauffeur*, que estava a arreben-tar por contar o caso do cavalleiro do pinhal, interrompe-me, dizendo:

— Por signal que assitismos, apesar da rapidez em que iamos, a uma scena engraçadis-sima...

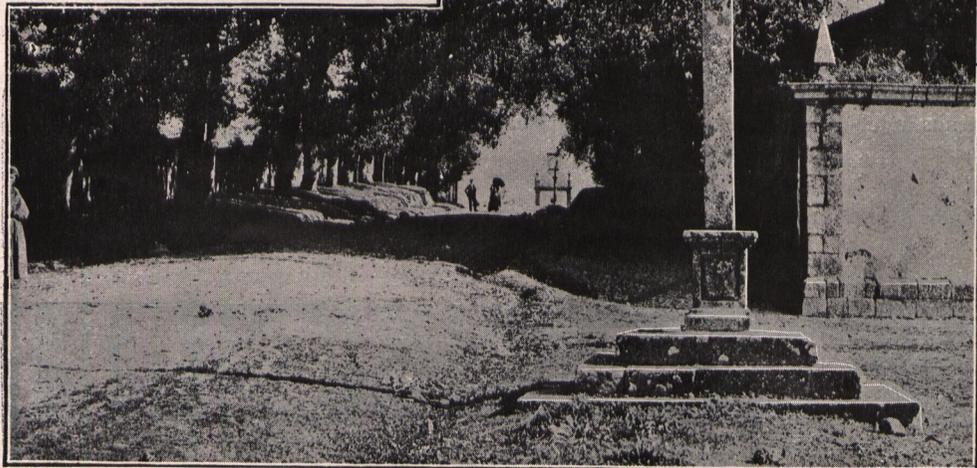
— Então que foi? perguntou bonacheira-mente o medico. Conte, conte lá o que foi.

E o bom do *chauffeur* começou de referir o episodio presenciado na estrada com o ho-mem do garrano, apimentando o caso, collo-cando o pobre diabo, como lhe chamava, em situação ainda mais ridicula do que, na verdade, aquella em que o vimos.

O medico parecia escutar a narração com interesse, tendo de vez em quando um sorriso sardonico para o narrador; mas o outro, o casca grossa do administrador, logo ás primeiras palavras do *chauffeur*, embezerrou e a cada graça mais pesada que nos fazia rir, todo elle se torcia.

Por fim, o alegre *chauffeur* terminou o seu raconto, dizendo:

— Perdemos de vista o cavalleiro da triste



CRUZEIRO DA EGREJA DE MOREIRA DA MAIA

figura quando elle e o seu rossinante se embrenhavam no pinhal, deixando ficar nos esgalhos das arvores mais baixos o panno vermelho do guarda sol, que era por uma penna o do João Semana das *Pupillas do sr. Reitor*. O que lhe succedeu depois, não sei; mas desconfio que o garranote não lhe deixou um osso inteiro.

— Engana-se, meu caro, disse o doutor com um ar de bonhomia impagavel, antegosando a surpresa que nos ia causar. Os ossos do cavalleiro ficaram tão inteiros como a seda do guarda sol. Quando V. Ex.^{as} entraram, acabava eu de contar o famoso successo aqui ao nosso administrador...

— N'esse caso, sabe V. Ex.^a quem era o cavalleiro, disse o outro filho do meu amigo, que, menos loquaz do que o irmão, pouco fallara até ahi.

— Sei perfeitamente.

— Então quem era? quem era? diga.

— Era eu.

Ficámos os quatro passados, não chegando a perder os sentidos, por um milagre, o chocalheiro do nosso *chauffeur*.

— Era eu, proseguiu o medico sorrindo ainda mais sardonicamente, eu que, não sendo adverso ás conquistas do progresso, amaldiçoei n'aquelle momento o vosso automovel porque espantou o meu garrano e me fez passar um mau quarto de hora.

— Peço desculpa se... gaguejou enfiado o *chauffeur*.

— Não tem de quê; V. Ex.^a não foi culpado em coisa alguma.

— Mas...

— Bem sei; quem conta um conto acrescenta um ponto. Eu, de mais a mais, medico da aldeia, posso-me parecer com o João Semana, do Julio Diniz... talvez me pareça, menos no chapéo de sol, que é de seda preta,

como vêem. E mostrou o chapéo a que se encostava pachorrentamente com ambas as mãos. Em todo o caso, o que lá vae, lá vae, e não fallemos mais n'isso.

— E' melhor, é, resmungou o administrador.

— Além do que, estamos pagos. Se eu me vi afflicto, montado no garrano, ao passar do seu automovel, V. Ex.^a afflicto se vê agora, assentado n'esse banco, ao achar-se na presença do heroe da sua engraçada narrativa. Em resumo, não ganhámos ambos para o susto.

— Eu considero o que acaba de me succeder, disse o *chauffeur* creando animo a pouco e pouco, um singular desastre de automovel, e confesso, com franqueza, que talvez preferisse a este, qualquer outro dos mais communs n'aquelle genero de *sport*, embora tambem de mais funestas consequencias.

DESFECHO

Foi o pae do vexado *chauffeur* quem acabou de tirar o filho da embaraçosa situação em que se via, advertindo-o paternalmente de que não é bom rir á custa alheia — elle, o outro filho e eu tinhamos rido tanto como o pobre rapaz — e pedindó desculpa ao medico, do terrivel damno que lhe ia causando o seu automovel.

Terminou, mandando vir uma garrafa de Champagne para envolver o caso nos poeticos vapores d'aquelle vinho espumoso, que n'um abrir e fechar de olhos se evolam.

Todos sentiram alma nova com este desfecho. Apenas o administrador do concelho, carregando mais o farto sobr'olho ao ouvir, logo depois, o estalar da rolha da garrafa, pareceu dizer comsigo:

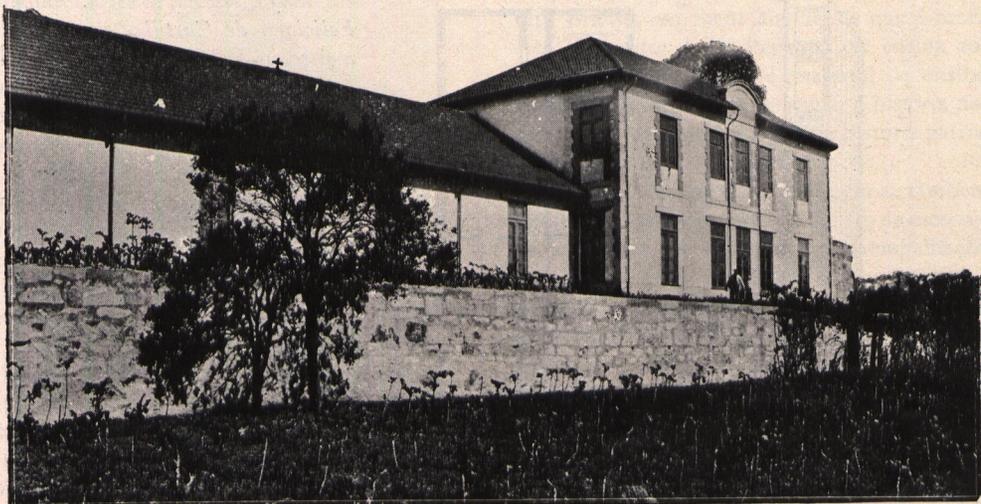
— Preferia uma caneca do verdasco da minha ramada.

RANGEL DE LIMA.



Protecção aos Desvalidos

Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa
alma portugueza



O ASYLO DE S. MANOEL, PARA CEGOS, FUNDADO PELA MISERICORDIA DO PORTO — VISTA GERAL

Os Cegos

II

DIZER como }veiu a introduzir-se e a radicar no nosso paiz a cruzada do ensino racional dos cegos, é o objecto especial a que se destina este segundo artigo, por quanto o primeiro se consagrou a relatar apenas o que dizia respeito á acção benéfica de simples protecção e amparo exercida pela caridade publica para com esta classe de desditosos indigentes.

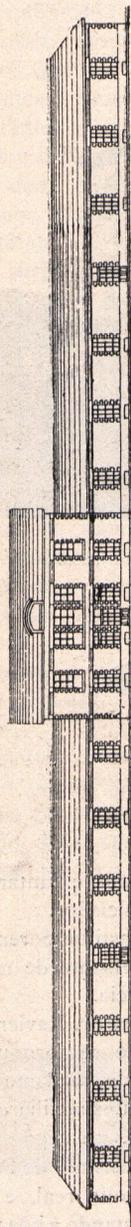
A completar o que n'elle se dizia ácerca do Asylo de S. Manuel, fundado pela misericórdia do Porto, incluem-se n'este segundo artigo as duas gravuras pelas quaes o leitor poderá

fazer idéa d'aquelle instituto, e juntamente o retrato do seu dedicado iniciador.

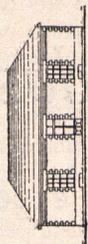
O ensino dos cegos constitue porem outro capitulo não menos interessante de moderna e bem orientada beneficencia.

Foi outra filha do celebre dr. Xavier Sigaud vinda para Portugal, onde se tornou muito conhecida sob o nome de madame Souto, quem, encontrando dedicados auxiliares no sr. A. M. de Lima Carvalho, no cego sr. Léon Jamet, antigo alumno do Instituto de Paris, organista e musico da capella real, e no dr. Aniceto Mascaró, e conquistando a bôa vontade e protecção da alta sociedade portugueza,

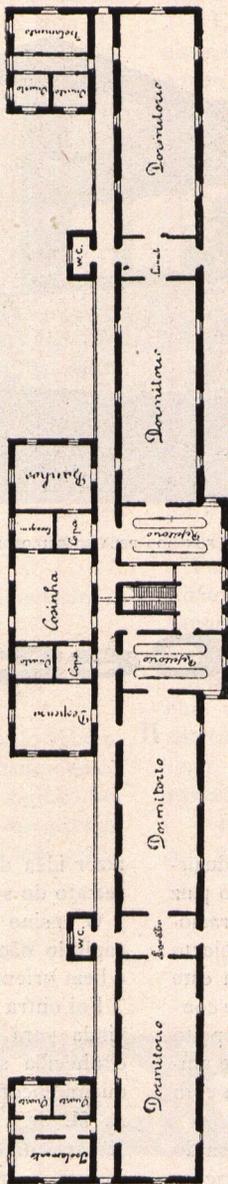
Alçado principal



Alçado lateral



Planta do 1º pavimento



Planta do 2º pavimento



ASYLO DE S. MANUEL — ALÇADO E PLANTAS DO EDIFÍCIO

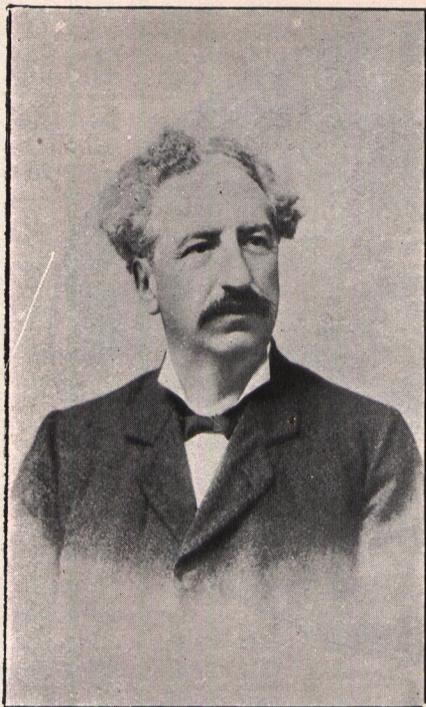
procurou crear uma forte corrente affectiva de typhlophilos de que resultou a *Associação promotora do ensino dos cegos*. Após uma reunião nas salas do *Commercio de Portugal*, onde alguns cegos executaram em publico exercicios de leitura, escripta e musica, captivando assim a adhesão de espiritos intelligentes e cultos, fundou esta Associação em 1889 o seu *Asylo escola Antonio Feliciano de Castilho*, situado primeiro ao Calvario, perto da residencia da instituidora. D'alli passou para Pedrouços e depois para o palacete na rua de S. Francisco de Paula, onde hoje se encontra.

Abriu apenas com 4 alumnos e 5 alumnas, menores, todos filhos de familias pobrissimas, alguns dos quaes antes recorriam á mendicidade; hoje mantém 57 asylados de ambos os sexos.

Directores intelligentes e dedicadissimos promoveram a implantação do ensino profissional a par da instrucção primaria, de portuguez, de francez, de musica, de piano, e de violoncello e canto, que já existiam.

Crearam-se em 1899 as officinas de escovas e de sapatos de trança, bem como as de obras de malha, crochet, flores e rendas de Peniche. Alguns dos professores são cegos, e ultimamente com os alumnos de musica se formou alli uma pequena orchestra, que tem tocado em concertos publicos, com applauso dos auditorios.

Ainda no dia 20 de maio ultimo, nas salas do *Real Gymnasio Club*, se effectuou perante numerosa concorrencia um sarau, onde os cequinhos com a sua orchestra, sem regente, executaram difficultosos numeros do programma musical. Além disto, porém, recitaram poesias, cantaram, dansaram, com admiravel precisão, e apresentaram exercicios de gymnastica sueca, em que os alumnos de ambos os sexos fôram pacientemente adextrados pelo professor sr. Annibal Pinheiro.



DR. PAULO MARCELLINO DIAS DE FREITAS
Provedor honorario da Misericórdia do Porto
e iniciador do Asylo de S. Manuel

Pelas nossas gravuras verá o leitor alguns aspectos do asylo e grupos de asylados nos seus varios mistéres. São reproduções de bellos clichés que o nosso habil collaborador artistico sr. A. Barcia alli foi expressamente tirar, mediante graciosa concessão dos actuaes e zelosos directores do Asylo.

Parallellamente, a corrente das idéas pedagogicas ia insuflando no *Instituto Imperial dos meninos cegos*, do Rio de Janeiro, notavel desenvolvimento e radical transformação.

Foi o dr. Xavier Sigaud quem primeiro lhe deu impulso inicial, para demonstrar—«o erro neo preconceito de que o cego é um invalido condemnado á ignorancia, merecendo só compaixão e cuidados corporaes».

O seu continuador, depois de 1856, dr. Claudio Luiz da Costa, consagrou-lhe durante 13 annos egual dedicação, e por fim seu genro o illustre dr. Benjamin Constant, nomeado director em 1869, foi, quando ministro do governo democratico, o seu feliz reformador. Até 1889 o grande asylo, que D. Pedro II patrocinára tanto, doando-lhe terreno onde se construiu em 1872 o vasto edificio, era apenas

um hospicio onde se acolhiam e albergavam cegos indigentes.

O espirito lucido de Benjamin Constant esboçou o novo plano, e deu ao Instituto, pelo Decreto de 17 de maio de 1890, o caracter de uma verdadeira escola de ensino theorico e professional.

É curioso vêr nos relatorios e noticias elaboradas pelos seus ultimos directores dr. Brazil Silvado e Jesuino da Silva e Mello, como alli, similhantemente ao que succede no Instituto Braille, em Saint Mandé, de que é proficiente, director o dr. Péphaud, se ensina aos cegos, com processos e material de ensino interessantissimo, a geographia, a historia natural, além das linguas vivas, da historia patria, da mathematica elementar, etc.

E, a par do ensino theorico, veem-se tambem as officinas onde aprendem o fabrico de escovas, de vassouras, de espanadores, a empalhação de moveis, e os misteres de typographos e de encadernadores. As raparigas aprendem a fazer crochet, bordados, flôres e obras de mis-sanga.

Benjamin Constant morreu em 1891, e o governo brasileiro, entre as honras que tributou á sua pranteada memoria, deu o seu nome ao Instituto, de que elle fora durante 21 annos o mais dedicado director.

O ensino de musica e de canto occupa tambem alli, como nos asylos de Lisboa, um logar



Cliché de A. Barcia.

O ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Edificio actual na Rua de S. Francisco de Paula em Lisboa



Cliché Benoliel

GRUPO DE CONCERTISTAS CEGOS NO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

importante, visto serem artes mui peculiarmente cultivadas pelos cegos.

Para esse fim mantém aulas de canto e de canto coral, de instrumentos de sopro e de corda, de piano, harmonium e orgão, e do concerto e afinação destes instrumentos; nestas aulas se tem habilitado a ganhar honrosamente a vida muitos musicos, pianistas e afinadores.

Havia no Instituto uma banda, que o director Brazil Silvado transformou em orchestra. Com ellas se effectuaram magnificos concertos e saraus, como os do nosso Asylo Escola Antonio Feliciano de Castilho. Para uma destas soberbas festividades, escreveu o illustre e malgrado poeta brasileiro Valentim de Magalhães inspiradas poesias.

Uma destas poesias intitula-se—*Os dois edificios (A Cadeia e a escola)*, e a outra *Os cegos*.

Nesta ultima se enaltecem as aptidões aproveitaveis dos cegos, ante os quaes se abre o mundo do Ideal, o mundo do Pensamento.

Não é possivel resistir á tentação de transcrever aqui, apesar de extensa, esta sentida poesia, obra prima do poeta brasileiro. E' um serviço prestado aos nossos leitores que não facilmente conseguiriam lê-la de outro modo.

Foi escripta no Rio, em agosto de 1898.

Eil-a :

Ha dois mundos no mundo. Um palpavel e enorme,
Composto de milhões de formas e de aspectos.
Que ao sol palpita e vive e que nas trevas dorme ;
Mundo de sensações, de contactos, de objectos.

E' o visivel

Esse mundo é o que nós de vista conhecemos ;
Só de vista, que a essencia e a origem ninguém sabe.
Nelle vemos a luz e nelle a luz perdemos . . .
Esse mundo sem fim numa pupilla cabe !

O outro é o que se vê sem olhos, o que ao tacto
Escapa e nenhum sabio inda pôde graphar ;
É o que palpita e rugue e canta, immenso e intacto ;
Tem mais astros que o céu, mais perolas que o mar.

É o mundo do Ideal, do Pensamento ; é o mundo
Interior, que não tem formas nem apparencias ;
Em cujo intimo seio, incognito, profundo,
Tumultua, fervendo, a mó das consciencias.

Cegos, é nesse mundo o vosso reino, o vosso
Céu é esse, em que ha luz e não ha vendavaes ;
Cujo sol — o Ideal, não tem, qual tem o nosso,
Occaso, eclipse e noite, e não morre jamais.
.

Cégos, a vossa luz é a luz d'Alma, é a boa,
A que não se macula em charcos e pañes ;
Vem d'um céu em que o Bem serenamente vóa,
— Pomba de neve e rosa em páramos azues.

Cégos, vêdes p'ra dentro e melhor e mais certo
Que os que cegos não são; os males e as desgraças
Adivinhaes, se tanto; estaes de Deus mais perto;
Seguis dos anjos d'Elle as luminosas traças...

Nunca vereis a chaga, o sangue, o pús, a lama
Nunca vereis matar, nunca vereis morrer!
Ignoraes o que seja a Fealdade, e o drama
Do crime não o podeis, horrorisados, ver!

Do amor tendes sómente a essencia delicada.
Toda a mulher p'ra vós é formosa e perfeita...
Não tendes, como nós, a alma insaciada,
Desejando sem tregua e nunca satisfeita.

Cegos, porquê? porque não vêdes o que vemos?
O nosso mundo vil, o nosso inferno atroz?
Tristissima cegueira esta em que nós perdemos!
Oh! Como vêdes bem!

Os cegos somos nós!

*
* *

Lancemos agora uma rapida vista de olhos
pelos processos ou systemas inventados para
o ensino dos cegos.

Ao francez Carlos Barbier, fallecido pouco
antes de 1850, se deve a idéa-mãe, a base prin-
cipal em que todos os systemas se fundaram
—a dos pontos salientes para os cegos lêrem

as letras em relevo, pela palpação com os
dedos. Esta idéa simples e engenhosa teve a
opinião favoravel da Academia das Sciencias
de Paris, em tres relatorios successivos de
1820, 1823 e 1830, firmados por nomes ce-
lebres como os de Lacépède, Cuvier, Ampère e
Molard.

Barbier chamava á sua escripta — *escripta
nocturna* — por ser applicavel a videntes, cegos,
surdos-mudos e até aos ignorantes da leitura
usual, em razão da sua extrema simplicidade.

Luiz Braille, contemporaneo de Barbier,
aproveitou a idéa e dispoz os pontos em relevo
de modo a formar signaes convencionaes
correspondentes ás letras e algarismos.

Outro francez, Ballu, desenhava as letras do
nosso alphabeto por feiras de pontinhos pico-
tados ou em relevo, tornando assim mais
difficil e morosa a sua leitura pelos cegos.

Analogo tambem é o systema do abbade
Carton, que comtudo procura desenhar a
letra do alphabeto commum, approximando-se
já de uma perfeição ideal.

Surgem depois outros systemas de escripta,
denominados *estylographia*, em que a cravação
ou relevo da letra se faz por meio de traços

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO



Cliché de A Barcia

GRUPO DE CEGOS

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

seguidos e não de pontos. Foi seu dedicado promotor o conde de Beaufort, tendo por seguidora M.^{elle} Mulet.

Llorenz, inventor do systema usado em Hespanha, era filho da Catalunha, berço do ensino dos cegos. A escripta de Llorenz é a letra commum estylographada. O inglez Moon adoptou a linha



GRUPO DE ALUMNAS CEGAS
Exercício de leitura



TRABALHANDO EM RENDAS DE BILROS

em relevo, mas seguiu um alphabeto convencional.

Vemos portanto que Hauy e Barbier deram a base de todos os systemas — a cravação, o relevo. Braille aproveitou a idéa, mas afastou-se de Hauy, e como cego só cuidou da leitura dos cegos, sem pensar no proveito que haveria em tornal-a accessivel aos videntes.

Por fim o medico catalão Aniceto Mascaró, de Gerona, licenciado em medicina e cirurgia pela Universidade de Barcelona, e que em 1870 veio estabelecer-se em Lisboa, onde por muitos annos exerceu a clinica ophthalmologica, começou desde 1889 a dedicar-se á typhlogia, isto é, ao estudo da pedagogia dos cegos.

Aproveitando o que havia de bom nos systemas inventados, o dr. Mascaró creou o seu systema de escripta para cegos e videntes, e



LAVORES FEMININOS

Clichés de A. Barcia

fundou na rua do Alecrim, n.º 20, o seu *Instituto Medico-Pedagogico Mascaró*, para habilitar os cegos e todos os anormaes á frequencia das escolas communs dos videntes, assim como para formar professores idoneos, dos cegos e videntes.

Neste systema de escripta, porém, os pontos picotados obedecem á regra de definir o mais possivel a letra commum, maiuscula, marcando-lhe o principio, o meio e o fim, ou só o prin-

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO



AULA DE PIANO, VENDO-SE AO FUNDO O BUSTO DE CASTILHO

cipio e o fim, sendo ligados pela evolução ou traço impresso a preto, como os pontos, de modo que o vidente lê numa escripta deste systema, como em qualquer livro vulgar.

Eis conseguido o supremo ideal! A escripta Braille, carecendo a iniciação previa no alphabeto, ou a chave da leitura, só serve para cegos ensinados no seu systema, os quaes tateando com os dedos os signaes convencionaes nella traçados, conseguem lê-la com rapidez. — «Mas, diz-nos o dr. Mascaró, a escripta para cegos e videntes permite que a mãe ensine o filho cego a fim de que possa frequentar as aulas communs».

Leigues, ministro da Instrucção publica de França, reconheceu, e assim o declarou ao proprio dr. Mascaró, que o seu systema representava o aperfeiçoa-



REFEITÓRIO

Cliches de A. Barcia.



GRUPO DE CEGAS DO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

mento do de Braille e como demonstração de apreço concedeu-lhe as *palmas* da Academia. Em 1900, no Congresso de Paris trezentos votos o aprovaram.

O eminente typhlologo J. Cunningham, de Paisley, declarou que este processo tão simples e engenhoso fazia honra ao seu inventor. Escusado será encarecer as vantagens desta



ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO — OFFICINA DE ESCOVAS

Clichés de A. Barcia

escripta, que para nós tem ainda a recommendal-a' o facto de ter nascido em solo portuguez, embora de um auctor estrangeiro, mas de nação visinha e irmã na raça e no sentir. É um invento portuguez.

Estes systemas de escripta em relevo applicam-se egualmente á notação musical. Braille deixou memoria immorredoura na sua perfeitissima musicographia.

Muitas outras analogas na base do processo dos signaes em relevo estão, porém em uso.

No Instituto Nacional dos Cegos de Madrid (que é de cegos e só por cegos dirigido, apenas com protectores ou patronato) ensina-se a musicographia Abreu.

O dr. Mascaró tem tambem a sua, que mereceu em 1900 do conselho escolar do Conservatorio de Lisboa parecer favoravel, attendendo a que todos os signaes e notações se assemelham aos da musica usual, dispensando a pauta

e as claves, formando portanto um methodo de facil comprehensão.

O distincto critico e musicographo sr. Ernesto Vieira tambem se tem dedicado com especial predilecção ao ensino musical dos cegos, obtendo na Academia dos Amadores de



ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO — CEGAS NO RECREIO

Cliché de A. Barcia



O INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT, NO RIO DE JANEIRO, PARA EDUCAÇÃO DOS CEGOS.
VISTA GERAL DO EDIFÍCIO

ter conseguido vêr a definitiva victoria do seu methodo.

Toda Lisboa estimava o bondoso e caritativo ophthalmologista, que fôra o primeiro a fundar em Portugal, sem auxilios officiaes, a clinica e o ensino gratuitos dos cegos, exercendo a sua missão philantropica com uma dedicação sem limites.

Filho da Catalunha (onde nasceu em 1842, em Liadá), dessa provincia onde predominam o character vivo e a actividade febril, Mascaró, que enriquecera na America, conservou sempre essas qualidades characteristics da sua origem, e sob um aspecto original, conquistava as sympathias pela graça insinuante, fina e vivaz que nunca perdia nem mesmo nos momentos de mais acerbo azedume.

O dr. José Lourenço da Luz dizia que se todos os hespanhoes fossem Mascarós estaria feita de ha muito a união iberica.

Nenhumas contrariedades, que as teve e muitas, o demoveram da sua paixão philantropica. A protecção e o ensino dos cegos eram o seu desinteressadissimo enlevo. — «Os cegos não vêem, dizia elle, mas imaginam; e como os povos da Peninsula são muito ricos em imaginação, os meus cegos hão de vêr na mente o que a sensibilidade dos dedos descobre na escripta».

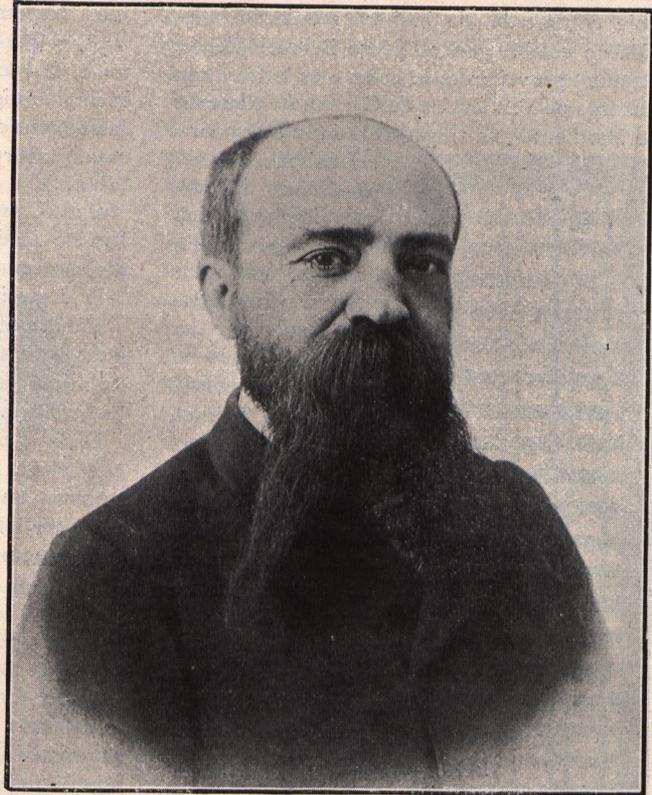
Como o soldado morreu no seu posto de combate, advogando no congresso a causa de que era estrenuo e devotadissimo apostolo!

Sirvam estes singelos periodos do meu artigo de modesta homenagem de saudade pela inesperada morte do dedicado bemfeitor dos cegos, e meu bom amigo dr. Aniceto Mascaró

O seu systema realiza o ideal moderno do ensino mixto de normaes e anormaes. É no dizer do proprio auctor, o aproveitamento do processo natural, que pode affirmar-se foi sempre o systema portuguez, isto é a *auto-educacão* na lucta pela vida.

É um methodo simples, espontaneo, affectivo, amavel, bello como o *methodo portuguez* e como a *Cartilha Maternal*!

É util a convivencia promiscua de cegos e



O DR. ANICETO MASCARÓ

Cliché Muniç Martinez

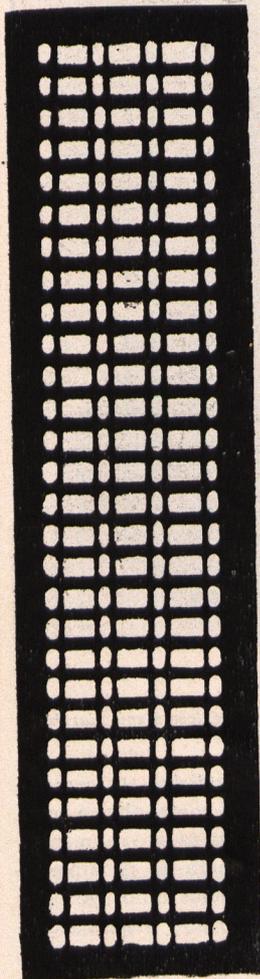
videntes na escola e na officina. O companheiro vidente empresta ao companheiro cego a sua vista, e o seu auxilio a todo o momento. Desta sorte o cego distraido do isolamento das trevas como que vê pelos olhos dos camaradas de trabalho e recebe a instrucção das cousas, a noção do mundo exterior que desconhece.

É por este processo natural e espontaneo que tantos cegos apprenderam officios, artes, sciencias.

Admirou-os el-rei na sua viagem ao Algarve ao vel-os trabalhar nas fabricas de rolhas a par dos videntes; assignalou-os em igual mister o sr. Baldaque da Silva, em Sines; temol-os nós todos visto habeis sineiros, cesteiros, corticeiros.

Quantos exemplos de notavel acuidade intellectual não derivada de ensino poderiam apontar-se. Não falando na biblica historia da cegueira de Tobias, inspiradora do soberbo quadro de Botticelli, nem na lenda,

hoje contestada, da barbara mutilação infligida ao celebre general grego Belizario, lenda de que aproveitaram as artes e as letras, nos quadros de Van Eyck e de Gerard, no romance de Marmontel, na tragedia de Jouy e na opera



PAUTA METALICA SOBRE A QUAL OS CEGOS ESCREVEM COM O PUNÇÃO, AS LETRAS EM RELEVVO.

de Donizetti, mesmo nos dramas ignorados e simples da vida contemporanea abundam exemplos notaveis. Citarei alguns, como o de um edoso empregado do deposito de materias do sr. Sabido, na rua de S. Bento, o de um conhecido vendedor de jornaes hespanhol, Manuel Criado Fernandez, que costuma estanciar na rua da Betesga, dando notaveis provas de esperteza na sua vida activissima, e ainda o de um cego que vive na Arrentella, de nome Augusto Catraeiro, o qual, tendo perdido a vista em tenra idade, exercia o mister de barqueiro, conduzindo sosinho o seu bote no Tejo, em carreiras do Beato a Cacilhas, e manifesta em muitos outros factos extrema penetração de sentidos e uma percepção facil do mundo exterior que o cerca.

Em mistéres mais elevados são dignos de menção o fallecido Silva Campos, que durante muitos annos exerceu o logar de escrivão da nobreza do reino, o sr. Brito e Cunha, que victima de um desastre continua a dirigir com proficiencia a sua fabrica de productos chimicos, e o sr. Doria, da Covilhã, que dirige uma tinturaria.

E quantos mais! Musicos e professores vèmol-os eximios. No conservatorio de Lisboa deixou memoria illustre o conhecido cego

João Nepomuceno de Seixas, fallecido em 1873, o qual alli regeu a cadeira de rudimentos e de recta pronuncia; como musicos são exemplos dignos de registar aqui o sr. Leon Jamet musico da real camara, o afinador da casa Neuparth e do conservatorio sr. Francisco Llorente, e o celebre violinista brasileiro Luiz Margutti, professor do instituto dos cegos do Rio de Janeiro, onde muitos outros professores são igualmente cegos.

E deste instituto brasileiro muitos antigos alumnos teem constituido familia, vivendo independentes, e mantem até um delles, Cesario Lima, um externato de videntes de ambos os sexos, muito frequentado.

O *Magasin pittoresque* de 1854, fala-nos com elogio de um portuguez de nome Diogo Alvares, que apesar de cego, tinha tão bonito talho de lettra que os seus escriptos se guardavam como preciosidades.

*
* *

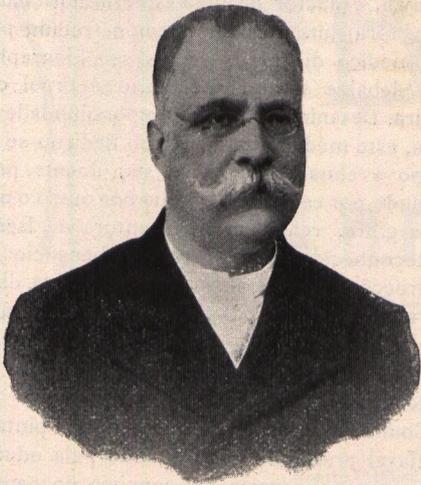
Os esforços dos typhlophilos teem sido constantes em favor desta causa sacrosanta. Quasi todos os annos se reúnem em congressos e conferencias, nos principaes centros da Europa culta, a discutir processos, a relatar e aquilatar resultados. Vem-os em Paris, em 1878 e 1889, em Bruxellas em 1902, em Milão em 1901, e por fim, em Edimburgo, nos fins de junho do anno passado.

Entre nós a propaganda tem sido intensa. A *Revista Mascará* tem fornecido elementos de leitura e ensino aos cegos e videntes, e publicado na escripta do seu director poesias, como a *alma minha* de Camões, trechos do D. Quixote, etc, impressos em cartão, ou em seda, e até em lindas placas de porcelana, havendo nestas a traducção do soneto de Camões em catalão e em latim. Esta ultima versão é do millogrado e sapiente dr. Santos Valente, e as chapas de porcelana dedicadas ao dr. Thomaz de Carvalho.

Podéiam registar-se entre muitas outras diligencias em-



PUNÇÃO COM QUE SE FAZEM OS PONTOS E OS TRAÇOS EM RELEVVO NA ESCRIPTA DOS CEGOS.



ERNESTO VIEIRA

pregadas para o ensino dos cegos, as escolas profissionaes de cegos de Lisboa e Porto, de acção restricta, o *Jornal dos Cegos*, impresso para propaganda entre videntes, o grande numero de esmolas e donativos que por disposições testamentarias distribuem a Misericordia de Lisboa e outros institutos.

E para fecho desta resenha muito incompleta, cumpre dizer que obedecendo ao pensamento sympathico de tornar pratico e effectivo o ensino mixto de cegos e videntes, pensa o actual director geral da Instrucção Publica, o sr. cons.^o Abel de Andrade, em organizar a admissão e ensino dos cegos nas escolas primarias do reino, onde já actualmente os recebem, habilitando o professorado a tão proficuo e louvavel intento.

Muitos directores de collegios particulares e de estabelecimentos industriaes de Lisboa e Porto offerceram ao Ministro do reino a concessão de entrada livre nas suas aulas e officinas a todos os cegos do paiz que as queiram frequentar. Assim se evitam ao Estado as despesas da creação e manutenção de asylos e escolas, e se procura manter, na maxima liberdade, sem encarceramentos humilhantes, as infelizes creanças.

Não terminarei este artigo, que vai já extenso, porque o interesse excepcional de assumpto tão pouco conhecido por certo da maioria

dos leitores, me compelliu a alongal-o, sem chamar a attenção de quantos fizerem a honra de me lêr, para esta sacrosanta cruzada do Patronato dos cegos, que deveria implantar-se de uma maneira pratica, simples, affectiva, pela cooperação dedicada de todos, promovendo-se a vida livre, harmonica, completa dos anormaes, a quem se devem abrir todas as aulas, todas as officinas, todos os recreios e distracções de que os videntes gosam e aproveitam, numa comunidade fraternal, verdadeira aspiração de supremo conforto e amparo a esta classe infelizmente numerosa de desvalidos.

CASTILHO

ASSIGNATURA DE A. F. DE CASTILHO

Nem é facil de presumir a quantos infelizes esta abençoada propaganda poderá aproveitar! Não existe uma estatistica official dos cegos indigentes e não indigentes existentes por todo o paiz, além dos 150 que se acham internados em asylos e hospícios. De uma tentativa, feita em 1904 e na qual se confessa a insuperavel deficiencia do trabalho, calcula-se haver no reino mais de 4500 cegos indigentes e de 2700 não indigentes, sendo 895 menores de 21 annos.

Taes são os numeros que uma imperfeita estatistica nos accusa, inferiores por certo á triste verdade, com respeito á população cega do paiz, a bem da qual forçoso se torna en-

Musical score for piano and maraca. The score is divided into two systems. The first system is for Piano and Maraca. The piano part is in G major (one flat) and 4/4 time, marked *ff*. The maraca part is in the same key and time, marked *Marcia!*. The second system is also for Piano and Maraca, with the piano part marked *ff* and the maraca part marked *Marcia!*. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

MUSICA PARA CEGOS, SYSTEMA MASCARÓ
COMPARAÇÃO COM O SYSTEMA USUAL PARA VIDENTES

vidar todos os esforços da caridade, dispensando-lhes a protecção na indigencia e o ensino, o amparo intellectual e moral de que todos elles carecem.

Esta cruzada santa é dever que a todos cumpre, mas muito especialmente aos medicos, aos institutos especiaes onde os cegos são tratados, albergados e protegidos. Aos medicos sem a menor duvida, quando mais não seja, como muito espirituosamente dizia alguém, pelo dó e commiseração que devem merecer-lhes todos os que elles deixaram cegos.

Tal foi o caso celebre que nos conta Pedro Dufau no seu magnifico livro — *Os cegos*, publicado em Paris em 1850. Passou-se na Catalunha que, como se vê, tem sido o berço de notaveis ensinadores dos cegos. O celebre cego Jaime Isern, de Mataró, depois musico

notavel, e auctor de uma famosa musicographia, fôra durante algum tempo tratado por um medico distincto, depois seu biographo, que debalde tentou arrancar-o á cruel cegueira. Desanimado, vista a impossibilidade da cura, este medico bondosissimo dedicou-se de corpo e alma a ensinar o seu doente, procurando por este modo, já que por outro o não conseguira, remediar a desventura de Isern.

Reconhecido ao inapreciavel beneficio da instrucção, que lhe abriu uma vida nova, dizia Isern que o seu medico lhe proporcionára — *un beneficio que le pareció tan apreciable como la adquisicion de la vista por la que en vano hizo el viaje.*

Commovedora phrase que bem nos pinta o ineffavel prazer do cego quando pela educação consegue entrar no convivio do pensamento, na vida da Humanidade.

VICTOR RIBEIRO

EFFEITOS DE LUZ

Photographia de um poeta



A ESPHYNGE.

Cliché de Affonso Lopes Vieira



SUMMARIO DOS CAPITULOS I A X

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reúne-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipício, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahí lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas.

CAPITULO XI

Os documentos da caverna

Como todas as outras passagens n'esta velha fortaleza, o accesso da caverna era apertado e sinuoso; é de presumir que assim o dispuzessem os antigos para facilitar a defeza. Comtudo, passada a terceira curva, Benita lobrigou na sua frente uma luz que jorrava de uma candeia indigena accessa no arco da entrada. Ao lado d'este arco havia uma excavação em fórma de concha, cortada na rocha a cousa de um metro acima do solo. A ella, pareceu-lhe familiar aquelle aspecto; o motivo, não tardou que o soubesse, embora n'aquelle momento não lhe

achasse relação com objecto algum determinado. A caverna que se abria alem era ampla, bastante alta, e não completamente natural, porque as paredes haviam sido evidentemente formadas, ou pelo menos afeiçoadas pela mão do homem. Provavelmente era aqui que os phenicios haviam estabelecido o seu oraculo, ou local das offerendas.

A começo não poude Benita ver bem, visto que n'aquelle enorme caverna pouca claridade davam duas candeias de oleo de hippopotamo. Mas seus olhos depressa se acostumaram á meia obscuridade, e á proporção que elles iam caminhando, percebeu ella que, salvo uma manta de pelle em que ella suspeitou se sen-

tasse o molemo para as suas devoções solitarias, e algumas cabaças e malgas para agua e comida, o topo da caverna parecia completamente vasio. Alem, no centro, estava um objecto de algum metal brilhante, que, em vista de um duplo manipulo e de um rolo sustentado em supportes de rocha, ella tomou por uma especie de sarilho ou guincho, e não se enganava, porque abaixo d'esse objecto escancarava-se a bocca de um grande poço, que fornecia agua a este baluarte superior da fortificação.

Alem do poço via-se um altar de pedra, com a configuração de um cone ou de uma pyramide truncada, e a pouca distancia, sobre a parede do fundo, lobrigou ella, á claridade bruxuleante da candeia que estava sobre o altar, uma cruz colossal, d'onde pendia, esculpida com vigor, embora rudemente, em pedra branca, a imagem de Christo crucificado, com a corôa de espinhos descahida. Compreendeu então. Qualquer que houvesse sido o primeiro culto a que se consagrara aquelle local, tinham-n'o conquistado christãos e alli tinham posto o symbolo sagrado da sua fé, cuja visão mais tremenda apparecia n'aquelle meio. Sem duvida tambem, a concha da entrada servira de pia de agua benta aos devotos d'essa capella subterranea.

O molemo foi buscar a candeia ao altar, aticou a luz e levantou-a em frente do crucifixo. Embora não fosse catholica, Benita curvou a cabeça e persignou-se, emquanto elle a observava com curiosidade. Em seguida, o velho baixou a candeia, e ella distinguiu então no solo de cimento um grande numero de vultos, deitados e amortalhados, que á primeira vista tinham o aspecto de gente adormecida. O molemo encaminhou-se para um d'elles e tocoulhe com o pé; immediatamente se desfez em pó o panno da mortalha, descobrindo por baixo um esqueleto branco.

Todos aquelles dormentes repouzavam alli ha pelo menos duzentos annos. Alli jaziam homens, mulheres e creanças, mas d'estas ultimas poucas. Alguns d'esses cadaveres tinham joias e adornos sobre os ossos, outros estavam revestidos de armaduras, e junto de todos os homens viam-se espadas, ou lanças, ou adagas, e n'um que outro ponto objectos que se afiguraram a Benita armas de fogo primitivas. Havia alguns que ao ar secco se haviam transformado em mumias; objectos grotescos e hediondos de que ella de bom grado desviava os olhos.

O molemo conduziu-a até aos pés do crucifixo, onde, um sobre o degrau inferior e outro sobre o chão de cimento logo abaixo d'elle, jaziam dois vultos decorosamente cobertos de chales de qualquer estoffo pesado entretecido de fios de ouro, em cujo fabrico eram famosos os makalangas quando os portuguezes começaram a travar relações com elles. O molemo agarrou nos pannos que pareciam quasi tão perfeitos como se se tivessem acabado de tecer, e levantou-os, mostrando os rostos de um homem e de uma mulher. As feições estavam irreconheciveis, comquanto o cabello, branco no homem e de um negro de corvo na mulher, se conservasse intacto.

Tinham sido pessoas de representação, porque reluziam condecorações ao peito do homem, e a sua espada tinha os punhos de ouro, e os ossos das mulheres estavam enfeitados de collares e joias preciosas, e a mão segurava ainda um livro com encadernação de prata. Benita agarrou n'elle e examinou-o; era um livro de missa primorosamente illuminado, que sem duvida a desgraçada estava a ler quando acabou por cahir exhausta no somno da morte.

— Eis o fidalgo Ferreira e sua mulher — disse o molemo — que sua filha assim collocou antes de ir reunir-se a elles.

Então, a um gesto de Benita, tornou a cobri-los com os pannos de ouro.

— Eis onde elles dormem — proseguiu elle n'uma especie de molopéa — cento e cincoenta e tres são elles, cento e cincoenta e tres, e quando eu n'este recinto sonho de noite, tenho visto as almas de todos elles surgirem dos corpos e deslizarem pela caverna, o esposo com a esposa, a creança com a mãe, e veem olhar para mim e perguntar-me quando tornará a virgem branca a tomar posse da herança e a dar-lhes sepultura.

Benita tremeu toda; o character solemne e mysterioso da scena e do local subjugava-a. Começou a parecer-lhe que tambem ella via aquelles espectros.

— Basta! — disse ella — Vamo-nos embora.

E foram-se. O Christo lastimoso e agonizante, para o qual ella relanceava de instante a instante de soslaio, foi-se desvanecendo n'uma mancha branca, até se diluir de todo na treva, atravez da qual, de geração em geração, ella velava sempre sobre os mortos, esses mortos que no meio do desespero lhe haviam clamado por misericórdia e orvalhado de lagrimas os seus pés.

Que alegria a d'ella, quando deixou atraz de si essa mansão de fantasmas, e tornou a ver luz amorosa e propicia.

— Que viste tu ?

— Que viu, Miss ?

Foram as perguntas que a um tempo sahiram dos labios de Clifford e de Meyer, apenas lhe divisaram o rosto pallido e apavorado.

Benita deixou-se cair n'um assento de pedra á entrada da caverna, e, antes que pudesse abrir a bocca, o molemo respondeu por ella:

— A virgem viu os mortos. O espirito que a acompanha esteve a saudar os seus mortos de que tanto tempo se apartou. A virgem fez reverencia ao Deus Branco que está pregado na cruz, e implorou-lhe a benção e o perdão, assim como aquella cujo espirito a acompanha fez reverencia ante os olhos de meus avoengos, e implorou a benção e o perdão antes de se despenhar na morte.

E apontou para o pequeno crucifixo de ouro que pendia no seio de Benita, preso ao collar que o emissario Tamas lhe offerecera em Rooi Krantz.

— Agora — continuou elle — agora está quebrado o encanto, e os dormentes teem que ir dormir para outro sitio. Entrae, brancos, entrae, se não tendes receio, e implorae o perdão e a benção se encontrae os puderdes, e levae d'aqui esses ossos mirrados e o thesouro que era d'elles, se encontrae-o puderdes, e vencei a maldição que ao thesouro está ligada e que recae sobre todos, á excepção de uma só pessoa, se acaço puderdes, se puderdes, se puderdes ! Fica tu aqui, virgem branca, no tepido soalheiro, e segui-me vós, homens brancos, á escuridão dos mortos em busca d'aquillo por que os brancos suspiram.

E mais uma vez se sumiu pelo corredor fora, voltando-se uma que outra vez para lhes acenar, emquanto elles o seguiam como arrastados contra vontade. Porque, n'este ultimo momento, do velho dimanava para elles um vago terror supersticioso, que em seus olhos se manifestava.

A Benita, meio desfallecida no poial de pedra, pelo profundo abalo que o incidente lhe produzira, pareceram apenas alguns minutos, mas realmente perto de uma hora decorreu antes que seu pae tornasse a apparecer, tão pallido e transtornado como ella propria surgira.

— Onde está o sr. Meyer ? — perguntou ella.

— Oh ! — respondeu elle — Está recolhendo todos os ornatos de ouro d'aquelles pobres ca-

daveres, e acamando as ossadas n'um canto da caverna

Benita soltou uma exclamação de horror.

— Sei o que te vae no espirito — disse Clifford — Mas aquelle maldito a nada tem respeito, embora a principio parecesse tão succumbido como eu proprio estava. Disse elle que, visto nós não podermos começar as pesquisas com todos aquelles cadaveres por alli a esmo, o melhor era tiral-os d'alli para fora quanto antes. Ou talvez elle tivesse realmente pavor e quizesse provar a si proprio que esses corpos não são mais que umas mancheias de pó. Benita — proseguiu o velho — para falar com franqueza, de todo o coração desejaria que não nos tivessemos mettido n'esta empreza. Não creio que d'aqui surdam bons resultados, e é certo que não nos teem faltado inquietações e desgostos. Aquelle velho propheta, o molemo, tem o dom da dupla vista, ou cousa que o valha, e não faz mysterio das suas opiniões ; lá continua com as suas cantilenas n'aquelle antro de horrores, a resmungar agouros.

— A mim só fez promessas fagueiras — disse Benita com um leve sorriso — embora eu não perceba como ellas hão de realizar-se. Mas se está desgostoso, meu pae, porque não desiste ? porque não trata de fugir ?

— É já tarde, minha filha — redarguiu elle com calor — Meyer nunca accedera a ir-se embora e eu não posso dignamente abandonar-o. Alem d'isso, eu passaria o resto da vida a rir de mim proprio. E afinal de contas porque não havemos nós de nos apossar do ouro, caso o encontremos ? Esse ouro não pertence a ninguem ; não o devemos nem ao roubo nem ao assassinio ; essas bagatellas não servem de nada a portuguezes que estão mortos ha duzentos annos, e cujos herdeiros, se os teem, é impossivel descobrir. E bem se importam elles de ficar apartados como morreram ou como os collocaram depois da morte, ou amontoados a um canto. O nosso terror afinal não passa de uma superstição lugubre que nos metteu no corpo aquella ave agourenta do molemo. Não estás de accordo ?

— Sim, assim me parece — redarguiu Benita — comquanto talvez haja agouros que se prendam a certos objectos ou a certos sitios. Em todo o caso, penso que já não vale a pena voltar atraz, ainda que tivessemos a retirada livre. O melhor é andar para deante, e esperar pelo fim da aventura. Faz favor de me passar a garrafa de agua ? Estou com sede.

D'ahi a pouco, appareceu tambem Jacob Meyer, trazendo uma enorme trouxa de preciosidades embrulhadas n'um dos pannos de ouro, trouxa que escondeu atraz de um penejo.

— A caverna agora está muito mais desafoga-

gada — disse elle, sacudindo a poeira espessa que a sua obra de profanação lhe tinha accumulado nas mãos, no cabello e no fato.

Depois bebeu com avidéz, e perguntou :

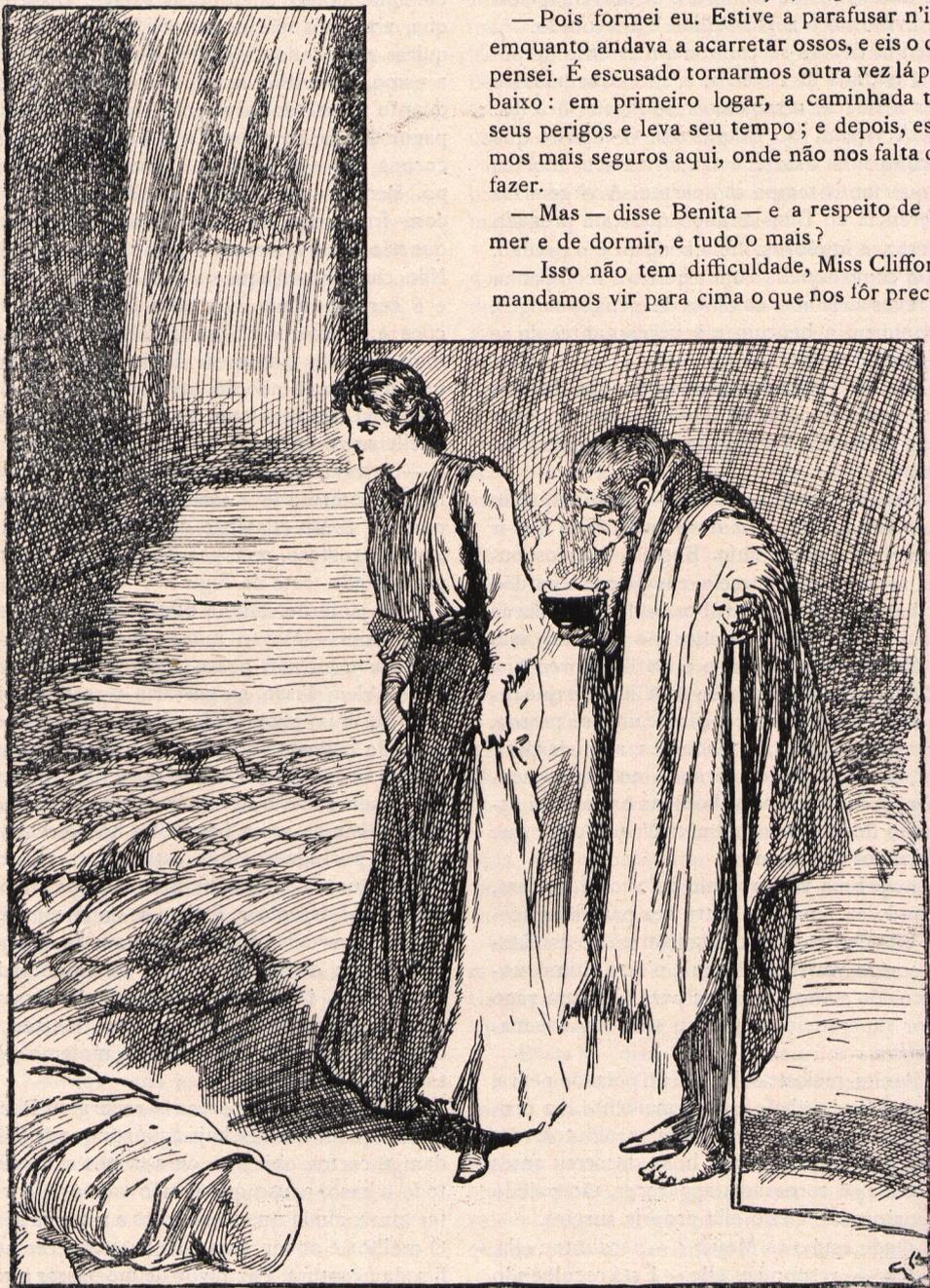
— Já entre os dois formaram algum plano para as nossas pesquisas futuras ?

Elles abanaram as cabeças, negativamente.

— Pois formei eu. Estive a parafusar n'isso enquanto andava a acarretar ossos, e eis o que pensei. É escusado tornarmos outra vez lá para baixo : em primeiro lugar, a caminhada tem seus perigos e leva seu tempo ; e depois, estamos mais seguros aqui, onde não nos falta que fazer.

— Mas — disse Benita — e a respeito de comer e de dormir, e tudo o mais ?

— Isso não tem difficuldade, Miss Clifford : mandamos vir para cima o que nos fôr preciso



ELLA DISTINGUIU ENTÃO NO SOLO DE CIMENTO UM GRANDE NUMERO DE VULTOS, DEITADOS E AMORTALHADOS

Os cafres trazem isso até á base da terceira cerca, e nós com uma corda guindamos tudo arriba. Agua, parece que ha em abundancia n'aquelle poço, que é alimentado por uma fonte a uns cincoenta metros de profundidade; a antiga corrente ainda está na roldana, portanto basta mandar vir dois baldes que temos no carro. Lenha para a cozinha tambem não falta, a crescer aqui mesmo. Podemos pernoitar dentro da caverna ou cá fora conforme o estado do tempo. Agora deixem-se aqui ficar emquanto eu desço. D'aqui a uma hora estarei de volta com parte da bagagem, e então me ajudarão a içal-a.

Com effeito, antes de anoitecer já elles tinham petrechos sufficientes para as suas necessidades immediatas, e quando chegou a segunda noite, á custa de um trabalho arduo, tinham conseguido installar-se com razoavel conforto n'aquelle extranha habitação. O cortinado de lona do carro dispoz-se em feitto de tenda para Benita, e os homens dormiam perto, ao abrigo de uma arvore muito copada. Debaixo de outra arvore, á mão de semeiar, improvisou-se a cozinha. Armazenaram-se á bocca da caverna as provisões de toda a especie, incluindo uns dois caixotes de garrafas de genebra e basta quantidade de carne secca dos bois abatidos, juntamente cmo uma porção de munções de guerra. Todos os dias lhes traziam carne fresca, emquanto a houve, a qual era içada em cestos, e com ella trigo para pão e legumes da terra. Por consequente, como a agua do poço se achou excellente e perfeitamente accessivel, não tardaram a ficar providos de tudo o necessario, afora os supplementos de que de quando em quando se lhes proporcionava ensejo.

Em todos estes aprestos tomou parte o molemo, e, quando completos, não mostrou desejo de se separar dos europeus. Descia todas as manhãs para o meio do seu povo, mas antes de anoitecer voltava á caverna, onde ha muitos annos se costumara a dormir, pelo menos alguns dias em cada semana, na lugubre companhia dos portuguezes mortos. Jacob Meyer persuadiu a Clifford que o empenho do velho era espial-os, e falou de o expulsar, mas Benita, que ao molemo se ligou por extranha sympathy, oppoz-se, observando que elles estavam muito mais seguros na companhia do velho sacerdote, que para elles representava uma especie de refens, do que se ficassem sósinhos; alem do que o seu conhecimento da localidade e de outros

assumptos podia servir-lhes de grande auxilio. Accordaram pois afinal que elle ficasse, como aliás era seu pleno direito.

Durante todo este tempo, não houve o menor indicio de ataque pelos matabelles. Até certo ponto, ia-se realmente dissipando o terror inspirado por essa ameaça, e Benita, ao lançar os olhos do topo da muralha, viu que todos os dias se levavam á pastagem os nove bois que lhes restavam, mais os dois cavallos, porque morrera o de Jacob Meyer, e mais as cabras e as ovelhas dos makalangas. Via tambem as mulheres occupadas a fazer a colheita no solo fertil que contornava a muralha inferior. Em todo o caso, mantinha-se uma rigorosa atalaia, e á noite toda a gente dormia dentro das fortificações. Eguamente proseguia a recruta dos homens e a instrucção para o uso das armas de fogo, dirigida por Tamas, o qual, em consequencia da idade adeantada de seu pae, era o chefe virtual da tribu.

Foi na quarta manhã que, terminados os preparativos, se encetou finalmente a valer a pesquisa do thesouro. Começaram por interrogar apertadamente o molemo sobre o seu paradeiro, por pensarem que, embora não o conhecesse com exactidão, poderiam ter-lhe chegado aos ouvidos algumas tradições a esse respeito, por via de seus antepassados. Elle porem declarou terminantemente que nada sabia, a não ser o ter dito a virgem portugueza que o thesouro estava escondido. Accrescentou que nunca lhe surgira sonho ou visão que o esclarecesse no assumpto, com que elle nada se importava. Se era n'um sitio ou n'outro, os brancos que procurassem e vissem.

Sem grande motivo, concluiu Meyer que o ouro devia ter sido occulto dentro ou nas proximidades da caverna, e por isso foi por ahi que começaram as investigações.

Occorreu-lhes primeiro o poço, onde poderiam tel-o lançado, mas houve serias difficuldades em fazer esta verificação. Ataram um pedaço de metal, uma velha guarda de espada portugueza, a uma corda, depois deitaram-n'a em guiza de sonda, e viram que tocava na agua a uns quarenta metros de profundidade e no fundo a pouco mais de quarenta e oito. Havia portanto uns oito metros de agua. Alastraram um balde e mergulharam-n'o até pousar no fundo, depois içaram-n'o umas poucas de vezes. Da terceira vez trouxe para cima um osso humano e uma manilha de fio de ouro. Isto porem nada provava, a não ser que algum ho-

mem de tempos idos, talvez ha milhares de annos, tinha sido arremessado ou cahira por acaso ao poço.

Ainda não satisfeito, Jacob Meyer, que era intrepido a valer, deliberou investigar em pessoa o interior do poço, tarefa assaz difficil e perigosa, por faltarem escadas apropriadas e, ainda mesmo quando as houvesse, não haver onde se agentassem. Lembraram-se portanto de armar uma especie de balso com assento de madeira no extremo de uma velha corrente de cobre e arriar Meyer pelo poço abaixo á laia de um balde. Mas Benita objectou que a difficuldade não estava em arrial-o, estava em haver força sufficiente para o içar de novo, pois no caso contrario o resultado seria desastroso para Meyer. Por isso, depois de preparado o balso, fez-se a experiencia com uma pedra que pesava proximamente tanto como um homem. A Benita e a seu pae nada custou o descel-a, mas, como haviam previsto, quando se tratou de a trazer arriba, as suas forças juntas mal chegavam para a tarefa. Tres pessoas podiam içal-a com facilidade, mas com duas o caso era arriscado. Meyer então pediu, ou antes ordenou ao molemo que chamasse alguns homens seus para o ajudarem, mas o velho chefe recusou-se terminantemente.

Primeiro, apresentou um estendal de desculpas. Estavam todos occupados nos exercicios militares e na vigilancia por causa dos mata-beles; tinham medo de se aventurar até alli; e outras razões d'este jaez. Por fim Meyer enfureceu-se, lampejaram-lhe os olhos, ranger os dentes, e desembestou em ameaças.

— Branco — disse o molemo, quando o viu assim transtornado — isso não pode ser. Eu já cumpri aquillo a que me obrigara. Agora procuraes vós o ouro; encontrae-o se puderdes, e levae-o em boa hora. Mas este logar é sagrado. Ninguem de minha tribu, á excepção de quem desempenha o cargo de molemo, pode pôr os pés aqui dentro. Matae-me se quereis, nada me importa; mas assim mesmo é que é, e se me matardes, elles depois vos matarão.

Então Meyer, vendo que nada se conseguia por violencia, mudou de tom, e pediu-lhe que os ajudasse elle, se quer ao menos.

— Estou velho, escassas são minhas forças, — replicou elle. — Em todo o caso, farei o que puder. Mas, se eu estivesse no vosso caso, não descia ao poço.

— Pois desço eu, e não ha de passar de amanhã — redarguiu Meyer.

CAPITULO XII

O começo das pesquizas

Procedeu-se portanto no dia seguinte á grande experiencia. Poz-se á prova o sarilho e a corrente, e viu-se que tinham força sufficiente para aguentar o peso. Apenas faltava pois que Meyer se sentasse no balso, levando comsigo uma candeia de azeite, e, para o caso d'ella se apagar, fosforos e velas, de que havia grande abundancia.

Meyer, com todo o arrojo, assim fez. Deixou-se balouçar por sobre a bocca do poço, emquanto os outros tres se agarravam com força ás manivellas do sarilho. Começaram então a arriar devagarinho, e pouco a pouco o rosto branco foi-se sumindo nos negrumes do abysmo. De quando em quando paravam, para Meyer examinar á vontade a parede do poço. A uns dezeseis metros de profundidade, gritou elle que agentassem a descida; assim fizeram, ouvindo as martelladas que elle dava na rocha, que n'aquelle sitio soava a ôco.

Passado algum tempo, elle bradou-lhes que continuassem a arriar. Obedeceram, até estar desenrolada quasi toda a corrente, e perceberam que elle devia estar á flor da agua. Benita debruçou-se então sobre a borda, e viu que se sumira a estrellinha luminosa. A candeia tinha-se apagado, e parecia que elle nem sequer tentava reaccendel-a. Gritaram-lhe para baixo, mas, como não vinha resposta, começaram a içar o mais depressa que puderam. Para isso congregaram todas as forças de que podiam dispôr, e estavam deveras esfalfados quando Jacob tornou a apparecer. Á primeira vista, julgaram pelo seu aspecto que elle estava morto, e com effeito, se elle não se houvesse amarrado á corrente, morreria com certeza, porque evidentemente tinha ha muito perdido os sentidos. Descahira todo para fora do assento, d'onde lhe pendiam as pernas frouxas, e o seu peso era aguentado pela corda que lhe passava debaixo dos braços e que estava solidamente amarrada á corrente.

Puxaram-n'o para fora da borda e salpicaram-lhe o rosto com agua, até que, com grande allivio d'elles, o aventureiro principiou a arquejar e volveu á vida, quanto bastou para que, em parte por seu pé, fosse conduzido para o ar livre.

— Que lhe succedeu? — perguntou Clifford.

— Foram os gazes que me envenenaram, creio eu — respondeu Meyer com um gemido,

porque sentia violentas dores de cabeça.—O ar é quasi sempre mephitico no fundo dos poços muito altos, mas eu nada sentia, nem sequer mau cheiro, quando de repente perdi os sentidos. E a descoberta estava por um triz, olá se estava!

Logo que se sentiu mais animado, contou-lhes elle que n'um certo ponto, a bastante fundura, da banda do rio, descobrira uma especie de corte na rocha, de uns quatro metros por metro e meio, tapado depois com pedra de outra qualidade. presa com cimento ou argamassa dura. Logo a baixo viam-se uns buracos onde ainda restavam os extremos de umas vigas, suggerindo que alli tivesse havido um sobrado ou plataforma. Foi na occasião em que elle examinava esses barrotos meio podres que a insensibilidade o prostrou. Suppunha elle que devia ser alli a entrada do esconderijo, onde se achava o ouro.

— Se assim fôr — disse Clifford — lá ficará para sempre; não pode ter melhor guarda do que o ar mephitico. Alem d'isso, essas plataformas são vulgares em todos os poços para evitar que o lixo caia na agua, e a obra de cantaria que o meu amigo lá viu foi provavelmente feita pelos homens de outras eras apenas para remendar alguma falha da rocha e evitar que a parede desabasse.

— Espero que assim seja — redarguiu Meyer — Aliás, se a atmospherá não se purificar de veras, não sou eu decerto que me atrevo a lá descer segunda vez. E se ninguem lá descer, não é facil obter a certeza, comquanto seja possível que uma lanterna, pendente de uma corda, nos esclareça algum tanto.

Ficou por aqui a primeira tentativa. Só na tarde seguinte é que se renovaram as pesquisas, quando Meyer se restabeleceu um pouco dos efeitos do envenenamento e das esfoladuras produzidas pela corda debaixo dos braços. Do primeiro mal nunca elle ficou completamente restabelecido, porque de então por deante Benita, que por motivos muito seus o vigiava de perto, descobriu uma mudança accentuada e progressiva nos seus modos. Até alli tinha elle apparentado uma grande reserva e bastante dominio sobre si proprio, e se ella alguma cousa sabia d'elle, era mais por suspeita ou deducção do que por elle se manifestar. Em duas occasiões apenas, havia Meyer posto a claro deante d'ella os seus sentimentos: no dialogo que ambos tinham tido á beira do lago Chrissie, no dia da chegada dos emis-

sarios, em que elle declarara o seu ardente desejo de riqueza e de poder; e recentemente quando elle matara o enviado matabele. Ella tinha comtudo a certeza que o coração d'elle era muito apaixonado e insoffrido; que a sua serenidade se assimilava ao gelo que occulta a torrente, debaixo da qual correm precipitosamente caudaes de agua ninguem sabe para onde. O relampejar dos seus olhos negros, ainda quando o seu rosto pallido permanecia impassivel, dizia-lhe isto e muitas outras cousas.

Por exemplo, na occasião em que voltava a si do desmaio, as primeiras palavras que lhe saíram dos labios foram em allemão, lingua que ella entendia um tanto, e pareceu-lhe que ellas se ajustavam ao seu nome envolvido em epithetos affectuosos. Desde então foi-se tornando menos reservado, ou, antes, como que foi perdendo gradualmente o poder de se dominar. Tinha excitações sem motivo apparente, e começava a declarar o que tencionava fazer quando encontrasse o ouro, de como se havia desferrar no mundo de todo o mal que lhe fizera padecer, e de como se tornaria «rei».

— Receio muito que lhe pareça um pouco solitaria essa posição eminente — disse Benita com um riso descuidoso.

Mas arrependeu-se logo em seguida de ter falado, porque elle respondeu, fitando-a por um modo de que ella não gostou:

— Deixe-se d'isso! Ha de haver uma rainha, uma rainha encantadora, que eu hei de dotar com riquezas e cobrir de joias, e cercar de amor e de adoração.

— Ditosa creatura! — disse ella, rindo sempre, mas aproveitando um pretexto para se afastar.

Outras vezes, principalmente ás escuras, passeiava elle de um para outro lado defronte da caverna, resmungando comsigo ou entoando com a sua bella voz canções semi-barbaras da velha Allemanha. Poz-se tambem no habito de trepar á columna de granito e sentar-se-lhe em cima, e mais de uma vez a chamou para subir para junto d'elle e partilhar do seu «throno». Estas explosões eram comtudo tão casuaes, que Clifford, cuja percepção se afigurava a sua filha ter-se embotado um tanto, nem por ellas dava, e quanto ao mais não se conhecia alteração sensível nas maneiras de Meyer.

Postas pois de parte pesquisas ulteriores no poço, empenharam-se em seguida n'uma inspecção minuciosa da caverna-ermida. Exami-



MEYER ENFURECEU-SE, LAMPEJARAM-LHE OS OLHOS, RANDEU OS DENTES E DESEMBESTOU EM AMEAÇAS

naram as paredes pollegada por pollegada, percutindo-as com um martello para ver se o som era cavo, mas sem resultado. Examinaram o altar, que reconheceram ser um bloco de rocha massiça. Com o auxilio de uma pe-

quena escada por elles construida, examinaram o crucifixo e descobriram que a imagem branca fora evidentemente afeiçoada de alguma estatua gentilica de calcareo macio, porque lhe viam nas costas fragmentos de vestidurase,

cabello comprido que o artista não julgou necessario cortar. Tambem reconheceram que os braços haviam sido accrescentados e eram de pedra ligeiramente differente, e que o pé da imagem se aguentava em parte n'um chapão de ferro que sustinha o corpo, e em parte n'um grosso arame de cobre enleado para aingir corda, e pintado de branco, o qual se enrojava nos pulsos e sustentava os braços. Esse arame enfiava em olhaes de rocha abertos nos braços da cruz, a qual fora apenas esculpida em relevo sobre a propria pedra da parede.

O que é bastante curioso é que esta parte das pesquisas foi levada a cabo por Clifford e Benita, visto a reluctancia que para isso pareceu manifestar Jacob Meyer. Judeu de nascimento, professando abertamente a descrença em qualquer religião, parece que tinha no emtanto um certo terror d'este symbolo de fé christã, classificando-o de horrendo e sinistro; elle, elle mesmo, que sem escrupulo nem remorsos despojara e profanara os mortos que jaziam a seus pés.

Pois o crucifixo nada lhes revelou; mas quando Clifford, de lanterna em punho, descia a escada que Benita estava segurando, Jacob Meyer, que estava em frente do altar, bradou com alvoroço que alguma cousa descobrira.

— Então conseguiu mais do que nós — disse Clifford arriando a escada no chão e correndo para elle.

Meyer estava sondando o pavimento com um cajado, operação que encetara depois que as paredes não deram resposta que prestasse.

— Ora escutem! — disse elle, batendo com o cajado no chão, a poucos passos para a direita do altar, onde elle produziu o som estridente e metallico de pedra massiça, quando percutida. Depois foi collocar-se em frente do altar e bateu de novo, mas d'esta vez houve uma resonancia cava e reverberante. Repetiu varias vezes a experiencia, até se marcar exactamente a linha que limitava rocha massiça e onde parecia começar a parte ôca, um espaço de quasi um metro quadrado de superficie.

— Estamos-lhe na pista! — disse elle com ar de triumpho. É esta a entrada do esconderijo onde está o ouro!

E os outros inclinavam-se a concordar com elle.

Mas agora, para pôr á prova a sua theoria, restava uma tarefa de não pequena difficuldade. Tres dias de arduo e continuo trabalho lhes

custou. Não deve esquecer que o pavimento da caverna era todo revestido de argamassa, e primeiro que tudo tinha que despedaçar-se essa argamassa, a qual era de excellente qualidade, composta de granito pulverisado. Com a ajuda de um pé-de-cabra, feito de aço, que elles haviam trazido no carro, levou-se finalmente a bom termo esta parte da tarefa, descobrindo a rocha que ficava por baixo. N'esta occasião já Benita estava convencida de que, fosse o que fosse que alli se escondesse, não era decerto o thesouro, pois era evidente que os pobres portuguezes moribundos não teriam nem tempo nem forças para fazer aquelle revestimento de argamassa. Todavia, quando deu parte aos outros d'esta suspeita, Meyer, persuadido de que estava na pista correctã, respondeu que sem duvida aquillo fora feito pelos makalangas, depois do tempo dos portuguezes, visto ser mais que sabido terem elles conhecimento das artes constructivas dos seus antepassados até um periodo muito recente, em que os matabeles começaram a dizimal-os.

Quando finalmente se tirou a argamassa e se varreu aquelle troço de chão, descobriram elles, pela linha nitida de contorno, uma enorme pedra embutida no chão, a qual deveria pesar umas poucas de toneladas. Ligada como estava com argamassa, viu-se logo ser completamente impossivel levantar-a, ainda mesmo quando elles tivessem força bastante para manobrar as alavancas indispensaveis. Restava apenas uma cousa a fazer: furar a pedra de lado a lado. Depois de gastarem bastantes horas n'esse trabalho, e conseguirem apenas abrir um orificio de decimetro e meio de profundidade, Clifford, já moido e com as mãos em sangue, lembrou que talvez fosse preferivel rebentar a pedra com o auxilio de polvora. Despejou-se pois no buraco um polvorinho de arratel, tapou-se com argila secca e um pedregulho, deixando-se um intervallo para um rastilho improvisado com isca de algodão. Preparado tudo, deu-se fogo á isca, e sahiram da caverna e ficaram á espera.

Passados cinco minutos, chegou-lhes aos ouvidos o estampido surdo de uma explosão, mas só mais de uma hora depois é que a fumarada e os gazes lhes permittiram entrar lá dentro, para terem uma decepção, pois que os resultados não corresponderam á sua espectativa. Em primeiro logar, a lage tinha estalado apenas, não se despedaçara, pois que a força da polvora se havia desenvolvido para cima,

e não para baixo, como teria acontecido com a dynamite, que infelizmente lhes faltava. Alem d'isso, ou o pedregulho que elles haviam collocado em cima, batendo no tecto da caverna, ou a força do ar violentamente impellido, tinham feito desabar muitas toneladas de rocha e produzido fendas extensas e na apparencia perigosas. Embora nada dissesse, tambem Benita julgou notar que a grande estatua branca do crucifixo se inclinava um pouca mais para deante do que o costume. Por conseguinte, o resultado da experiencia foi simplesmente obrigal-os a remover enormes escombros do tecto que tinham cahido sobre a lage, a qual permanecia quasi tão solida e tenaz como d'antes.

Não havia portanto outro recurso senão continuar a trabalhar com o pé-de-cabra. Afinal, pela tardinha do terceiro dia de trabalho, quando os dois homens já estavam de todo em todo extenuados, escancarou-se um buraco atravez da pedra, o qual demonstrou que por debaixo d'essa tampa existia uma cavidade qualquer. Clifford, para não falarmos em Benita, que de coração estava farta e refarta da empreza, desejava adiar para o dia seguinte o proseguimento da tarefa, mas Jacob Meyer oppoz-se. Labutaram pois até cerca das onze horas da noite, que foi quando a abertura alcançou largura sufficiente para por ella caber um homem. Como succedera com o poço, sondaram com uma pedra atada a uma corda, e acharam que a cova não tinha mais de dois a tres metros de fundo. Depois, para verificarem as condições do ar, arriaram uma vela, que primeiro se apagou, mas que depois ardeu regularmente. Determinado este ponto, foram buscar a escada, pela qual Jacob desceu com uma lanterna.

D'ahi a um minuto, ouviram os dois erguerem-se pragas gutturaes germanicas do interior da cova. Clifford perguntou o que era, e teve em resposta que tal cova era um tumulo, onde não havia mais que um excommungado de um frade morto, informação que Benita não pode resistir a acolher com ruidosas gargalhadas.

Tanto ella como seu pae decidiram-se a descer tambem, e viram effectivamente os restos mortaes de um velho missionario, com o seu capuz e um crucifixo de marfim ao pescoço, e sobre o peito um pergaminho noticiando que elle, Marcos, nascido em Lisboa em 1438, fallecera em Bambatse no anno de 1503, havendo apostolado no imperio do Monomotapa durante dezeseite annos, tendo padecido muitos

e grandes trabalhos e conquistado um grande numero de almas para Jesus Christo. Accrescentava o pergaminho que o morto exercera o mister de esculptor, antes de entrar nas ordens sacras, e que fôra elle quem modelara a figura do Crucificado, afeiçoando o idolo da deusa pagã que n'aquelle sitio estivera desde a mais remota antiguidade. Terminava por uma supplica, dirigida em latim a todos os bons christãos, para que esses, que em breve estariam como elle, rezassem pela sua alma e não lhe mexessem nos ossos, que alli jaziam na esperança da bemaventurada resurreição.

Quando este pio desejo foi traduzido a Jacob Meyer por Clifford, que ainda tinha umas certas reminiscencias das humanidades, laboriosamente estudadas em Etou e em Oxford, o judeu a custo conteve a sanha. Olhou para as mãos ensanguentadas, e, em vez de rezar pela alma do excellentissimo missionario, cujos restos conseguira ver á custa de uma labuta ardua e incessante, amaldiçoou-o onde quer que elle estivesse, e sem mais cerimonia varreu os ossos, que o documento lhe rogava deixasse em paz, para um recanto da sepultura, afim de verificar se por baixo d'elles não haveria acaso alguma escada.

— Acautele-se, sr. Meyer! — disse Benita que, apezar da solemnidade do local, não pode reprimir uma zombaria. Se as trata assim de resto, as almas d'esta gente são capazes de o importunar com visitas.

— Isso é se puderem! — retorquiu elle n'uma furia. Eu cá não acredito em almas do outro mundo, e desafio-as a todas.!

N'este momento, lobbrou Benita um vulto que deslizava das trevas para o circulo da luz, n'um tal silencio que ella estremeceu, por lhe passar pelo espirito que fosse algum dos taes espectros em que Jacob Meyer não acreditava. Mas afinal era o velho molemo, que estava no costume de se abeirar d'elles por aquelle feito.

— Que está a dizer o branco? — perguntou elle a Benita, circumvagando o olhar de sonho pelos tres e pela cova do tumulo violado.

— Diz elle que não acredita em fantasmas, e desafia-os — respondeu ella.

— O branco, que anda em cata de ouro, não acredita em fantasmas e desafia-os — repetiu Mambo na sua voz cantarolada. Não acredita em fantasmas, e eu vejo-os n'este momento á roda de mim, os espiritos irritados dos mortos, a falarem entre si no sitio em que elle ha de ficar sepulto e no que ha de succe-

der-lhe depois da morte, e de como elles acolherão aquelle que lhes perturba o repouso e desafia e pragueja, á procura do ouro por que suspira. Vejo agora um d'elles, de pé, ao lado d'elle, envolto n'uma vestimenta escura, com uma imagem de marfim como a que ahi está — e apontou para o crucifixo que Jacob tinha na mão — a levantal-a acima da cabeça, a ameaçal-o com seculos de agonia sem tregua, quando for tambem um dos espiritos em que elle não crê.

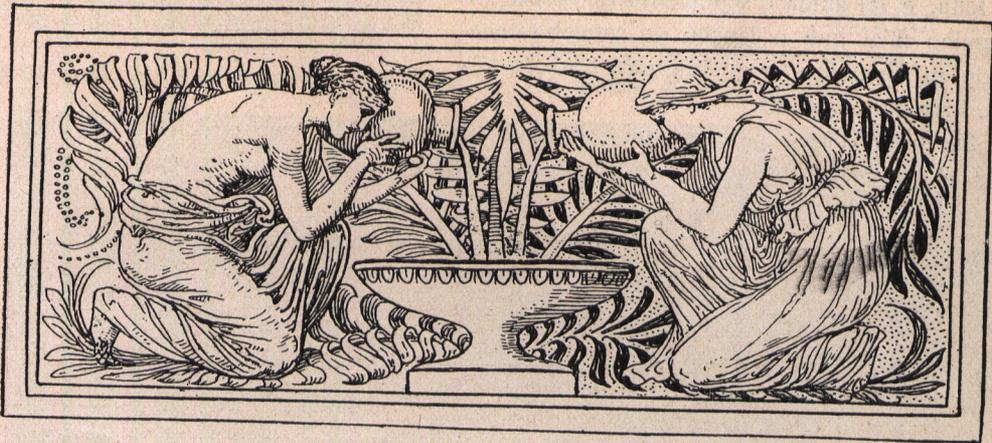
Então Meyer desafogou a sua raiva. Voltou-se para o molemo e injuriou-o na propria lingua d'este ultimo, affirmando que elle bem sabia onde estava escondido o thesouro, e ameaçando-o de que, se não lh'o indicasse, o mataria e o mandaria fazer companhia aos seus amigos espiritos. Tão selvatico e hediondo era o seu aspecto, que Benita recuou um pouco, ao passo que Clifford forcejava debalde por

acalmal-o. Mas apesar de Meyer levar a mão á faca que trazia á cinta e de avançar para elle, o velho molemo não buliu uma pollegada nem deu o minimo signal de medo.

— Deixal-o esbravejar! — disse elle quando Meyer se calou por fim, extenuado. É assim mesmo que em tempo de borrasca fuzilam relampagos e ribomba o trovão, e espumeja a agua ao desabar na face do rochedo; mas logo o sol volta, e o monte está como estava, o temporal é que se dissipou e se perdeu. Eu sou o rochedo, elle não é mais do que o vento, o fogo e a chuva. Não está escripto que elle me faça damno, e aquelles espiritos em que elle não crê estão amontoando pragas para as deixar cahir como penedos sobre a cabeça d'elle.

Em seguida, relanceando para Jacob um olhar desdenhoso, o velho voltou as costas, e sumiu-se na escuridão d'onde surgira.

(Continua)



A Exposição de Ceramica

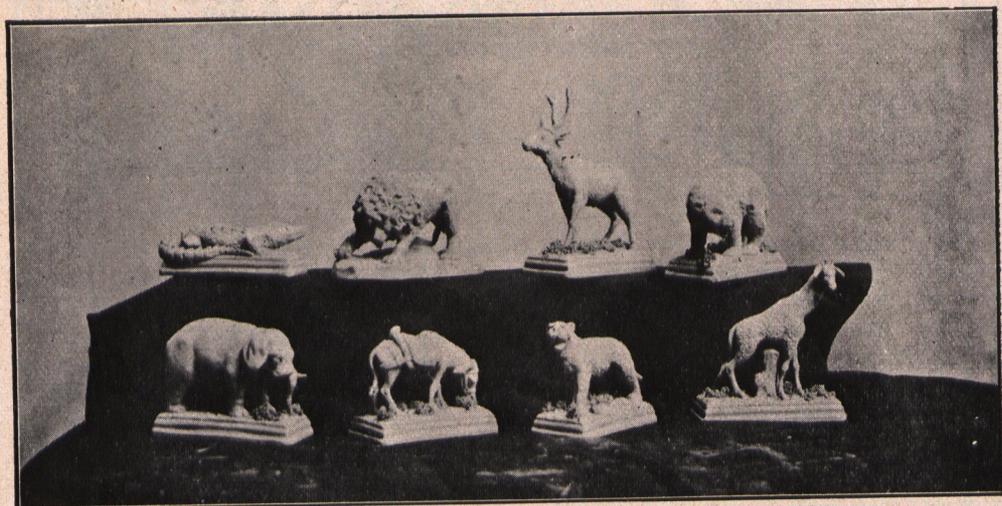
DE

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro



A arte de Manuel Gustavo, toda feita de rapidas impressões, colhidas no desenrolar vertiginoso da vida de que elle, ainda que sob um aspecto comico, se tornou por dever de officio o commentador, toma agora uma orientação mais profunda. Com algumas das inexperiencias d'um principiante, a obra de ceramista por elle presentemente exposta revela já, na sua intenção geral e em certos detalhes, a força d'um artista sobre quem pesa uma grande herança, e que, em vez de a renegar, heroicamente a invoca. E' sob a invocação da memoria de seu pae que esta exposição é feita, e foi ainda o sentimento de respeito e orgulho filial que o lançou no caminho encetado, procurando não quebrar uma tradição tão gloriosamente iniciada.

De tudo o que pelo artista é patente ao publico, e que podemos vêr, faianças e pequenas estatuetas, se conclue que o caricaturista que só procurava até



aqui a deformidade e o ridiculo das coisas, sabe tambem surprehender com verdade a vida, dando-lhe fórma, e, com o poder da côr e o alphabeto multiplo da linha a que vem juntar-se os recursos especiaes da chimica, arrancar do fogo pequeninas obras d'arte que são, ao mesmo tempo, objectos de uso, isto é obras de verdadeira industria artistica.

Sem ter a imaginação poderosa de seu pae, nem a sua facilidade por vezes



MANUEL GUSTAYO BORDALLO PINHEIRO

monstruosa, Manuel Gustavo, por isso mesmo, mantém na decoração das suas obras mais facilmente o indispensavel equilibrio; e assim os seus potes, os seus canudos, e os seus vasos, que vão desde a jarra egypcia até ao gordo cangirão e o typico pichel, se não oferecem a riqueza maravilhosa de detalhes que caracterisava a obra de Ra-

phael, recommendam-se por uma harmonia e uma sobriedade que lhes dá mais





logica e os tornam mais praticos e familiares. E esse caracter de familiaridade é tudo. As obras de arte applicada precisam essencialmente de poderem ser utilizadas, harmonizando-se, sem grande destaque, com o meio em que são chamadas a intervir e em que devem pôr uma nota de distincção fundamentalmente discreta. Só assim, ellas se conformarão como seu destino pratico e com o seu fim accessorial

E dentro d'esta orientação, que permitirá o seu barateamento e a sua entrada em todos os lares ainda os mais modestos, as industrias artisticas representam um papel educativo da mais alta importancia. Manuseadas constantemente, são tambem constantemente para os homens com quem estão em contacto, uma alta e proficua lição, educando-lhes o gosto e preparando-os para a contempla-



ção e comprehensão das obras de arte pura.

E é esta justa e boa intenção, a revelada por Manuel Gustavo nas primicias que nos dá dos seus esforços. Salvo pequenos desvios com exotismos, como o da sua «jarra amachucada com caranguejo», n.º 38, Manuel Gustavo procura resolver o problema da ceramica artistica, e muito bem, com os mais simples recursos, os que lhe fornece o emprego de fórmulas sobrias, enriquecidas com motivos da maior discrição, a que a

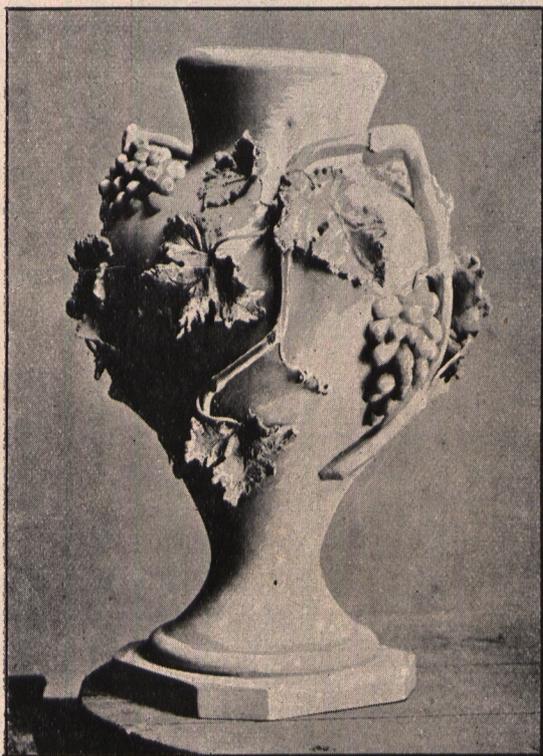


nota de côr e o brilho do esmalte vem dar maior valor. E é quanto basta. Na arte applicada, o bom gosto solido e simples foi e ha-de sempre ser a qualidade maxima.

Mas além das suas faianças, as suas pequeninas figuras merecem ainda especial menção. Raphael Bordallo foi n'isso primacial. Os seus typos populares e as suas caricaturas do genero tem tal caracter que attingem por vezes o symbolo. Todos as temos presentes. Ora, n'este ponto, Manuel Gustavo acompanha o de perto. As suas pequeninas figuras não resistiriam com certeza a um desenvolvimento que as puzesse n'uma escala mais proxima



da proporção natural, mas tem um tal encanto, pelo movimento e caracter que o artista lhes soube dar, que a sua linha



decorativa, que era o fito essencial procurado por Manuel Gustavo, é o mais feliz e interessante possível. O seu homem e mulher «fadistas», o seu par da «Polka Pires» e, sobretudo, o que compõe o grupo do «minuete», em que ha ainda, na figura de mulher, um pouco da influencia má do caricaturista, são sem duvida pequeninos *bibelots* d'uma grande suggestão e cujo estylisado recorte mostra bem como é original e elegantemente aristocratico o temperamento do moço artista.

E essa boa aristocracia revela-se em tudo: nas formas e nos tons. Como as ornamentações com que decora os seus barros, as côres de que os banha, são ricas mas d'uma riqueza que não fere e que deixa em quem os olha a melhor e mais suggestiva impressão. Não são, assim das menos valiosas das suas obras expostas esses seus specimens, livres de decorações que nem sempre deixam á linha todo o seu encanto, encanto que, sob a caricia do vidrado d'uma grande





pureza, reveste ainda um maior valor.

Manuel Gustavo de posse d'uma technica já poderosa, colhida nos trabalhos de seu pae e nos esforços dos seus colaboradores, que são os mesmos de Raphael Bordallo, caminha por esta forma corajosamente procurando acompanhar o movimento ceramista moderno tão brilhantemente affirmado na exposição de 1900. Como Alexandre Bigot, Taxile

Doat e Michel Cazir, Manuel Gustavo, mais do que ineditismos, só possíveis em altas cozeduras, processo este incompativel com o barateamento que é o seu principal fim, visa sobretudo ao arranjo artistico do objecto á sua decoração simples e logica, e ao mesmo brilho, solidez e resistencia da materia de que lança mão e em que, com maior ou menor felicidade, deixa sempre impressa todo o seu gosto tão fino, educado e discreto.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.



UM QUADRO

A' D. Aurea e ao Dr. Arthur Muniz



primeira coisa que me feriu a retina, ao entrar, um dia, em uma casa onde fui de visita a uma amiga, foram duas creanças muito mimosas que se achavam assentadas ao longo do tapete immenso que se estendia defronte da mobilia de jacarandá e onde surgia bem no centro, bordada em alto relevo, a figura de um leão com a juba eriçada, a bocca aberta, sanhuda e feroz como se estivesse prestes a morder. O sol muito alegre, sol de verão, ao meio dia, tremendo de esplendores, doirava fortemente, luzindo, toda a sala, onde os objectos muito modestos adquiriam côres diferentes, tomando aspectos bellissimos aos reflexos dos vidros azues e vermelhos que ornavam as bandeirolas das janellas, indo esses raios celestes banhar de claridade as cabeças das duas pequenitas que, unidas em um só grupo, tinham nos labios um desses sorrisos que os pintores desenhavam arrodoados com um bello e magico fulgor de luz, symbolisando a aureola divina. Muito lindo, realmente, esse mystico painel, onde a alvura de uma se confundia com o moreno da outra, entrelaçando-se ao mesmo tempo os cabellos louros com os cabellos côr de ebano, muito longos, espalhados docemente em cachos que esvoaçavam por cima de ambas, brincando e pulando com a viveza e o encanto que ellas mesmo possuiam.

Nas visões do meu passado, vejo ainda com a mesma limpidez esse quadro luminoso da primavera de uma creança de seis annos, prestes a fenecer debaixo da acção brusca de um acontecimento que lhe veiu ferir o coração!

Quando me approximei para beijal-as, notei que a morenita, a mais moça, sorria contente, porem ao mesmo tempo desconfiada; seus olhares de felicidade exprimiam tambem constrangimento. A outra sorria como ella; entretanto, dentro dos olhos azues profundamente pensativos, tremia melancolicamente uma lagrima prestes a se derramar!

Sem comprehender de momento aquelle estertor paralyzante, adivinhei logo pela claridade virginal de suas meigas pupillas a grande perturbação que lhe ruminava no cerebro; toda a suavidade de sua alma exquisita e bôa transparecia no seu olhar que possuia a mesma claridade do azul do céu formoso; e a sympathica e arrebatadora tristeza das noites penumbrosas se destacava no circulo negro de suas palpebras franjadas de pestanas delicadas que se dilatavam alternativamente, enchendo-lhe o rosto de luz e sombra como o despertar da aurora, ou o entardecer nas estações estivaes do nosso bello paiz. Nesse instante em que eu as contemplava com o pensamento mergulhado n'um verdadeiro abysmo, quasi a perder o equilibrio, a morena, muito esperta, suspendeu nos braços, como um bébé, uma grande boneca, luxuosamente vestida, que tirára de uma caixa perfumada, toda forrada de setim, e disse-me com a voz mysteriosa e baixa:

— O tio Pedro não deu boneca a ella, deu a mim e ella ficou triste...

Defronte dessa injustiça que fizera nascer a primeira dôr no coração da creança que não era querida e trazer tambem a ambas um precoce amadurecimento intellectual a respeito dos sentimentos da humanidade, immediatamente



— O TIO PEDRO NÃO DEU BONECA A ELLA...

te, com a revolta desse insignificante acontecimento, uma grande tristeza me avassallou como um circulo de ferro que viesse *ex abrupto* magoar-me as carnes.

Mais tarde voltei á mesma casa trazendo uma outra boneca para a mimosa esquecida, de quem guardei para sempre o olhar de reconhecimento que me lançou ao receber a ddiva, premio da reserva e angelica resignação que lhe deram no mesmo instante o realce admiravel de uma verdadeira mulher com o formato vaporoso de anjo pequenino! Tão bella e seductora! Enleio, harmoniosa canção de anjos, natureza! Porque será que se estabelece irresistivelmente na vida, por qualquer coisa,

a ligação electrica e espontanea de uma sympathia que o tempo e o espaço não teem muitas vezes o condão de conseguir apagar? Será o acaso? Ou (quem sabe?) talvez unicamente a força incomprehensivel da fatalidade que age e impera no espirito. Desde esse tempo que essa creança foi para mim como a visão celeste que appareceu a Jesus quando chorava resando no jardim das Oliveiras, coberto de sangue com o coração dilacerado de tristeza. Na terra tambem existem desses anjos cheios de meiguice que sabem amenisar os soffrimentos e que sorriem com a mesma pureza dos cherubins adoraveis das celicas e desconhecidas paragens do infinito.

Recife, Março, 1906.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA



CONCURSOS PHOTOGRAPHICOS DOS "SERÕES,"

Resultados do segundo — Programma do terceiro

O numero avultado de provas photographicas recebidas para este concurso demonstra exuberantemente como por todo o paiz se tem desenvolvido o gosto pela photographia. Quasi todos os concorrentes eram amadores; os poucos profissionaes que se apresentaram foram desclassificados por motivos que abaixo apontamos e que não importam desdouro para a sua pericia. E antes de continuarmos nas nossas considerações, digamos desde já qual foi a decisão definitiva, a que depois de muitas hesitações chegou um jury imparcial, formado de criticos de arte e de um technico em materia photographica:

1.º PREMIO: — sr. *Luiç Marques de Sousa*, Porto.

2.º PREMIO: — sr. *Antonio Pinheiro Azevedo Leite*, Guiães.

3.º PREMIO: — sr. *Alberto Lima*, Lisboa.

MENÇÕES HONROSAS: — srs. *Cypriano Trincão*, Lisboa; *José Arthur Barcia*, Lisboa; *Luiç C. Pereira Carvalho*, Lisboa; *Paulo de Brito Namorado*,

Ilhavo; *Thiago Silva*, Alcacer do Sal; *Victorino Cardoso*, Porto.

Congratulando-nos com os concorrentes que do illustrado jury mereceram estas distincções, passamos aos comentarios que nos suggere este concurso e que servirão de elucidação para os seguintes.

Muitas hesitações dissemos nós que houvera da parte do jury. Estas hesitações proveem sobretudo da falta de comprehensão do nosso objectivo, por parte de muitos dos concorrentes. As condições do concurso seriam porventura forçadamente laconicas, resultando que a nossa ideia não assumiu absoluta nitidez. Mas algumas das nossas phrases com relação á importancia artistica que pode ter a photographia, conjugadas com a indole especial da nossa revista, poderiam induzir o espirito dos photographos nacionaes á intelligencia do nosso proposito. Aproveitamos o ensejo para o explanar tão claramente quanto nos seja possivel, para que essas explicações sirvam de norma a futuros concursos.



PERPLEXIDADE

Primeiro premio—Cliché do sr. Luiz Marques de Sousa, Porto

Não sendo os *Serões* uma revista da especialidade, não é condição unica, embora seja importantissima, o primor tecnico dos *clichés* ou das provas photographicas enviadas a concurso. A ou-

tras clausulas, de natureza artistica, se deve attender cuidadosamente: a escolha do assumpto, a composição, as gradações de luz, a differenciação de planos, todas as circumstancias emfim

que concorram para que o *cliché* produza o effeito de um quadro, quer de paisagem, quer de genero, quer ainda historico. No presente concurso, por exemplo, algumas das photographias enviadas não passam de simples retratos, que, embora ás vezes excelentemente executados sob o ponto de

artes, transformando uma simples diversão n'um solido elemento de educação esthetica.

N'esse intento, desde já abrimos um NOVO CONCURSO, ao qual serão admittidos exclusivamente os amadores, alargando d'esta vez o nosso thema a TODAS AS COMPOSIÇÕES, COM FIGURAS HUMANAS, OU



EM VIAGEM

Segundo premio — Cliché do sr. Antonio Pinheiro Azevedo Leite, Guiaes

vista do *métier*, são destituídos de interesse artistico. A ensaios de photographia pictorica desejamos nós estimular os amadores portuguezes, animando-os á procura do meio, á escolha das figuras, á sua disposição artistica, á selecção de todos os pormenores de luz, de composição, de belleza esthetica emfim, que, a exemplo do que succede em paizes estrangeiros, tendam a incluir a photographia na categoria das bellas

DE ANIMAES, OU DAS DUAS ESPECIES, N'UM SCENARIO DE PAIZAGEM OU DE INTERIOR, AGRUPADAS DE FORMA A DAREM QUALQUER INTENÇÃO AO QUADRO. Quer dizer: a composição deve ter um caracter episodico ou anecdotico, quer dramatico quer comico, e ser acompanhada de um titulo simples ou de uma legenda que lhe explique a intenção, como fazem os pintores para os seus quadros.

Isto tenderá a estimular a imaginação

dos photographos amadores, e portanto a desenvolver o seu gosto artistico. Aquelles cuja fantasia fôr escassa, aconselhamos a estudar nos quadros dos grandes mestres de pintura a maneira de compôr e agrupar para produzirem um bello effeito artistico. A imitação não fica mal aos neophytos da

arte. E assim poderão aproveitar brilhantemente as aptidões technicas de que estão dando promettedoras provas.

As restantes condições do novo curso podem ver-se nas paginas supplementares dos *Serões*, onde, como de costume, as inserimos.



NO MEIO DA CREAÇÃO

Terceiro premio — Cliché do sr. Alberto Lima, Lisboa

Os Serões dos Bébés



Num rico jardim, embellezado das mais raras e das mais bellas flores, havia uma que diziam ser magica. Á hora em que o sol se apresentasse mais radioso é que essa linda flor tomava aspectos fantásticos e deslumbrantes. Ninguem sabia a quem pertencia tão maravilhoso jardim, todos ignoravam quem cultivava tão delicadas plantas.

Perto dali havia um homem que tinha dois filhos. Um, adorava-o elle como se fosse um anjo; ao outro, que era o mais velho, aborrecia-o tanto, que affirmava que nem que a morte o levasse se apoquentaria.

Ninguem podia comprehender a sua lastimavel maneira de pensar, pois o filho que elle detestava, o Manoel, era o rapaz mais bondoso que se podia encontrar, embora fosse o rapaz mais feio que se podia descobrir.

Talvez fosse por isso que o pai o não podia ver com bons olhos.

Mandava-lhe fazer os trabalhos mais grosseiros e não o deixava descansar nem uma hora por dia.

Uma occasião, que Manoel andava a roçar matto, principiou a chorar por não poder supportar mais semelhante trabalho, pois o pai tinha-lhe imposto a tarefa de roçar um enorme monte todo coberto de matto, tojos e carquejas. E o sangue já lhe vertia das pernas, como a agua duma fonte.

Com a voz entrecortada de soluços monologou:

— Agora que já não sou criança, já conheço que meu pai me aborrece e adora o meu irmão. Mas nem por isso quero mal a nenhum dos dois. Nem todos podemos cair em graça, neste mundo. A sorte é para uns e para outros a dor. Paciencia.

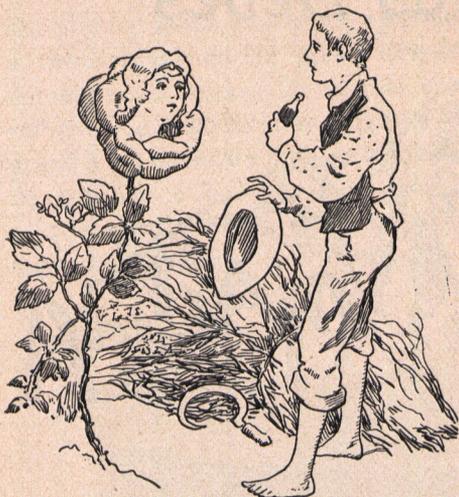
Mal acabara de pronunciar estas palavras quando, em frente, se lhe deparou uma flor igual á do jardim mysterioso.

Tão maravilhosa apparição deixou o rapaz attonito.

— No meio do matto uma flor tão bella!!...

E a rosa, tomando o aspecto duma linda cara de mulher:

— Pois é assim mesmo que é o teu coração. Tens vivido e crescido só no matto; mudaste de côr e de feições, mas o teu coração não mudou de belleza — disse a flor.



— ... VAE PARA CASA SEMPRE RISONHO...

E lá foi Manoel para casa depois de carregar um grande carro de matto que parecia uma pyramide do Egypto.

E a bella flor partiu para o seu jardim.

Ao chegar a casa, notou o pai que Manoel vinha muito alegre e jovial.

Ficou azabumbado com o caso e não se pôde calar:

— Ah! se tu trabalhasses bem, não vinhas tão tagarella e tão risonho! Deixa estar que já vou ver ao monte se todo o matto está roçado.

— Não vá tão longe, meu pai! Vá ao quintelho e veja a carrada que lá está. O pai assim fez. Viu o carro e ficou estupefacto deante da colossal altura do matto. Veiu para casa e, em vez de se mostrar contente, observou ao filho:

— Se vias que tanto era, para que tanto roçaste? Deixasses ficar algum no monte. Como se vê, nunca dava galardão ao filho, nem mesmo quando a consciencia lhe protestava contra tanta maldade. Manoel com tudo se mostrava satisfeito.

— Pois bem, meu pai, para a outra vez lhe farei a vontade. Agora tenha paciencia.

O pai começou agora a notar que o filho tinha as mãos alvas como a neve ao luar e não lhe viu a menor arranhadura nas mãos, o que o atormentou de veras.

— Ó rapaz! tu parece que mandaste os servos roçar o matto e que te entretiveste a caçar grillos. Não tens mãos de quem pegou na roçadeira.

— Pois, meu pai, não sei como isso possa ser. Bem vê que nenhum dos servos foi comigo e quem roçou todo o matto fui eu e só eu.

Palavras não eram ditas, quando entrou pela porta dentro Luiz com uma porção de gaiolas com grillos, enfiadas num pau. Mas vinha tristonho, aborrecido, queixando-se de dores nas mãos.

O pai abeirou-se logo delle, contristado:

— Que tens, meu filho, que tens? Vens com as mãos todas ensanguentadas. Que te aconteceu?

— Foram umas silvas que assim me arranharam.

— Valha-me Deus!

Em seguida, na bocca da mulher appareceu um frasco.

— Aqui tens um balsamo. Toma-o. Com elle curarás todas as arranhaduras dos braços e pernas. Depois vai para casa sempre risonho, porque será assim que has de torturar o teu pai, amargamente.

Manoel, cheio de assombro, perguntou:

— Mas quem vos dá tamanho poder e quem sois vós?

— Não o podes saber agora, mais tarde o saberás. Cala-te, porque se perguntas duas vezes quem sou, ficarás mudo.

Manoel não prestou attenção a isto e não queria mais saber quem era, limitando-se a agradecer-lhe o balsamo offertado e que tantas dores lhe tirava.

E voltando-se para Manoel, em tom desabrido :

— Vá já buscar agua e vinagre para seu irmão. Lave-lhe já as mãos. Não vê o estado delle, seu palerma ?

E Manoel, sempre filho submisso, lá foi buscar o que o pai lhe ordenou. Mas, condoido intimamente do seu irmão, em vez de botar na tigela agua e vinagre, deitou-lhe do balsamo que a flor lhe tinha dado.

Luiz gostava muito do irmão e quando acabou de lhe lavar as mãos, abraçou-o :

— Ah! meu querido irmão! As tuas mãos parecem dum santo! Que allivio tu me deste! Parece que as silvas eram venenosas e eu já não podia supportar tamanhas dores!

O pai ouviu o que Luiz dissera ao irmão e redarguiu :

— Ora elle não é santo, nem santa. O que te fez bem foi a agua e vinagre, meu filho! O que tu tiveste devia elle te-lo para saber as dores que tu soffreste. Mas elle é um figurão que até parece que tem pelle de sapo. Foi ao monte roçar matto e nem sequer uma beliscadella traz nas mãos; pelo contrario, olhando para ellas, parece que calçou sempre luvas.

*

Ao outro dia o pai pensou na tarefa que havia de impor ao filho.

— Hoje, Manoel, has de quebrar toda a pedra daquela pedreira. Quero vende-la para com esse dinheiro mandar o teu irmão tentar fortuna em terra extranha. É a unica parte que posso vender da nossa herdade e por isso posso já em vida doar-lh'a.

Manoel, sem uma palavra de contrariedade, sem a menor contracção do rosto, mas antes muito prasenteiro, muito jubiloso, lá se dirigiu á pedreira.

O pai ficou subjugado pela sua obediencia, mas logo o assaltou a irritação de elle o não contrariar nas suas ordens, para ter o pretexto de lhe dar uma forte sova.

Quando Manoel chegou perto da montanha, lá divisou a flor illuminando toda a pedreira com o seu brilho extranho.

— Viva a mais bella das flores — saudou Manoel.

— Viva o mais formoso dos corações — respondeu a flor. A tua obediencia encanta-me. Espero que terás o mais bello premio que pode haver.

Manoel ficou admirado infinitamente com o que a flor lhe disse.

— Bem! Começa o teu trabalho e não te apoquentes, que hoje, ao fim da tarde, toda a pedreira estará derrubada e toda a pedra quebrada.

Assim foi. Ao cair da tarde, Manoel chegava a casa com uma carrada espantosa de pedra, attingindo uma altura extraordinaria.

Apenas o pai viu o carro, assustou-se e disse-lhe :

— Ó rapaz! isto parece a Torre de Babel! Agora aonde hei de eu metter tanta pedra ?

— Não se afflija, meu pai; maior é o patrimonio de meu irmão. E a pedra vende-se ahi mesmo do carro.

O pai teve a repentina impressão de que o filho era magico, mas logo ponderou :

— Não, não; não me cheiras a magico! E ficou-se...

Vendeu o homem a pedra, e o filho querido, o seu Luiz, lá foi para terras

extranhas, onde conquistou uma fortuna colossal. Mas tão má estrella guiava o pai que o rico filho o votou ao maior esquecimento.

Notava Manoel que o pai chorava todos os dias e isso affligia-o; mas impossivel era conseguir arrancar-lhe uma palavra que explicasse as suas tristezas.

Manoel, sempre carinhoso, sempre bom filho, trabalhava sempre, velando pelo pai, a quem amparava com profundo amor.

Decorreu muito tempo e Manoel amargurava-se por não poder valer a seu pai, restituindo-lhe a antiga alegria. Passava dias e noites com o coração triste como a propria noite. Chorava e quando as suas lagrimas lhe banhavam o rosto, num desses dias mais lugubres, appareceu-lhe a flor.

— É com esta a terceira vez que te appareço e é sempre nas tuas maiores afflicções. Que desejas de mim? — disse a flor.

— Ah! bemdita flor! se tu pudesses dar consolação a meu pobre pai! . . .

— Pois sim, darei alegria ao teu pai!

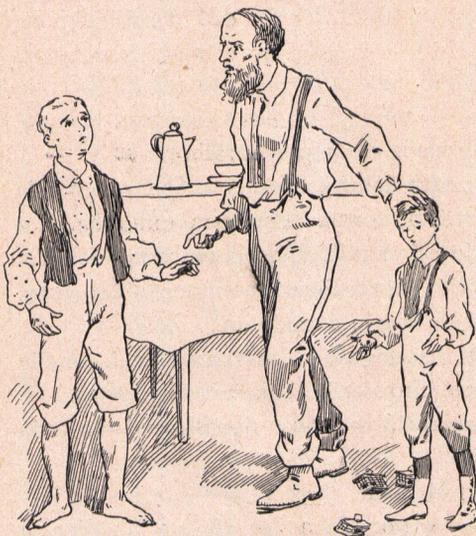
— Bem hajas, flor amada. Se pudesses dar arrependimento ao meu irmão, para que se lembrasse de quem nunca o esqueceu . . .

— Serás attendido. O teu irmão não tem tido descanso, um momento sequer, mas agora terá um grande remorso, seguido dum arrependimento sincero.

— Abençoada sejas, flor bem amada.

— Para ti seou a hora do teu premio.

Teu pai chora mais de arrependido do que te fez, do que do esquecimento a que o lançou teu irmão. A tua generosa alma, cheia de candura, vai ser recompensada e o teu formoso coração vai ter o seu premio. Apparece junto á porta do jardim onde



— VÁ JÁ BUSCAR AGUA E VINAGRE PARA SEU IRMÃO

eu vivo. E uma vez alli, não receies coisa alguma do que vires. Mostra-te sempre corajoso e obediente.

A flor transformou-se immediatamente numa serpente:

— Segue-me — disse-lhe ella.

E Manoel seguiu-a.

Quando chegaram ao jardim, a porta abriu-se, de par em par. A serpente entrou. Manoel, cheio de pavor, hesitava em segui-la. Por fim resolveu cumprir o que ella lhe havia dito.

O jardim fechou-se novamente. A serpente chegou ao pé duma roseira e enroscou-se, dizendo a Manoel:

— Agora debes matar-me e irás derramar o meu sangue junto daquella grande palmeira.

Manoel não sentia forças para matar a serpente, á qual o prendia um affecto inexplicavel, mas, obedecendo ás suas determinações, matou-a.

Aproveitou o sangue que pôde e foi lança-lo ao pé da palmeira indicada.

E de repente a palmeira transformou-se num magestoso palacio.

Manoel, como louco de alegria, correu para junto da roseira, para ver se lhe apparecia a mesma flor, que o animasse a olhar para tanta surpresa que o deslumbrava.

Lá estava ella com todo o seu esplendor.

— Desenrosca-me essa serpente morta do meu tronco — disse-lhe ella.

Manoel assim fez. E logo caiu desmaiado ao ver junto de si a mulher mais formosa do mundo, que era uma princeza a quem elle corajosamente quebrara o encanto.

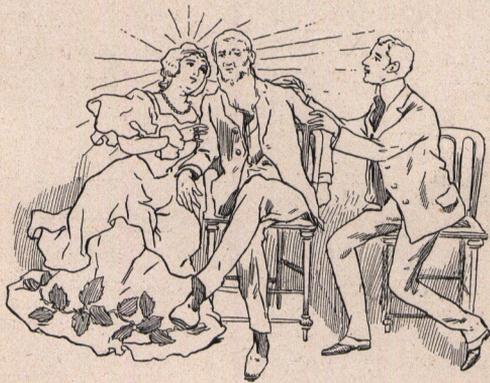
A princeza, inclinando-se, beijou o rosto pallido do seu salvador. E Manoel, ao calor daquelle beijo, despertou do seu extasis, num deslumbramento, e seguiram, mãos nas mãos, para o palacio.

Noivaram. No dia esponsalicio houve festas maravilhosas, e toda a gente dos poyos visinhos accorreu a assistir ás brilhantes illuminações do jardim edenico, estrellado de flores variegadas, e as musicas, os hymnos e os cantares formavam um conjuncto delicioso.

Para o seu palacio chamou o pai, que viveu uma feliz velhice, enquanto o irmão morria, ao longe, na miseria e torturado pelo remorso da sua ingratição.

Maio — 1906.

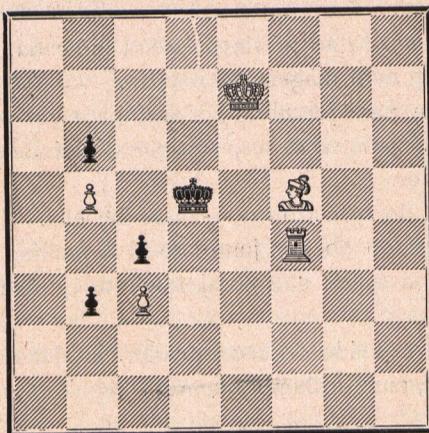
MARIA PINTO FIGUEIRINHAS.



.. CHAMOU O PAI QUE VIVEU UMA FELIZ VELHICE ..

SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

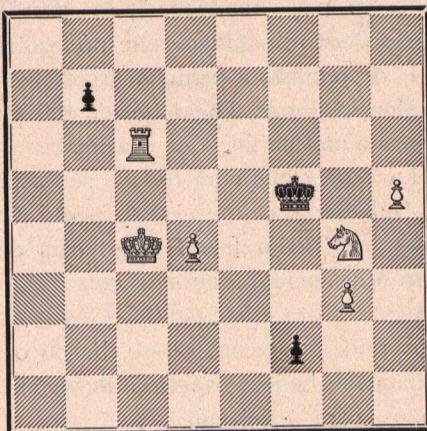
N.º 9. Problema directo
Pretas 4



Branças 5

As brancas dão mate em 2 lances.

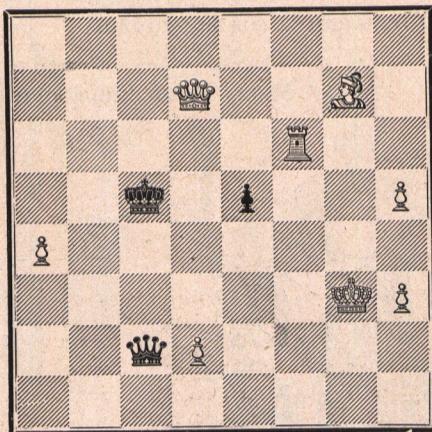
N.º 10. Problema retrogrado inverso
Pretas 3



Branças 6

- 1.º — As brancas desfazem a jogada anterior.
- 2.º — As brancas jogam.
- 3.º — As pretas jogam.
- 4.º — As brancas jogam e obrigam as pretas a dar mate.

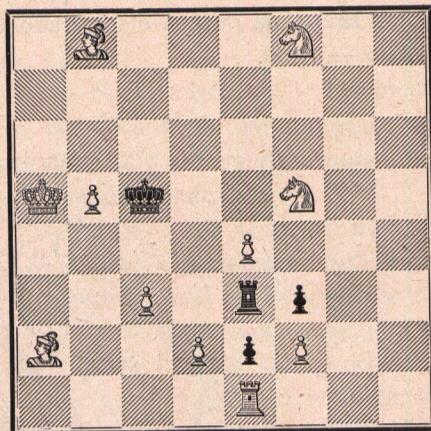
N.º 11. Problema inverso
Pretas 3



Branças 8

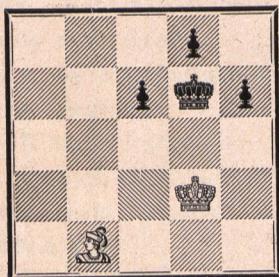
As brancas obrigam as pretas a dar mate em 3 lances.

N.º 8. Problema inverso
Pretas 4



Branças 11

As brancas obrigam as pretas a dar mate em 4 lances.



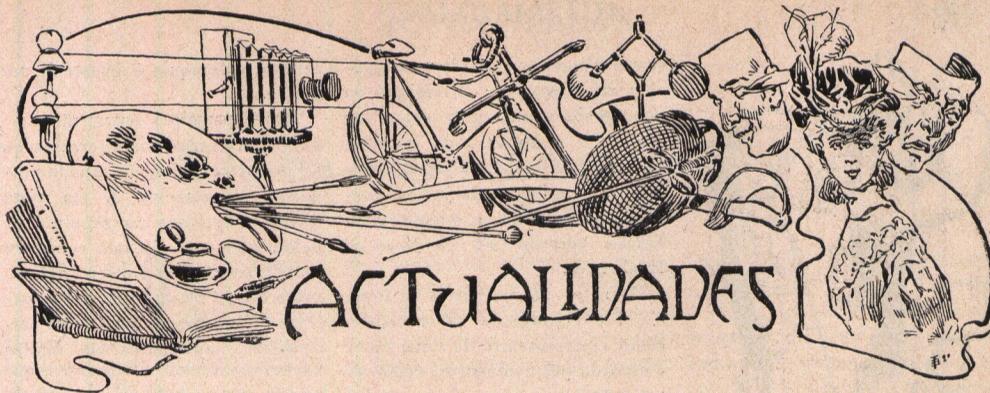
d e f g h

- 5 Soluções:—Prob. n.º 1 = D d 8. N.º 2 — C f 7.
- 4 N.º 3 = C e 3. N.º 4 = R d 2, C a 4, (D b 6), C e 3.

3 Resolutores:—Os Srs. Pereira Machado, Avila da Graça e Nunes Cardoso.

2 Final de partida. — Segundo os mais recentes estudos, em contrario do que ha 20 annos se suppunha, o bispo empata contra tres piões unidos. São as pretas que jogam primeiro.

ERRATA — No problema n.º 8, publicado no numero anterior, o rei e 5 é branco.



Grandes topicos

Na Russia
NA resposta ao discurso da corôa, a Duma expoz ao czar as reclamações da Russia, isto é, as reformas de ordem politica e social que o povo russo julga necessarias á sua existencia. Todo o mundo viu logo que o czarismo não satisfaria uma grande parte d'essas reclamações por serem excessivamente radicaes, mesmo para um regimen verdadeiramente constitucional. Mas o que todo o mundo viu tambem foi a necessidade e a justiça de serem satisfeitas algumas d'ellas — as fundamentaes. Sem isso, a Duma não teria razão de existir, e a sua concessão denunciava-se logo uma authentica burla, tanto mais odiosa quanto visava a liberdade e a vida de milhões de homens.

Final, a expectativa geral foi illudida. O czarismo resolveu repellir todas as exigencias formuladas pelos delegados do povo. Assim o declarou o governo em plena Duma, que lhe retorquiu votando por unanimidade a sua demissão immediata. E' claro que o governo não se demittiu, mas, desde logo, entre elle e o parlamento ficou aberto um con-

flicto que de dia para dia se tem agravado e ameaça tomar as mais sinistras preparações.

Acobertado com a corôa, o gabinetemantem se n'uma absoluta intransigencia; por seu turno, o parlamento prosegue na sua tarefa reformadora, tendo já perdido aquella extraordinaria calma que caracterisara as suas primeiras sessões. E, ao mesmo tempo, por toda a parte se ergue o grito de revolta que, aqui e alem, começa a ser escutado pela tropa.

menda e decisiva revolução na Russia.

Austria-Hungria
O conflicto austro-hungaro entrou n'uma phase nova, sem duvida mais interessante do que a primeira. Como se sabe, uma das reclamações da Hungria é a autonomia economica. Assim, quando ultimamente se procedeu á revisão das pautas aduaneiras, o gabinete de Budapest exigiu logo que a nova pauta fosse considerada não do imperio austro-hungaro, mas autonoma de cada uma das suas partes.

E, com grande espanto de toda a gente, talvez mesmo dos proprios húngaros, o imperador Francisco José declarou estar disposto a satisfazer essa reclamação.

Toda a Austria se levantou então e, á frente d'ella, o proprio governo, n'um movimento de protesto contra o monarcha, acusando-o de ali-

mentar as aspirações separatistas da Hungria. Para não transigir, o governo demittiu-se, e só ao fim de laboriosas negociações se encontrou para o substituir um grupo de figuras apagadas da politica, sob a chefia do barão Beck co-



O DEDO DO DESTINO (DEPOIS DE ALGECIRAS)

KAISER — *Faça força com o dedo. D'esta vez é bem feito o que lhes acontece*
 Do Pasquino

A situação, como se vê, é grave, e só poderia talvez ser resolvida pacificamente ainda, se o governo, isto é, se a autocracia cedesse. Mas como o mais provavel é que não ceda, pode quasi considerar-se certa e imminente uma tre-



PONTO DE VISTA GERMANICO
SCBRE A DUMA

O CZAR — É tempo de preparar a raioeira para o nosso querido povo.
WITTE — Isso de pouco serve. A isca já está em mau estado. Deita um chereke que treçanda por essa Russia fora, e os Socialistas Democratras teem um olfacio tão fino!

Do Wahre Jacob

nhecido pelas sucs ideias reaccionistas

Escusado será dizer que o novo gabinete não veiu para desfazer o que está feito. O imperador prometeu satisfazer a exigencia da Hungria, e esta conta com isso. O papel reservado ao barão Beck é apenas o de conciliador, havendo, porem, sobejos motivos para duvidar que elle o desempenhe a contento das trez partes.

A coroação
de um rei

Na antiquissima cathedral de Trondhjen realisou-se, no dia 22 de Junho, a coroação do rei Haakon da Noruega. Recebidos á porta da cathedral pelos bispos de Christiania, de Trondhjen e de Bergen, vestindo paramentos amarellos, e por cincoenta padres com habitos brancos, o rei e a rainha dirigiram-se processionalmente para o interior do templo, onde estavam armados dois thronos, nos quaes tomaram logar. Terminado o sermão, proferido pelo bispo da diocese o rei, precedido pelo generalissimo do exercito, que empunhava a bandeira da Noruega, caminhou para o altár môr, onde o bispo de Christiania o ungiu.

Em seguida, o presidente do conselho de ministros tomando de sobre o altar a corôa real, collocou-na a cabeça do monarcha; o ministro

dos estrangeiros e um bispo entregaram-lhe o sceptro; o ministro do commercio e um outro bispo, um globo; e o ministro da guerra e um terceiro bispo, a espada. Por ultimo, o ministro da justiça poz-lhe sobre os hombros o manto real. Estava coroado rei da Noruega Haakon VII.

Como se vé, na patria de Ibsen o rei é consagrado pelos bispos, como representantes de Deus; mas é coroado pelos ministros, como representantes do povo, recebendo das mãos d'elles todos os attributos do poder.



O NOVO REGENTE DA ORCHESTRA

Parece que o rei Eduardo assumiu a regencia do concerto europeu, com o habil auxilio do Presidente Roosevelt
Do Nebelspatter

Franquia universal
do vintem

Um membro do Parlamento Britannico, o sr. Heiniker Heaton, iniciou uma campanha no sentido de uniformizar ao preço de um penny (aproximadamente 20 réis) a franquia postal em todo o mundo.

As vantagens do projecto são intuitivas. As difficuldades oppostas são porem, como é de prever, consideraveis. O sr. Heaton apresenta, para as vencer, um grande numero de argumentos, entre os quaes avultam as anomalias espantosas do porte.

Assim, por exemplo, uma carta de Inglaterra para França, 21 milhas de distancia, paga 2 pence e meio, ao passo que da mesma proveniencia para as ilhas de Fidji, 11000

milhas, a franquia é apenas de um penny.

Mas o principal argumento consiste nos lucros consideraveis que em todos os paizes do mundo produzem os correios. É em vista d'elles, expressos na seguinte ta bella, que o sr. Heaton considera perfeitamente viavel o seu projecto, sobre o qual recaem aliás as sympathias de um grande numero de personagens importantes em muitas nações do mundo civilizado, e que alguns governos teem começado a adoptar na posta intensa e colonial dos respectivos paizes, tendo de presenciar que outros não tardem o seguir o exemplo.

LUCRO POSTAL NAS PRINCIPAES NAÇÕES
DO MUNDO

	Francos
Allemanha.....	76,812,000
Austria.....	4,776,000
Belgica.....	13,612,000
França.....	73,863,000
Grã-Bretanha.....	120,000,000
Hespanha.....	16,260,000
Hollanda.....	5,000,000
Hungria.....	15,350,000
Italia.....	4,000,000
Japão.....	12,700,000
Portugal.....	2,300,000
Russia.....	78,000,000
Suecia.....	2,600,000
Turquia.....	4,950,000



KAISER E CHANCELLER

KAISER — A Allemanha, com tantas curiosidades, não possui um vulcão como a nossa infiel amiga.

BÜLOW — Qual não possui! Para vulcão e lava, não ha Vesuvios nem Pelées que se comparem a Vossa Magestade.

Do Pasquino

Vida na sciencia e na industria

Expedição Polar. **O** mais recente novissima plano para se

atingir o Polo Norte é por meio de aeronave e trenó automovel. A expedição é dirigida por Mr. Walter Wellman e custeada por Mr. Victor Lawson, de Chicago. A gigantesca aeronave, em que os exploradores farão rumo para o Polo, é a maior que se tem construído. Transportará um carro de aço, tres, automoveis com um total de 80 cavallos de força, um barco de aço, trenós automoveis, cinco homens, com mantimentos para 75 dias, instrumentos, utensilios, e cerca de duas toneladas e meia de gazolina para os automoveis. O comprimento anda por 53 metros, e espera-se que tenha uma velocidade media de 12 milhas por hora.

A base da expedição é a ilha de Spitzbergen. D'ahi, por todo o mez de junho, trinta e cinco homens de sciencia, engenheiros, aeronautas, machinistas e operarios tratarão de encher o balão e de fazer os preparativos necessarios para a arrojada viagem.

Spitzbergen fica a 600 milhas de distancia do Polo, e calcula-se que a provisão de gazolina será mais do que sufficiente para a viagem de ida e volta. Caso

seja preciso, os exploradores poderão recorrer aos trenós automoveis, vehiculos de extranho aspecto, correndo sobre uma larga roda central na frente com grandes patins na

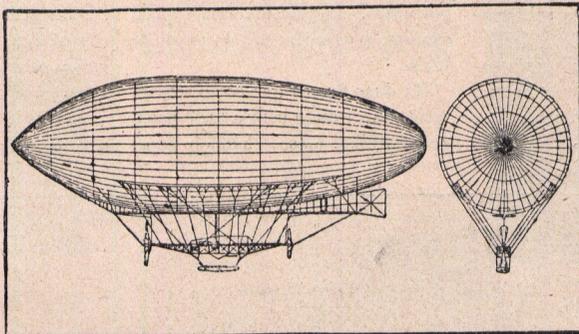
Novas ambulancias militares

CONSTRUÍRAM-SE em Inglaterra uns carros ambulancias, de novo systema, destinados ao governo portuguez, para se usarem nas nossas colonias. São os maiores que se tem feito, e contem provisões para transportarem não menos de 12 homens cada um, tendo tambem cada um oito camas. Afim de se adaptarem a terrenos escabrosos, foram necessarias disposições especiaes para obviar á trepidação. Para isto inventaram os cons-

tructores srs. Carter, de Londres, um apparelho automatico a que deram o nome de «Rastilon», o qual se adapta ás camas. As molas possuem uma força de repercussão egual á das almofadas de ar, por mais irregulares que sejam os caminhos e qualquer que seja o peso dos doentes. As machinas tem a força de 45 cavallos.

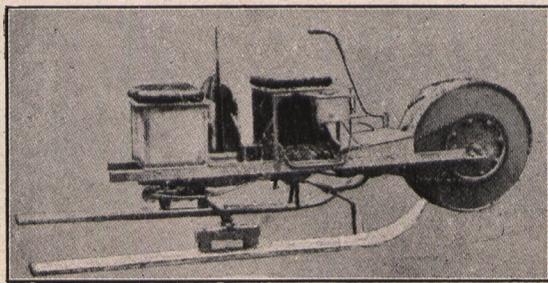
Atravez de Africa **E**M meados de junho

chegavam a Broken Hill os rails do grande caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Este ponto fica 374 milhas ao norte das Cataractas Victoria e a 2016 milhas de distancia da cidade do Cabo. N'esta gigantesca empresa, estão empregados 3 a 5 mil indigenas e cerca de 350 brancos.



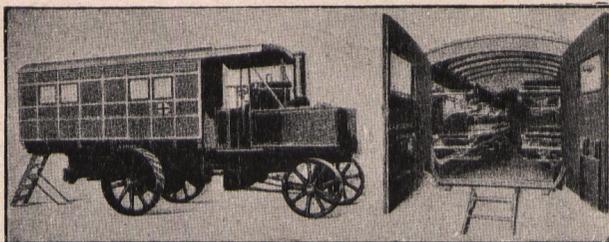
A EXPEDIÇÃO WELLMAN AO POLO NORTE — A AERONAVE MONSTRO

te posterior. A expedição deve custar provavelmente umas 50.000 libras esterlinas. Se a primeira ten-



TRENÓ AUTOMOVEL DA EXPEDIÇÃO WELLMAN

tativa falhar, repetir-se-ha a expedição para o anno que vem.



NOVAS AMBULANCIAS MILITARES CONSTRUÍDAS PARA O GOVERNO PORTUGUEZ

De Londres a New-York por terra **N**ão é uma simples phantasia de romancista esta deia que actualmente se debate na Inglaterra e na America. Trata-se de um caminho de ferro que atravessará em tunel sob as aguas do estreito de Behring, ligando directamente a Asia á America. Esse tunel não é de construção impossivel. É aberto em rocha a toda a distancia, e o material excavado não excederá, segundo dizem o arrancado para o caminho de ferro subterraneo de New-York.

A profundidade do mar regula entre 150 e 192 braças, sendo apenas de 90 entre as ilhas de Ratmanof e Kruzenstern, nas quaes se abrirão poços de ventilação. Assim, a não ser no estreito de Calais, onde aliás na varios projectos de travessia pelo caminho de ferro, toda a viagem se realisará sem que o passageiro tenha que sahir do comboio. A extensão aproximada da linha ferrea, de Londres a New-York, será de 26.000 a 27.000 kilometros, a qual, á velocidade de 50 milhas (92,6 kilometros), se vencerá em doze dias.

A viagem de Londres a Irkutsk já actualmente se faz em menos de cinco dias. A travessia de New-York a Vancouver realiza-se em dois dias. Resta ligar estes dois pontos, e para isso se trabalha activamente no territorio americano de Alaska, construindo-se um caminho de ferro cujo fim immediato era servir as minas de ouro d'aquella região, e projectando-se uma nova linha desde o cabo Principe de Galles a Vancouver.

Automovel blindado **D**AMOS acima a gravura do automovel blindado, em uso actualmente na França.

As experiencias tem dado magnificos resultados. Em todos os paizes do mundo se estão adoptando estes formidaveis aparelhos bellicos, justificando a sciencia a fantasia de um romancista illustre, o inglez Wells, que n'um interessante conto celebrou *Os couraçados da Terra*.

Papel de turfa e de hastes de cereaes **N**A Irlanda e na Escocia tem-se tentado uma vez por outra, em pequena escala quasi sempre, a manufactura do papel de turfa.

Ha duas firmas que estão actualmente fabricando com a turfa papel de embrulho, mas o chamado papel

está decidida a victoria em favor do novo fabrico, e os lavradores podem encontrar para o restolho uso mais proveitoso do que reduzil-o a cinzas ou a adubo.

Os microbios do Oceano **P**OUCAS investigações se tinham até agora feito

sobre a existencia dos microbios no mar. Dois autores allemães, Moritz Otto e R. O. Nuemann, publicaram recentemente exames bacteriologicos da agua do oceano Atlantico, as quaes preenchem em parte esta lacuna.

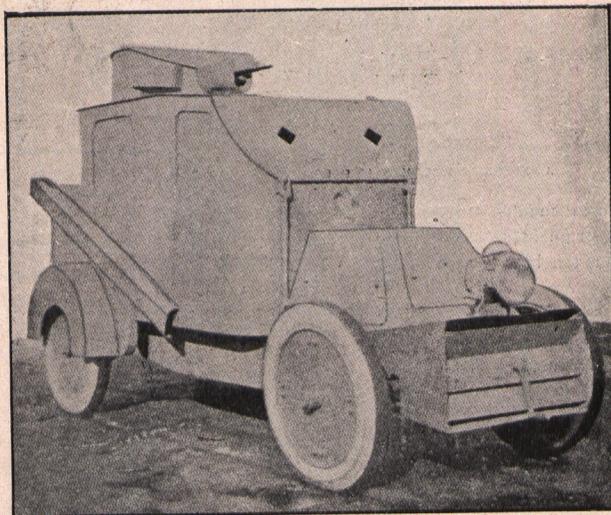
Por meio de um aparelho especial, os autores recolheram uma serie de amostras de agua do mar, durante a derrota do navio em que se guiram de Bologne para a Bahia.

Mostraram as suas pesquisas que o numero de bacterias, ás vezes consideravel perto das costas, sobretudo na zona em que desaguam os grandes rios, decresce no mar alto até não passar de algumas centenas por centimetro cubico á superficie, e diminue ainda á medida que augmenta a profundidade. Á altura de

uns 200 metros, não ha mais de 1 a 14 germens por centimetro quadrado.

Efficacia dos serums

O dr. Brunon, director da Escola Medica de Rouen, afirma que o serum Chantemesse reduziu a mortalidade pela febre typhoide, no hospital geral, de 17 a 3 por cento, e que todos os doentes tratados na primeira semana foram curados. O sorum anti-dysenterico Vallard, obtido de cavallos pela forma usual, tem produzido resultados beneficos muito notaveis.



AUTOMOVEL BLINDADO

de turfa contem apenas umas tres quartas partes d'este material. Até hoje pelo menos, ainda não se conseguiu branquear a massa da turfa. Por isso só se pôde fabricar com ella o papel pardo. Os papeis de palha e de serradura ficam mais baratos. Muito mais promettedora é a nova industria de fazer papel com as hastes dos cereaes.

A ser verdade, como se affirma que uma tonelada d'esse papel, tão bom como o fabricado de madeira ou de trapos, pode sahir por 22,5000 a 25,5000 réis (o custo do fabrico do papel de madeira ou de trapos, anda por 60,5000 a 75,5000 réis), então

Vida na arte



IBSEN AOS 30 ANNOS

Ibsen
HENRIK IBSEN nasceu em Skien, a 20 de março de 1828. Começando a sua vida como pharmaceutico, bem depressa trocou essa profissão pelas letras. e sob o pseudonymo de Brynjolf Bjarme, publicou o drama *Catilina* — a sua primeira obra. Entrando para a Universidade, fundou um jornal literario, no qual foi publicada a sua satyra *Norma, ou o amor de um homem politico*.

Mais tarde passou a ser o auctor dramatico official do theatro de Bergen e, em seguida, do de Christiania. Foi n'este theatro que elle fez representar algumas das suas peças de maior successo. A *Comedia do amor* que subiu á scena em 1863, valeu-lhe uma subvenção para ir em viagem de estudo ao estrangeiro. Residiu durante alguns annos em Munich, Dresde e

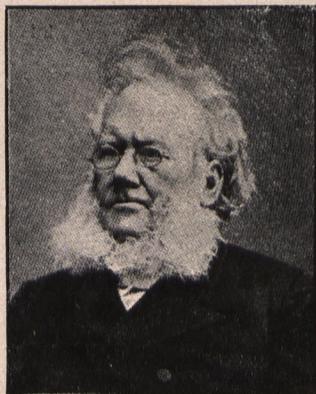
Roma, escrevendo n'esta ultima cidade um dos seus mais celebres dramas: *Brand*.

Alem das obras citadas, Ibsen escreveu muitas outras, sendo as mais conhecidas: *Edda Gabler, Os espectros, Solness o Constructor, O gato bravo, Casa da Boneca, Peer Gynt*.

O tribunal de arbitragem internacional
DUZENTOS e sete architectos de quasi todos os paizes do mundo entraram no concurso aberto pelo millionario Carnegie para o projecto do Palacio da Paz na Haya. Foram enviados nada menos de 3038 desenhos. O primeiro premio foi adjudicado a Mr. Cordonnier, cujo projecto apresentamos. É uma concepção esplendidamente executada, no estylo dos *châteaux* do norte da França. O corpo principal é flanqueado de torres elevadas, duas das quaes ficam nos extremos da fachada. No interior haverá uma magnifica sala de Tribunal, onde de futuro se decidirá a sorte das nações.



PROJECTO PREMIADO PARA O PALACIO DA PAZ



IBSEN AOS 70 ANNOS

O theatro em Portugal
O meio theatral portuguez achase em ebullição, em virtude de um requerimento feito por um particular para a adjudicação do theatro de D. Maria II, mediante um arrendamento e sob certas clausulas protectoras dos interesses de literatura e de arte dramatica. No momento em que escrevemos, trata o conselho de arte dramatica de elaborar o seu parecer, o qual lhe foi pedido pelo governo. Cá fóra, dividem-se naturalmente as opiniões, conforme os interesses em jogo, sobre a vantagem ou desvantagem de alterar o regimen existente. Veremos o que de tudo isto resulta, e oxalá que seja tudo para bem!

Vida nos campos

JULHO

Debulhadora de trigo a vapor **E**sta machina consiste n'uma caixa sobre quatro rodas, dentro da qual ha um machinismo composto de cylindro, crivos, ventoinhas, etc. os quaes postos em movimento pela correia motora que vem da machina a vapor, debulha, separa, limpa e prepara o trigo, que he é deitado em rama pela abertura indicada na nossa gravura pela letra C.

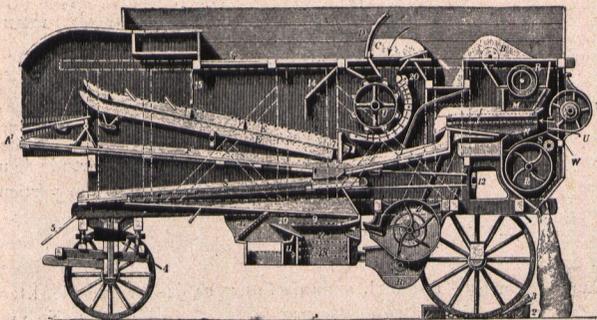
O trigo cae no espaço entre o cylindro bater U e uma especie de grade recurvada, cuja approximação do cylindro se segura no ponto 20. O cylindro tem um movimento de mil e tantas voltas por minuto e n'essa velocidade desfaz a espiga donde se soltam os grãos, que, misturados com a palha, batem no anteparo 14 e cahem nos sacudidores E. O movimento dos sacudi-

dores obriga a palha a caminhar por elles acima até cahir pela sua extremidade sobre o crivo A ou sobre cylindro munido de navalhas e dentes que a cortam e esmagam para poder servir de alimento para o gado. O grão atravessa o crivo dos sacudidores e cae na bandeja F que o conduz a um outro crivo 8 onde se apura o grão limpo do cacho ou bocados de espigas que teem de voltar á machina. O grão cae no crivo 9 donde passa a outros crivos 18 soffrendo nova limpeza por meio da ventoinha Z que lhe tira o cazulo e a moinha que saem pelo canal 10. O trigo limpo é despejado passa por um boccal á caixa B onde os alcatruzes de uma nora o elevam á caixa superior B donde passa ao escovador R. Depois de esfregado ahí ou escovado é novamente

limpo pela ventoinha T que o assepra ao passar pelos crivos J J e passa pela calha N para o calibrador rotativo R que o separa em classes distinctas de grandeza e o despeja nos diversos boccaes onde se prende a bocados desaccos que o recebem.

E' este o machinismo ordinario de uma debulhadora. Não obstante ha varios systemas que variam entre si em detalhes a fim de produzir melhor ou maior quantidade de trabalho.

As mais modernas possuem ainda um jogo de crivos oscillantes onde



DEBULHADORA DE TRIGO A VAPOR

cae a palha, sendo n'elles apurado e limpo com ventoinha qualquer quantidade de grão que ella ainda traz da machina. A este accessorio chama-se pagucheiro.

As debulhadoras podem debulhar 10 a 20 moios de trigo por dia e mais, e necessitam uma machina a vapor da força de 8 a 12 cavallos, cujo modelo é em geral dos denominados locomoveis.

Estas machinas estão muito generalizadas entre nós, por poderem produzir muito trabalho sem dependencia de vento que muitas vezes falta, causando prejuizo ao lavrador.

Ratoeira para insectos **E**is a descripção de um apparelho inventado por Mr. Paul Noel para destruição dos insectos.

Imaginem uma tira de flanella com os extremos cosidos um ao outro, formando uma tella sem fim que se estende sobre duas roldanas, munida a superior de uma manivella. A inferior mergulha n'uma cella contendo a mistura seguinte:

Mel, 10 kilos.

Assucar mascavado, 2 kilos.

Melaço, 2 kilos.

Agua 1 litro.

Cerveja, 1 litro.

Esta mistura deve ter cosido a fogo lento durante uns dez dias, tempo preciso para desenvolver o aroma que deve attrahir as victimas.

Quando se anda com a manivella, o panno desenrola-se e ensopa-se na mistura. Os insectos movidos pela gula, aproximam-se, mas veem esbarrar com uma rede metallica, que defende o panno. Assim, a gulozeima dura indefinidamente,

bastando de vez em quando deitar lhe mais agua.

As roldanas e a rede metallica esão mettidas n'uma caixa de madeira com 1 metro de alto. Na parte superior ha um vidro, e as paredes teem uns furos, com uma especie de funis de rede metallica com a parte mais larga para fóra. Os insectos entram, mas não são capazes de dar com a saída.

Não podendo penetrar na rede inferior que protege o panno ensopado, agglomeram-se no cimo da caixa, e cahem pouco a pouco extenuados e moribundos no fundo. Formam ahí uma camada espessa de cadaveres, que teem de se tirar no fim de 5 ou 6 dias para evitar a podridão, que podem aproveitar se para alimentar-se as capoeiras, pois que cada semana eapanham 2 ou 3 kilos de insectos.

Vida no sport

Concurso Lisboa-Coimbra Lisboa
UMA das mais interessantes provas sportivas realizadas até hoje em Portugal foi o Concurso de excursionismo organizado pelo R. A. C. P. e effectuado nos dias 27, 28 e 29 de maio ultimo.

Haviam sido inscriptos 26 automoveis e todos elles realisaram a primeira parte do percurso estabelecido (Lisboa-Coimbra, por Santarem), mas apenas 5 voltaram á capital tendo cumprido todas as condições do concurso.

Foram elles, por ordem de chegada:

O do sr. D. Antonio Praia.

O do sr. dr. Antonio Maria de Sousa.

O do sr. Henrique Burnay.

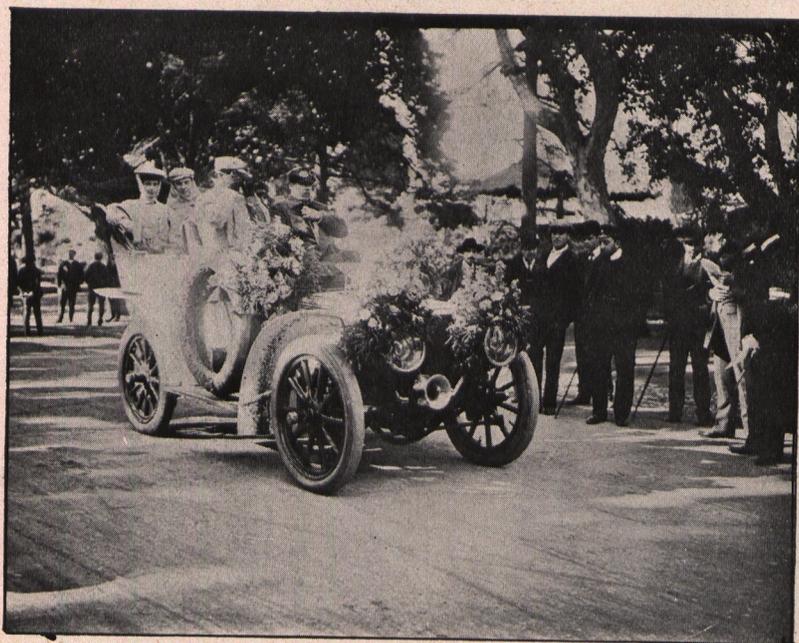
O do sr. Infante D. Affonso.

O do sr. Vasco Infante da Camara.

Os dois primeiros automoveis fizeram o percurso no mesmo tempo regulamentar, quer dizer, chegaram a todas as *controles*, tanto á ida como á volta, dentro da hora official e até mesmo adeantando-se a ella. Como, porem, o adeantamento não lhes podia ser descontado e a classificação devia ser feita unicamente sobre a hora regulamentar, a ambos foi



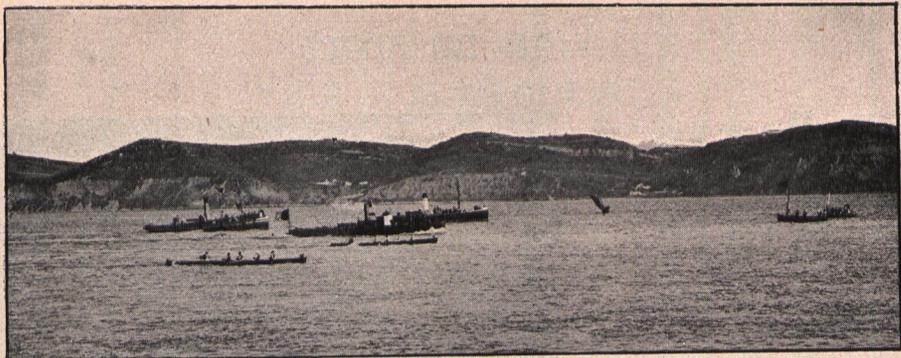
A CHEGADA



UM AUTOMOVEL FLORIDO

conferido o primeiro premio, isto é, medalha de *vermeil* e diploma.

Os carros haviam sido agrupados em quatro categorias, pertencendo os vencedores á terceira, da qual também foram classificados os dos srs. Henrique Burnay e Infante D. Affonso. Na quarta categoria não houve classificação porque nenhum dos carros inscriptos compareceu á partida. Na segunda foi apenas classificado o do



REGATA DA TAÇA LISBOA — A LARGADA

sr. Vasco Infante. Na primeira — *voitures* — também não houve classificação porque nenhum effectuou todo o percurso.

Taça Lisboa
 Foi disputada esta taça no dia 24 de maio, realisando-se, para esse effecto, quatro corridas, com o seguinte resultado:

1.^a—Entre a Real Associação Naval e o Club dos Aspirantes de Marinha, correndo este só por a primeira não ter comparecido.

2.^a—Entre o Real Club Naval e o Club Naval Madeirense, vencendo este.

3.^a—Juniors. Entre a Real Associação Naval, o Real Club Naval e o Club Infante D. Manuel, ganhando a primeira.

4.^a—Entre as embarcações vencedoras nas series eliminatorias: *Allair*, do Club dos Aspirantes de Marinha e *Insula*, do Club Naval Madeirense.

Venceu a ultima, pelo que a taça fica na posse do Club Naval Madeirense até maio do proximo anno, em que é de novo disputada

Jacquelin **O** CAMPEÃO do mundo em 1900 esteve entre nós

ha quinze dias, correndo no Velodromo de Lisboa. E comquanto elle já não seja para o sport o Jacquelin de ha seis annos, os amadores da velocipedia tiveram occasião de admirar os extraordinarios recursos d'esse corredor, ainda hoje bem visiveis.

Jacquelin desafiou Messori e a *equipe* de tandem Couto Lopes, que o haviam batido respectivamente na segunda e na primeira tardes. O desafio foi marcado para o dia 29



A INSULA, DO CLUB NAVAL MADEIRENSE

Annuncios

dos Serões

A empresa dos *Serões*, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção.

Annuncios não illustrados

1 pagina.....	10\$000 rs.
1/2 "	5\$500 »
1/4 "	3\$000 »
1/8 "	1\$500 »
1/16 pagina.....	\$800 »

DESCONTOS

Anno 20 0/0, semestre 15 0/0 e trimestre 10 0/0.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150\$000 rs.
1/2 »	100\$000 »
1/4 »	70\$000 »
1/8 »	50\$000 »
1/16 »	35\$000 »

Semestre 60 0/0 } Ao preço do anno
 Trimestre 40 0/0 }

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empresa estabelece ainda uma secção de *Pequenos annuncios*, os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais 80 réis.

Ferreira & Oliveira, Lt.^{da} — Livreiros Editores

LISBOA — RUA AUREA, 132, 133

D. João de Castro

JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras
de dois excursionistas meridionaes

INDICE:

Povoa do Varzim, Villa do Conde, Azurara — Braga — Jornada de Braga aos Arcos — Arcos de Val-de-Vez, Ponte da Barca — Uma jornada romantica — Aventuras na Barca — Ponte de Lima — Vianna do Castello — Valença, Caminha — Barcellos — *Conclusão*.

1 vol. in-8.^o br. 600 — Cart. 700 réis.

A' venda em todas as livrarias

Jornadas no Minho

Um bello dia dois amigos, antigos companheiros na escola e na esturdia, resolveram abandonar a civilização da cidade e ir, por esse Minho fóra, á cata de impressões, ar puro e natureza virgem. Percorrem todo o «jardim de Portugal», desde Braga a Barcellos, passando por Arcos, Ponte da Barca, Vianna, Valença e Caminha, e como sejam dois espiritos cultos e esthetas, vão annotando na sua derrota os encantos da paisagem, aqui e alem manchadas pelo Progresso ou pela phantasia profanadora de brazileiros de torna-viagem; os costumes dos povos, typicos e ingenuos, quasi infantis; os padrões de um passado heraldico e glorioso; os ridiculos da politica de campanario; tudo emfim, quanto constitue o relevo physico e a vida da pittoresca região minhota.

O relato d'essa encantadora excursão acaba de fazel-o D. João de Castro n'um volume intitulado *Jornadas no Minho*.